Loja Independente de Teosofistas

O JESUITA

Loja Independente de Teosofistas

OBRAS DO MESMO AUTOR

ROMANCE

O Sertanejo. — 2 vols. in-8º; enc. 6$, broch. 4$000.

Ubirajára, lenda tupy. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

Alfarrabios, chronica dos tempos coloniaes. — contendo:

I O Garatuja. — 1 vol.; in-8º enc. 3$, broch. 2$000.

II O Ermitão da Gloria — e — Alma de Lazaro. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

Cinco Minutos — e — A Viuvinha. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

O Guarany, 4ª edição nitidamente impressa. — 2 vols. in-8º; enc. 8$000. Edição de luxo, 2 vols. in-4º 10$000.

Iracema, lenda do Ceará. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

As Minas de Prata, romance historico. — 6 vols. in-8º; enc. 6$, broch. 12$000.

Til. — 4 vols. in-12; enc. 6$, broch. 4$000.

FOLHETINS

Ao correr da penna, 1 vol. in-8º; broch. 3$000

M. G.

Senhora, perfil de mulher, romance. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

Luciola, perfil de mulher, romance. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

Diva, perfil de mulher, romance. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

THEATRO

As azas de um anjo, comedia em 1 prologo e 4 actos. — 1 vol. in-8; enc. 3$, broch. 2$000.

O Demonio Familiar, comedia em 4 actos. — 1 vol. in-8º; enc. 3$000, broch. 2$000.

Mãe, drama em 4 actos. — 1 vol. in-8º; broch. 2$000.

Verso e Reverso, comedia em 2 actos; nova edição. — 1 vol. in-8º; broch. 1$000.

A noite de S. João, comedia lyrica. — 1 vol. in-8º, broch. 1$000.

POLITICA

Discursos, proferidos na Camara dos Deputados e no Senado, na sessão de 1869. — 1 vol. in-4º, broch. 2$000.

Discursos, proferidos na Camara dos Deputados em 1871. — 1 vol. in-8º; broch. 1$000.

O Systema Representativo. — 1 vol. in-4; broch. 4$000.

A Viagem Imperial. — 1 vol. in-8º $400.

SENIO

Guerra dos Mascates, chronica dos tempos coloniaes. — 2 vols. in-8º; enc. 6$, broch. 4$000.

Sonhos d'Oiro, romance. — 2 vols. in-8º; enc. 6$, broch. 4$000.

A Pata da Gazella, romance. — 1 vol. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

O Gaucho. — 2 vols. in-8º; enc. 3$, broch. 2$000.

O Tronco do Ipé. — 2 vols. in-8º; enc. 6$, broch. 4$000.

16 — Imprensa Industrial — Rua Sete de Setembro, 142

Loja Independente de Teosofistas

J. DE ALENCAR

O JESUITA

DRAMA

EM QUATRO ACTOS

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
Livreiro-editor do Instituto Historico
65 — RUA DO OUVIDOR — 65

1875

Loja Independente de Teosofistas

BIBLIOTECA LUIZ VIANA FILHO
Registro
2703
869.0(81)ALENCAR, J M
ALE

Loja Independente de Teosofistas

ACTORES

Dr. Samuel	Medico italiano.
Conde de Bobadella	Governador do Rio de Janeiro.
Estevão de Mendonça . . .	Pupillo de Samuel.
Fr. Pedro da Luz.	Reitor dos Jesuitas.
Jozé Bazilio da Gama. . . .	Noviço da Companhia.
D. Juan de Alcalá.	Aventureiro hespanhol.
Miguel Correia	Alferes.
Garcia	Indio.
Daniel	Cigano.
D. Constança de Castro . .	Filha natural do Conde
Ignez	Caseira de Samuel.

A scena é no Rio de Janeiro no anno de 1759. O 1º acto junto ao convento da Ajuda, o 2º em casa de Samuel, o 3º e 4º no Collegio dos Jesuitas sito no morro do Castello.

Loja Independente de Teosofistas

Loja Independente de Teosofistas

O JESUITA

ACTO PRIMEIRO

Um pequeno campo coberto de arvoredo nas faldas do morro do Castello, e defronte do convento da Ajuda, ainda não acabado.

SCENA PRIMEIRA

CONDE DE BOBADELLA E MIGUEL CORREIA

CONDE.

Então?

CORREIA.

Sahio.

CONDE.

Com quem fallastes?

Loja Independente de Teosofistas

CORREIA.

Com a sua caseira.

CONDE.

Quando volta? Perguntastes?

CORREIA.

Não sabe.

CONDE.

Impossivel...

CORREIA.

Insisti, porem nada pude colher.

CONDE.

Desconfiou talvez.

CORREIA.

Não creio. Disse-lhe, como me ordenou v. ex., que se tratava de um doente.

CONDE.

Não importa: elle ha de tornar. É preciso que hoje mesmo o tenha em meu poder.

CORREIA.

Como! É intenção de v. ex. prendel-o?

CONDE.

Não interroga sinão quem tem o direito de saber, Miguel Correia. Conhecereis minhas intenções, quando vos der as minhas ordens.

Loja Independente de Teosofistas

CORREIA.

Perdão, sr. Conde; sei o que devo a meu superior e o que me devo a mim mesmo; não tive proposito de interrogar a v. ex.; foi simples admiração.

CONDE.

E em que vos admira a prisão desse homem? Dizei-o!...

CORREIA.

Permitte o sr. Governador que eu seja franco?

CONDE.

Ordeno, si é preciso.

CORREIA.

Não ignora v. ex. que o doutor Samuel é estimado de todos; não ha miseria ou infortunio nesta cidade á que elle não leve um alivio ou um consolo. A sua sciencia é tão profunda, quanto sua bolsa é rasa; ao passo que uma serve ao rico, a outra pertence aos pobres.

CONDE.

E que conclues de tudo isto?

CORREIA.

Que a prisão desse homem, com ser uma injustiça, póde tornar-se um perigo. O povo o defenderá; os padres sobre tudo o sustentarão.

Loja Independente de Teosofistas

CONDE.

E eu o accusarei contra o povo, contra os jesuitas, contra todos. Não se dirá que um aventureiro zombou do conde de Bobadella e lutou impunemente contra a corôa de Portugal.

CORREIA.

Que diz, sr. Governador?

CONDE.

Digo que este velho não é o que pensais; mas um perigoso conspirador. Ha muito que o suspeitava; mas só hoje tenho a arma, que o deve ferir. (Mostra-lhe um pergaminho.) Reconheceis?

CORREIA.

O sello do marquez de Pombal?!...

CONDE.

Sim, daquelle que devia ser rei, si não fosse ministro de D. José 1º.

(Estevão entra.)

CORREIA.

Ah!... É o pupillo do doutor Samuel.

CONDE.

Não quero que nos veja. Voltemos ao paço; tomai uma guarda de vinte homens e occultai-vos nas vizinhanças. Ao meio dia estarei aqui; tenho despachos que escrever para as capitanias do sul.

Loja Independente de Teosofistas

SCENA II

IGNEZ, JOSÉ BAZILIO E ESTEVÃO

IGNEZ, ao descer encontra-se com José Bazilio.

Ai!... Não gosto destas graças, sr. estudante!

JOSÉ BAZILIO.

Não é graça, não, Ignez; é negocio muito serio. Tu me deste um abraço, devo pagal-o.

IGNEZ.

Fui eu que o dei!... Forte desafôro!

JOSÉ BAZILIO.

Bem sei que as mulheres não costumam confessar estas coisas; por isso pódes desculpar-te comigo.

IGNEZ.

Não tem vergonha! Um rapaz que traz este santo habito!

JOSÉ BAZILIO.

Pois é mesmo por isso. Este santo habito é uma *capa* de nossas mazellas.

(Descem á esquerda.)

IGNEZ.

E de todas as travessuras que o senhor faz ahi á surrelfa. Ah! si o Reitor o ouvisse!

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Que tinha isso?... A nossa regra prohibe com penas muito severas amar uma mulher, uma, entendes, Ignez? Isto quer dizer que devemos amar a todas.

IGNEZ.

Que herezia, santo Deus! E é um tonsurado quem diz semelhante coisa!

JOSÉ BAZILIO.

Não sou eu quem o diz, filha; é o mandamento: «Amar ao nosso proximo como a nós mesmos.» Tu és meu proximo, Ignez; e eu estou tão proximo de ti que... (Ameaça beijal-a,)

IGNEZ.

Sr. estudante!... Não se engrace; olhe que eu conto a frei Pedro!

JOSÉ BAZILIO.

Está bem; não vai a zangar, filha. Fallemos de cousas urgentes. Onde encontrarei o doutor Samuel?

IGNEZ.

Pergunta a quem não lhe sabe responder. Ainda ha pouco procuraram por elle para ver um doente, e não lhe pude valer.

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Como ha de ser? Precisava fallar-lhe sem demora.

IGNEZ.

Ha alguma coisa lá pelo convento? O que aconteceu?

JOSÉ BAZILIO.

Está tudo em uma balburdia, que ninguem se entende. Chegou-nos um capitão hespanhol, uma especie de ferrabraz que pôz toda a casa em alvorôto: e o padre Reitor mandou-me a toda a pressa entregar esta carta ao doutor Samuel.

IGNEZ.

Que será, bom Deus? Talvez alguma das do sr. Governador contra os santos padres de Jesus.

JOSÉ BAZILIO.

Decididamente não me dizes onde o acharei?

IGNEZ.

Ora!... Aquillo é homem que nunca se sabe onde anda.

JOSÉ BAZILIO.

O verdadeiro é esperar. — Chega-te, filha.

IGNEZ.

Já começa com as suas brincadeiras!

JOSÉ BAZILIO.

Não; agora trata-se de um objecto muito grave.

Loja Independente de Teosofistas

IGNEZ.

O que é? Vamos a ver.

JOSÉ BAZILIO.

Com o barulho que havia lá pelo convento frei Bandurra, sabes, o nosso dispenseiro, esqueceu-se do refeitorio.

IGNEZ.

E que tem isso?

JOSÉ BAZILIO.

Tem, que sinto uma fome de sexta-feira; ainda estou com a bocca com que dormi.

IGNEZ.

Entendo! Quer que vá apromptar-lhe o almoço?

JOSÉ BAZILIO.

Benta palavra! Vae, filha, vae. Não te esqueça um daquelles franguinhos recheados como sabes preparar.

IGNEZ.

Só pensa em comer e vadiar.

JOSÉ BAZILIO.

Não gastes o tempo com palavras. Si queres, vou ajudar-te.

IGNEZ.

Muito obrigada! Dispenso.

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Pois então emquanto espero, vou fazer-te um soneto, para pagar o almoço.

IGNEZ.

Como aquélla cantiga?

JOSÉ BAZILIO.

Sim, mas avia-te!

IGNEZ.

Arre lá com tanta pressa!

JOSÉ BAZILIO.

Ah! onde anda Estevão?

IGNEZ.

Hade estar lá no seu canto costumado, ás voltas com os livros.

SCENA III

JOSÉ BAZILIO E ESTEVAO

JOSÉ BAZILIO.

Em que pensas, Estevão?

ESTEVÃO.

José Bazilio!... Oh! estimei que viesses.

JOSÉ BAZILIO.

Tens alguma coisa que dizer-me?

ESTEVÃO.

Sim, e uma coisa bem importante para nós ambos.

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO, a rir.

Vamos a isso, apezar de que ainda não almocei, e as emoções em jejum causam certo desarranjo.

ESTEVÃO.

Não gracejes, José Bazilio. O momento não é para isto. Quando souberes...

JOSÉ BAZILIO.

Desculpa!... Este meu genio!... Sou incorrigivel! Mas não faças caso; sabes que sob esta apparencia frivola, bate o coração de um amigo.

ESTEVÃO.

E de um bom e sincero amigo, a quem posso confiar-me.

JOSÉ BAZILIO.

Falla! O que tens para dizer-me?

ESTEVÃO.

Uma palavra, uma só; mas uma triste palavra. Vou dizer-te adeus!

JOSÉ BAZILIO.

Tu partes?

ESTEVÃO.

Estou decidido.

JOSÉ BAZILIO.

Quando?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Amanhã.

JOSÉ BAZILIO.

Para onde?

ESTEVÃO.

Não sei.

JOSÉ BAZILIO.

Mas é um projecto louco!

ESTEVÃO.

É uma resolução inabalavel.

JOSÉ BAZILIO.

Pensaste bem no passo que vais dar?

ESTEVÃO.

Pensei em tudo; e decidi quebrar de uma vez esta cadeia que me prende. Amanhã deixarei esta terra.

JOSÉ BAZILIO.

E que destino levas?

ESTEVÃO.

Vou para onde me lançar a sorte. O lugar pouco importa, com tanto que seja livre!

JOSÉ BAZILIO.

Mas, Estevão, reflecte no futuro que te espera. Só e sem recursos, sem parentes...

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Deus deitou-me orphão e engeitado neste mundo.

JOSÉ BAZILIO.

Porém deu-te um protector e amigo que velou sobre a tua infancia. A habitação do doutor Samuel é para ti a casa paterna; tu não podes, não deves fugir della.

ESTEVÃO.

Fugir!... Estás enganado, José Bazilio, si pensas que pretendo partir ás occultas como um criminoso.

JOSÉ BAZILIO.

O doutor Samuel consentirá?

ESTEVÃO.

Sou um homem; tenho o direito de dirigir-me pela minha vontade. Ainda não fiz voto de obediencia.

JOSÉ BAZILIO.

Assim, não ha razão que te faça mudar de proposito; nem a dor daquelle que te serve de pai; nem o pedido de um amigo?

ESTEVÃO.

Devo partir.

JOSÉ BAZILIO

Neste caso, não me resta senão dizer-te que a todo o tempo acharás sob esta grosseira estamenha o mesmo amigo que hoje abandonas.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

José Bazilio !... Não me acuses ! Não me julgues ingrato !

JOSÉ BAZILIO.

Lamento-te ; não tenho o direito de accusar, Estevão.

ESTEVÃO.

Vou abrir-te minha alma. Ouve e julga-me. Sabes o respeito e a admiração que voto ao homem que me recolheu como um filho, quando meus pais me atiraram á rua como um fardo inutil. Elle tem sido para mim, mais do que um amigo ou protector, mais do que uma familia. Tambem o que eu sentia não era amor, era um culto. Sua vontade era a minha lei ; quando ha dois annos communicou-me seu desejo de que eu entrasse na companhia de Jesus logo que terminassem os meus estudos ; recebi essa nova com a mesma satisfação que tinha sempre que podia cumprir uma ordem sua.

JOSÉ BAZILIO.

E eu alegrei-me com a esperança de que a minha cella ia receber a outra metade de minha alma que andava erradia pelo mundo.

ESTEVÃO.

A mim tambem sorrio esta esperança. Mas então... Perdôa-me, José Bazilio ! Então o coração não havia despertado ; o horizonte da vida

Loja Independente de Teosofistas

não se abrira : ignorava ainda que acima da religião, do respeito filial, da amizade, ha um outro sentimento mais forte e mais profundo que domina o homem e o possue todo e tanto que a existencia se resume nelle.

JOSÉ BAZILIO

O amor ?

ESTEVÃO.

Sim, o amor. Como eu o senti não sei dizer-te: Vi uma menina, vi-a um instante, porém esse instante foi uma revolução em minha vida ; a alma elevou-se da terra ; e eu engrandeci-me com este sentimento novo. Sonhei glorias, poder...

JOSÉ BAZILIO.

Oh ! comprehendo tudo agora ! É este amor que te obriga á uma resolução desesperada.

ESTEVÃO.

É este amor que me faz ambicioso, e que me dá sêde de liberdade !... Quero merecel-a ! (D, Juan apparece.)

JOSÉ BAZILIO.

Alguem nos escuta !

ESTEVÃO.

Um soldado !... Por estes lugares !

JOSÉ BAZILIO.

Parece-me que já vi esta figura de matamouro.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Vê se consegues affastal-o; preciso estár só aqui. Depois fallar-te-hei...

JOSÉ BAZILIO.

Onde nos encontraremos?

ESTEVÃO.

Na portaria da Ajuda.

JOSÉ BAZILIO.

Não te demores.

SCENA IV

JOSÉ BAZILIO E D. JUAN.

D. JUAN

Bom dia, senhor roupeta!

JOSÉ BAZILIO.

Deus o salve, senhor gibão rafado!

D. JUAN.

Hein!... Que é isso lá?

JOSÉ BAZILIO.

Perdão! Pelo tratamento de v. m. julguei que era uso agora appelidar-se a gente pelo vestuario.

D. JUAN.

Pois para que não se adiante, saiba que tem a honra de fallar ao insigne capitão D. Juan Fuerte de Alcalá, fidalgo hespanhol, actualmente ao serviço d'El-rei D. José I, nosso senhor, que Deus guarde. (Tira o chapéo.)

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO

Servo de v. m. José Bazilio da Gama, noviço estudante na companhia dos Padres de Jesus que tem a sua collegiada no morro do Castello desta cidade de S. Sebastião. (Tira o chapéo.)

D. JUAN.

Conheço... Conheço a tal collegiada! De lá venho agora.

JOSÉ BAZILIO.

Assim me parecia; lembrava-me tel-o deixado quando sahi.

D. JUAN.

E si não tomasse a bôa resolução de pôr-me ao fresco, ainda lá estaria á esta hora olhando para as paredes á espera que os malditos frades se decidissem a dar uma palavra. Com a bréca! É uma casa de mudos!

JOSÉ BAZILIO

Que lhe succedeu então?

D. JUAN

Ora!... Chego, pergunto pelo Reitor, levam-me a um velho caróla; exponho-lhe o caso em termos claros; o reverendo escreve uma carta, levanta-se e até agora o espero. Dirijo-me a uns barbaças que andavam como baratas de um lado para outro, e por toda a resposta levam o dedo á

Loja Independente de Teosofistas

bocca. Pelas chagas de Christo! Era de mais. Pucho da espada; a fradaria barafusta por um corredor, e eu ganho a ladeira.

JOSÉ BAZILIO, rindo.

Ora, deixe estar, senhor capitão, que para outra vez não lhe hade acontecer o mesmo. Lá estarei, e conversaremos á larga.

D. JUAN.

Para outra vez! Pois não! Tinha que ver si eu voltasse á semelhante casa.

JOSÉ BAZILIO.

Mas o negocio de que ia tratar?

D. JUAN.

Que se arranjem! Si quizerem, procurem-me; o negocio é delles.

JOSÉ BAZILIO.

Entretanto, segundo ouvi, foi isso que o trouxe ao Rio de Janeiro?

D. JUAN.

Historias!... Uma bella manhã passeiava pelo caes do Sudré quando deram-me tentações de viajar. Eu cá sou da eschóla de Cezar; um navio levantava a ancora: decidi, embarquei, e cheguei.

JOSÉ BAZILIO.

Hontem á noite no galeão S. Martinho?

Loja Independente de Teosofistas

D. JUAN.

Justamente.

JOSÉ BAZILIO.

Mas para dicidir-se assim á uma viagem tão precipitada devia ter uma razão forte.

D. JUAN.

Eu lhe digo. Estava em Lisbôa muito a meu commodo ; porém a minha, bolsa, que entrára na capital da Lusitania bem recheada, ficára reduzida a cinco patacas em prata. Ora, eu sigo um systema ; quando não tenho dinheiro viajo.

JOSÉ BAZILIO.

É inteiramente o contrario do que os outros costumam.

D. JUAN.

Não duvido ; dou-me perfeitamente com o meu systema ; tenho percorrido as quatro partes do mundo ; na Europa passei por um principe viajando incognito ; na Asia por um pachá de tres caudas ; na Africa pelo novo propheta.

JOSÉ BAZILIO.

Na America, passará pelo que é !...

D. JUAN.

Aqui pretendo casar-me com uma caboclinha, filha de algum cacique que traga-me em dote uma mina de ouro e um alqueire de diamantes. E quem me hade arranjar isto, é lá o seu Reitor.

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Ah ! Já pretende voltar ao convento ?

D. JUAN.

Pois não !... Elle virá ter comigo.

JOSÉ BAZILIO.

Esta é mais curiosa !

D. JUAN.

Veremos ! O que eu lhe disse hoje lhe dará a curiosidade de saber o resto.

JOSÉ BAZILIO.

Pelo que parece, é cousa muito importante !

D. JUAN.

Não ; são duas palavras, mas aposto que s. ex. o senhor conde de Bobadella, daria por ellas de olhos fechados a somma de mil cruzados.

JOSÉ BAZILIO.

Sim !... E porque não lh'os pedio ainda ?

D. JUAN.

Porque ?... Porque os frades podem dar o dobro ; si não quizerem, então vou ao Governador. Quando se arrependerem será tarde. Até á vista. (Affasta-se.)

JOSÉ BAZILIO.

Senhor capitão ?

Loja Independente de Teosofistas

D. JUAN.

Que temos?

JOSÉ BAZILIO.

Escute por mercê.

D. JUAN.

Vá lá, mas depressa; que eu estou demorado por estes sitios.

JOSÉ BAZILIO.

O senhor ignora de certo que vim do convento trazer uma carta.

D. JUAN.

A tal carta do Reitor?

JOSÉ BAZILIO.

Essa mesma; elle escreveu ao doutor Samuel.

D. JUAN.

Quem é esse doutor Samuel?

JOSÉ BAZILIO.

É um medico italiano, homem de muito saber e virtudes a quem o padre Reitor costuma consultar.

D. JUAN.

Ah! E onde se encontra esse homem precioso?

JOSÉ BAZILIO.

Olhe; ali está a casa.

Loja Independente de Teosofistas

D. JUAN.

Bom ; vou já fallar-lhe.

JOSÉ BAZILIO.

Com licença ! Sahio, mas não póde tardar ; tambem estou á sua espera.

D. JUAN.

Hein !... Tudo isto me parece uma zombaria... Mas eu acabo a historia, indo daqui direito ao Governador. Adeus, senhor roupeta. Diga ao Padre-mestre que breve lhe darei noticias minhas. (Estevão entra pela direita e approxima-se de José Bazilio, que não o vê. D. Juan vai sahir pela esquerda.)

SCENA V

JOSE BAZILIO, D. JUAN E ESTEVÃO.

JOSÉ BAZILIO.

Ouça, capitão, não se vá !

ESTEVÃO, a José Bazilio.

Como !... Em vez de affastal-o, queres demoral-o !

JOSÉ BAZILIO.

É verdade; tinha-me esquecido do que me pediste.

D. JUAN, a Estevão.

Ólá, senhor moço !... Nesta terra é uso não saudar os outros ?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Nesta terra cada qual segue o seu caminho sem dizer impertinencias a quem não conhece.

D. JUAN.

Pelas chagas de Christo!... Tens a lingua muito longa, meu rapaz, mas não tanto quanto a folha desta espada. (Desembainha,)

JOSÉ BAZILIO.

Que é isto, capitão? Quer brigar a esta hora?

ESTEVÃO.

Guarde a sua espada para melhor occasião, quando estivermos sós; e então prometto-lhe que não a tirará de balde.

D. JUAN.

Quando e onde quizer. Ás suas ordens. (Vai sahir,)

JOSÉ BAZILIO.

Escute! Escute! Tenho um negocio a communicar-lhe! (D. Juan pára.)

ESTEVÃO, baixo a José Bazilio,

Não sei que interesse tens em demorar este homem, apezar do que te pedi! Preciso estar só aqui.

JOSÉ BAZILIO, a Estevão.

Não te amofines; vou arranjar isto. Não sabes em que arriosca estou mettido.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Como assim?

JOSÉ BAZILIO.

Este homem tem um segredo importante para a Ordem.

D. JUAN.

Então, senhor noviço; acha que tambem deve fazer me esperar?

JOSÉ BAZILIO.

É um instante!

ESTEVÃO.

Deixa-o ir.

JOSÉ BAZILIO.

Não é possivel. Vai ao Governador.

ESTEVÃO.

Então, queres retel-o?

JOSÉ BAZILIO.

Ha um meio de conciliar tudo.

D. JUAN, desce.

Que negocio é esse que tem a communicar-me?...

JOSÉ BAZILIO.

Uma cousa importante!... (a Estevão.) Lá se vai o almoço!

Loja Independente de Teosofistas

D. JUAN.

Pois desembuxe de uma vez!

JOSÉ BAZILIO, a Estevão.

Não ha remedio!

D. JUAN.

Então, falla ou não?...

JOSÉ BAZILIO.

Agora... Capitão, sem preambulos, convido-o a almoçar comigo.

D. JUAN, rindo.

Serio?

JOSÉ BAZILIO.

Infelizmente, é muito serio.

D. JUAN.

Toque, e vamos a isso! (Affasta-se.)

JOSÉ BAZILIO, a Estevão.

Vês a enormidade do sacrificio que te faço? Na historia de Castor e Pollux não ha exemplo de outro tão sublime.

ESTEVÃO, sorrindo.

É que tu não imitas; aperfeiçôas os modellos.

(Sahem José Bazilio e D. Juan.)

Loja Independente de Teosofistas

SCENA VI

ESTEVÃO E CONSTANÇA.

ESTEVÃO.

Emfim, ella não póde tardar!

CONSTANÇA.

Ah!... Não sabe quanto custou-me chegar até aqui!... A todo o momento cuidava que me viam, que me seguiam... Foi uma imprudencia vir a este sitio!... .Ainda estou toda tremula... Não vê?...

ESTEVÃO.

Este sitio é deserto a esta hora, e alem disto, não está quasi em sua casa, Constança?

CONSTANÇA.

Por isso mesmo; era melhor que o esperasse.

ESTEVÃO.

Não; precisava fallar-lhe sem testemunhas; tenho tanto que dizer-lhe, e vou passar tanto tempo sem vêl-a!

CONSTANÇA.

Sem ver-me!... E porque?... Já não lhe causam prazer nossos alegres serões, a conversar com minha bôa mãi, que todas as noites nos abençôa?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Não me lembre essas doces reminiscencias, Constança, que me tira a coragem de confessar-lhe tudo! É para vivermos juntos, sempre; para nunca mais nos separarmos, que vou deixal-a.

CONSTANÇA.

Meu Deus. Quer deixar-me, Estevão?... Oh! comprehendo!.... Já não me ama, e como sabe que para mim perde-lo seria morrer, consola-me com essa tenue esperança de um futuro que não se deve realisar!

ESTEVÃO.

Offende-me cruelmente com essa suspeita injusta!.... Si fosse possivel que um dia deixasse de amal-a, tenho bastante lealdade para confessa-lo e pedir meu perdão. Mas creio que isto não é possivel, e que mil vidas que tivesse não saciariam esse prazer de adoral-a, de rever a minha alma, em seus olhos...

CONSTANÇA.

E vai deixar-me!... E vai partir!...

ESTEVÃO.

Sim!... Porque a amo, porque sua innocencia é para mim tão sagrada, tão pura, que eu temo offendêl-a com uma affeição criminosa.

CONSTANÇA.

Não sei o que quer dizer, Estevão! Para mim a

Loja Independente de Teosofistas

felicidade é vê-lo e ama-lo ; a seu lado nada receio, e sinto-me tão tranquilla como aos pés do altar.

ESTEVÃO.

E tem razão ! Meu amor a respeita, mas elle me domina, e Deus sabe as lutas silenciosas de meu coração, a força de vontade que é preciso para resistir aos impulsos d'este sentimento poderoso !

CONSTANÇA.

Porque não me ama como eu lhe amo, sem temor e inquietação ?

ESTEVÃO.

Sua candidez não comprehende isto. Porque é minha noiva á face de Deus, Constança ; mas não é ainda minha esposa para o mundo.

CONSTANÇA.

Não lhe dei eu a minha alma ?

ESTEVÃO.

Deu-me sua alma, Constança, e é por isso que eu respeito em sua virtude a minha felicidade futura. Parto ; voltarei para pedir-lhe um bem que me pertence.

CONSTANÇA.

E ha necessidade de partir, quando a ventura está tão perto de nós ? Hoje é o amigo de meu coração ; não póde amanhã ser meu...

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Diga, diga esse nome!... Quero ouvil-o de sua bocca!... Diga... seu...

CONSTANÇA.

Meu marido!

ESTEVÃO.

Seu marido!... Ah! si os seus labios, pronunciando esta palavra a sanctificassem como a voz do ministro do Senhor!... Mas bem sabe, Constança, que não é possivel!

CONSTANÇA.

Porque diz isto?

ESTEVÃO.

Sua vontade não é livre como seu coração. Esse protector desconhecido e poderoso que a vê ás occultas consentirá que seja minha esposa?!

CONSTANÇA.

Elle é bom! Faz todas as minhas vontades.

ESTEVÃO.

É uma esperança que a illude. Interessa-se por seu futuro; é talvez seu parente e a destina a algum fidalgo.

CONSTANÇA.

Não! Eu lhe confessarei que o amo; que esse amor é a minha felicidade!

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Lembre-se, Constança, que sou engeitado; não recebi de meus pais nem a herança que o mendigo deixa a seu filho, um nome.

CONSTANÇA.

E que me importa isto?... No mundo não existe outro homem para mim; não conheço a ninguem mais. Nobreza, cabedaes, não valem para mim o seu coração.

ESTEVÃO.

Obrigado, Constança, obrigado! Eu a encontro como a sonhei! Mas é preciso que me eleve á altura de seu amor, e o conseguirei. A sociedade desherdou-me; minha familia renegou-me; mas Deus me deu coragem para lutar com o meu destino e vencê-lo. Tranquillise-se, não me esperará muito tempo.

CONSTANÇA.

Como! Ainda está resolvido a partir?

ESTEVÃO.

É forçoso!

CONSTANÇA.

Oh!... eu lh'o peço!... Vae matar-me!

ESTEVÃO.

Então não me estima!

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA.

Não diga isto, Estevão.

ESTEVÃO.

Si me estima, deve ter a coragem do sacrificio. Cuida que tambem a mim não custa esta separação?

CONSTANÇA.

Sim, sim!... Eu terei coragem, já que é preciso.

ESTEVÃO.

Agora, antes de nos separarmos, uma ultima graça.

CONSTANÇA.

O que, meu amigo?...

ESTEVÃO, ajoelhando-se,

Abençôe-me; Deus fallará por seus labios; e sua palavra cahirá sobre mim como a uncção divina.

CONSTANÇA, beijando-o na fronte,

Adeus!

(Samuel apparece no fundo.)

ESTEVÃO, erguendo-se.

Ah! Tu me santificaste, Constança. Sou outro homem; sinto-me com forças de fazer impossiveis. Levo tua alma neste beijo; eu a restituirei depondo a teus pés minha vida inteira. (Abraça-a.)

Loja Independente de Teosofistas

SCENA VII

CONSTANÇA, ESTEVÃO E SAMUEL

SAMUEL.

Tua vida, meu filho, já não te pertence.

CONSTANÇA.

Ah!...

ESTEVÃO.

Senhor!...

SAMUEL.

Porque vos assustais, Constança? Minha presença não deve inquietar-vos. Um pai é sempre bemvindo quando se trata da felicidade de seu filho. A affeição que tenho a Estevão envolve todos que lhe são caros, como vós, Constança.

CONSTANÇA.

Ah! si fosse verdade o que dizeis!... Mas vossas palavras ha pouco eram tão severas! Parecêram-me uma reprehensão!

SAMUEL.

Eram apenas um conselho de amigo. Minha voz lembrava a Estevão que elle não póde dar-vos, e que vós não podeis acceitar, a sua vida.

CONSTANÇA.

Porque, meu Deus? Não mereço eu o seu amor?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Calai-vos, senhor!.... Ides despedaçar-lhe a alma. Puni-me, porem respeitai-a.

SAMUEL.

Si uma mulher n'este mundo podesse ligar sua vida á existencia de Estevão, essa devieis ser vós, Constança; vós que sois bella como sua alma, pura como o seu coração. Mas isto é impossivel! Elle já quebrou os laços que o prendiam á sociedade; um abysmo vos separa; um abysmo profundo, que nenhum poder da terra póde supprimir.

ESTEVÃO.

Que quereis dizer, senhor?... Explicai-vos!

CONSTANÇA.

Sim!... Fallai!... Por piedade! Meu espirito se perde!... Quero comprehender... não posso!... Quero duvidar.....

SAMUEL.

Não duvideis! Emquanto é tempo salvai-vos; salvai a elle que se perde, salvai-me a mim, que vivo delle e por elle.

CONSTANÇA.

Salvar-me... Salvar-vos... e de que?

SAMUEL.

A vós, de um sacrilegio; a elle, de um perjurio; e a mim de uma perda irreparavel.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Senhor!... Senhor!... Vós me enlouqueceis!

CONSTANÇA.

E me torturais nesta incerteza horrivel! Não sabeis como eu o amo!

SAMUEL.

Amastes a Estevão, minha filha; mas não podeis amar um frade.

CONSTANÇA.

Ah!...

ESTEVÃO.

Mentis, senhor!

SAMUEL

Meu filho!

ESTEVÃO.

Perdão, perdão!... Foi um desvario, uma allucinação! Vossos labios são o altar da verdade e da sciencia! Mas a razão me abandona! Eu frade!... Quando, meu Deus?... quando professei?... Fiz votos algum dia?... E dizeis que eu sou... Não!... não!... Vosso espirito se illude... ou perdi a memoria do passado... a recordação do que fui e do que sou.

SAMUEL.

Ergue-te, Estevão, e abraça-me. Sou eu que

Loja Independente de Teosofistas

preciso do teu perdão ; és tu que me deves absolver da grande falta que commetti ; talvez de um crime !

ESTEVÃO.

De um crime !

SAMUEL.

Ignoras que muitas vezes os homens chamam crime as grandes abnegações que elles não comprehendem !

ESTEVÃO.

Vejo em tudo isto um mysterio que me confunde.

SAMUEL.

E que vou revelar-te. Mas esta menina não deve ouvir-nos ; basta o fél que já lhe verti no coração. (Approximando-se de Constança). Soffreis muito, minha filha ?

CONSTANÇA.

Oh ! horrivelmente !

SAMUEL.

Ha um consolo supremo para as grandes dores.

CONSTANÇA.

As lagrimas.

SAMUEL.

O céo !

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA.

O céo!... É verdade!... Chegar-me para Deus é ainda approximar-me delle.

SAMUEL.

Senti-vos com força de ir até vossa casa?

CONSTANÇA.

A igreja está aberta. Far-me-ha bem rezar agora.

SAMUEL.

Ide, minha filha, e perdoai o mal que vos acabo de fazer.

CONSTANÇA.

Antes de partir... É a ultima vez... Elle ainda é meu irmão.

SAMUEL.

Entendo. Desejais dizer-lhe adeus? Tendes razão.

CONSTANÇA.

Consentis?

SAMUEL.

Porque o negaria?... (remonta.)

Loja Independente de Teosofistas

SCENA VIII

ESTEVÃO E CONSTANÇA.

CONSTANÇA.

Não me quer dizer, adeus ; Estevão?

ESTEVÃO.

Constança !... Depois, do que se acaba de passar?... Não me despreza então?... Não me olha como um ente vil e infame?

CONSTANÇA.

Somos irmãos pela desgraça e pelo coração.

ESTEVÃO.

Que bem me fazem suas palavras! Sinto que não estou louco, porque ainda a amo! Sinto que vivo porque sua voz ainda faz estremecer as fibras do meu corpo. Adeus, adeus, Constança.

CONSTANÇA.

Para sempre?

ESTEVÃO.

Não!... Qualquer que seja esse cruel destino que peza sobre mim, qualquer que seja o mysterio que me envolve; só tenho consciencia de uma cousa: sou livre, dei-lhe minha existencia: feliz ou desgraçada, ella pertence-lhe. Espere-me, pois, espere-me sempre!... Si eu não puder viver em seus braços, juro que virei morrer a seus pés!

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA.

Morreremos juntos !... A morte é o unico bem que não se póde roubar ao desgraçado !

ESTEVÃO.

Adeus !... Ame-me !

CONSTANÇA.

Vou esperal-o, Estevão !

SCENA IX

SAMUEL E ESTEVÃO.

SAMUEL, SÓ.

Meu Deus. Si o que eu acabo de fazer, é uma desgraça, perdoai-me ! Si é um crime, puni-me !

ESTEVÃO.

Estamos sós. Não me occulteis nada, senhor; tenho coragem para encarar com a minha sorte, qualquer que ella seja !

SAMUEL.

Chegou o momento de revelar-te um facto que decidio de tua vida, meu filho ; elle era necessario ; tenho consciencia de que praticando-o cumpri o dever que a Providencia me impoz quando te confiou á minha affeição. Procedi como pai e como amigo ; tu me julgarás.

ESTEVÃO.

Eu vos escuto.

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Lembras-te do dia em que me prometteste abraçar a vida religiosa e entrar no convento dos jesuitas ?

ESTEVÃO.

É verdade que vos fiz então essa promessa ; porém não previ que me seria impossivel cumpril-a. Amo, senhor ! Este sentimento espontaneo, irresistivel, que Deus creou em minha alma, essa lei fatal da natureza que faz pulsar o coração do homem, tem mais força do que uma simples promessa.

SAMUEL.

Mas essa promessa, feita nas minhas mãos, é um juramento ; é mais do que um juramento : é um voto !... Naquelle momento tu professaste, Estevão !

ESTEVÃO.

Eu !...

SAMUEL.

É esta a falta de que me accuso e que me deves perdoar. Era preciso que vivesses exclusivamente para a religião, e eu sacrifiquei á ella tua vida. Nas palavras que pronunciei então, e que não comprehendeste, acceitei os teus votos, e te sagrei em nome do Senhor. Tu és jesuita !...

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Jesuita!... Escarneceis de Deus, senhor! Quem sois vós? E que poder tendes para assim decidir com uma simples palavra, do destino dos homens?

SAMUEL.

Quem sou eu?... Não sei, Estevão; talvez um fanatico, um insensato, que corre atraz de uma sombra; talvez o autor de uma grande revolução e o architecto obscuro de uma obra gloriosa. O futuro responderá. Christo, o enviado de Deus, foi crucificado; Galilêo, o martyr da sciencia, queimado por herege; Colombo, o inventor do novo mundo, escarnecido por charlatão. Como elles a posteridade dirá o que sou: si um apostolo, si um louco.

ESTEVÃO.

Emfim, senhor, já ouvi o que desejava saber. Dispozestes da minha vida; era o vosso direito, porque até hoje me alimentastes com o vosso pão.

SAMUEL.

Estevão!... Não sabes quanto é duro o que me acabas de dizer!

ESTEVÃO.

Confesso a verdade; era o vosso direito. Chegou o tempo, porém, de reassumir a minha liberdade.

Loja Independente de Teosofistas

Renego os votos que fiz sem consciencia; hoje mesmo deixarei para sempre vossa casa.

SAMUEL.

Não!... É impossivel!... Tu és meu filho!... Sim! Que importa que a tua carne não seja a minha carne? Que o meu sangue não gire em tuas veias? Que eu não tenha creado o teu corpo? Tu és o filho do meu espirito!... A tua razão, fui eu que a bafejei, que a embalei no berço da sciencia, que a illuminei com os raios de minha intelligencia. Durante vinte annos verti no teu seio, parcella por parcella, scentelha por scentelha, toda a minha alma. E agora, que nada me resta, queres abandonar-me?...

ESTEVÃO.

Sei que tenho para comvosco uma divida sagrada! Mas não me dissestes um dia que todo o homem pertence ao seu futuro? Meu futuro é o amor; elle nos separa.

SAMUEL.

Não, Estevão, Deus nos unio; nem o mundo, nem as suas paixões, podem separar-nos. Meu filho, escuta-me. Quando uma noite, ha vinte annos, a mão desconhecida de um mercenario te depôz na minha porta, e á luz da alampada que tinha allumiado a minha vigilia vi-te estendendo-me os braços a sorrir, senti-me renascer! Recebi-te como um anjo do Senhor, que vinha proferir a palavra do

Loja Independente de Teosofistas

propheta e bradar-me : — Ávante !... Sim, nessa noite, pela primeira vez, a duvida entrára em meu espirito e entorpecêra-me a coragem. Obreiro infatigavel de um monumento gigantesco que demanda seculos para a sua realisação, eu tinha feito o que era possivel ao homem. Mas que momento não é a vida da creatura na rotação do mundo ? Que valem annos para as grandes revoluções que marcam uma epocha ? Sentia-me velho, via o tumulo abrir-se diante de mim. Não temia a morte ! Daria com prazer á terra um despojo inutil. Mas a alma ?... A idéa ?... A só lembrança de que ella ia de novo voltar ao nada, donde eu a havia arrancado, era uma tortura immensa, horrivel ! Foi n'esse momento que te recebi em meus braços. Reanimei-me... Pareceu-me que Deus dava-me o teu corpo infantil para que eu innoculasse n'elle a minha alma, quando o meu de velho e cansado já não pudesse carregal-a. Cumpri a vontade de Deus. Não te eduquei, não ; revivi, resuscitei-me em ti. Eu sou o passado, tu és o futuro ; mas ambos formamos uma só vida, um só pensamento.

ESTEVÃO.

Mas não o meu coração !... Oh !... porque m'o não arrancastes ?... Então este amor não se apoderaria d'elle, e não usurparia os vossos direitos de pai : eu poderia ser a imagem do que fostes, a sombra da vossa grande intelligencia !... Ago-

Loja Independente de Teosofistas

ra!... É tarde!... Exigi de mim todos os sacrificios... Meu amor, não; esse não posso dar-vos... É della!...

SAMUEL, pausa.

Pois bem! Já que assim é preciso... (Com esforço.) faça-se a tua vontade, meu filho: ama essa mulher!

ESTEVÃO, pasmo.

Como!... Vós mesmo... Quereis!...

SAMUEL.

Quero tudo, comtanto que não me abandones nunca.

ESTEVÃO.

Oh!... reunir em uma só adoração as duas grandes affeições de minha vida, é a ventura suprema!... Parece-me um sonho!

SAMUEL.

E o que é a existencia?

ESTEVÃO.

Mas... Essa promessa feita em vossas mãos?

SAMUEL.

Tranquillisa-te. O poder que crêa não seria poder si não destruisse.

ESTEVÃO.

Assim?

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

És livre!

ESTEVÃO.

Ah! Permittis que dê esta bôa noticia a Constança?

SAMUEL.

Podes ir vê-la. Não me opponho.

ESTEVÃO.

Obrigado!

SAMUEL.

Depois vem ter comigo; quero hoje mesmo confiar-te o segredo de minha vida.

ESTEVÃO.

Sim, meu pai!

SCENA X

SAMUEL, só

Rude combate!.... Senti que minha coragem vacillava! Não; ainda que devesse profanar a pureza d'essa menina!... Ainda que fosse necessario sacrificar a sua vida. Sim a sua vida!... O que é a creatura n'este mundo sinão o instrumento de uma idéa?... Elle amará!... Mas comprehenderá, emfim qual amor é digno do filho d'esta terra virgem! (Absorto.) Brazil!.. Minha patria!.. Quantos

Loja Independente de Teosofistas

annos ainda serão precisos para inscrever teu nome, hoje obscuro, no quadro das grandes nações?.... Quanto tempo ainda serás uma colonia entregue á cobiça de aventureiros, e destinada a alimentar com as tuas riquezas o fausto e o luxo de thronos vacillantes?... (Pausa; arrebatado pela inspiração.) Antigas e decrepitas monarchias da velha Europa!... Um dia comprehendereis que Deus quando semeou com profusão nas entranhas desta terra o ouro e o diamante, foi porque reservou este sólo para ser calcado por um povo livre e intelligente!...

Loja Independente de Teosofistas

ACTO SEGUNDO

Sala em casa do Dr. Samuel; paredes brancas a cal com florões de pintura a fresco; no fundo alpendre sobre o qual abrem duas janellas e uma porta; á direita e á esquerda portas. Mobilia de jacarandá torneado: cadeiras, papeleiras e dois bufetes no proscenio.

SCENA PRIMEIRA

IGNEZ, DANIEL E MENDIGOS

A scena está cheia de mendigos. Ignez com uma vassoura querendo varrer a casa.

IGNEZ.

Ora já viram uma cousa assim?... Mette-se esta sucia de esfarrapados em casa, que não ha meio de livrar-se a gente de uma semelhante praga!... Vamos lá, desentulhem o beco, sinão... A

Loja Independente de Teosofistas

vassoura fez-se mesmo para varrer o cisco. (Empurra-os debalde.)

UM MENDIGO.

O doutor?

TODOS OS MENDIGOS.

O doutor?

IGNEZ, arremedando-os.

Doutor! doutor!.. Elle mesmo é que tem a culpa de atural-os. (A Daniel que entra) Não me livrarás desta corja de malandros, tu que és outro que tal?

DANIEL.

Vae lá dentro, que voltando não os acharás.

IGNEZ.

Ora que partes. (Sahe.)

DANIEL, aos mendigos.

Irmãos, cheguem-se todos e ouçam, que estes segredos não se dizem em voz alta. O governador trama contra o doutor Samuel; esta manhã seu ajudante aqui veio talvez para prendêl-o: a escolta ficou occulta na cerca do convento. Trouxe cada um seu punhal?

MENDIGOS, á uma.

Ei-lo!

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Emquanto a mão puder brandir este punhal, o inimigo não se approximará do doutor Samuel.

MENDIGOS.

Não!

DANIEL.

Nosso corpo será a muralha de sua casa.

MENDIGOS.

Sim!

DANIEL.

Vão; deitem-se pelo terreiro. Foi para isto que os chamei aqui. (Sahem os mendigos.)

SCENA II

DANIEL E IGNEZ

Daniel encosta-se á porta da varanda. Ignez entra com a vassoura.

IGNEZ.

Já sumiram-se? Ora graças!

DANIEL.

Onde está o doutor?

IGNEZ.

No gabinete. (Cantando e varrendo.)

Loja Independente de Teosofistas

Varre, varre, rapariga,
Que o dia já vem raiando;
Olha que teu amo briga,
Si te pilha vadiando.

Tem andado esta casa hoje n'uma desordem!... Ainda não tive tempo para nada, e é já meio sol... Ai!... Ai!...

Traz a casa aceiadinha,
Tudo limpo em seu lugar;
Fogo acceso na cosinha
Meza posta p'ra almoçar.

Aquelle rapaz José Bazilio tem idéas! Havia de inventar esta cantiga... Mas é que o sr. Estevão diz que elle dá para a trova... Ha de ser galante, um padre trovista!

Varre, varre, rapariga,
Que o dia já vem raiando...

DANIEL.

O doutor ainda estará no gabinete?

IGNEZ.

Si elle fechou-se com o capitão hespanhol! Mas que tens tu? Estás com cara de judeu!

DANIEL.

Ninguem sabe o que nos trará o dia de hoje, Ignez.

IGNEZ.

Arréda com os maus agouros! (Vendo Garcia no alpendre) Quem será?

Loja Independente de Teosofistas

SCENA III

IGNEZ, DANIEL E GARCIA

GARCIA, para fóra.

Ólá amigo! Dê agua ao tordilho, e ponha-o á sóga!... Onde o vê está com dez leguas no costado. Caramba!

IGNEZ.

Jesus!... Que figura!

GARCIA.

O Senhor esteja nesta casa. Adeus muchacha! Deus o salve, amigo!

IGNEZ.

Sua serva. (A Daniel.) Que quererá elle?

DANIEL.

Pergunta-lhe.

GARCIA.

É aqui a pousada do doutor Samuel?

IGNEZ.

Pousada! É aqui que elle mora, mas agora não está em casa.

GARCIA, deitando os arreios a um canto.

Esperarei por elle!

Loja Independente de Teosofistas

IGNEZ.

Não volta tão cêdo.

GARCIA.

Não faz mal.

IGNEZ, a Daniel.

É caboclo e basta. Birrento como esta casta de gente. (A Garcia.) Mas o amo não vem hoje.

GARCIA.

Virá amanhã.

IGNEZ.

Nem amanhã, nem depois, nem toda esta semana!

GARCIA.

É o mesmo; esperarei até que venha.

IGNEZ.

E si não vier nunca?

GARCIA.

Caramba! Espero sempre!

IGNEZ.

Pois espere! (Garcia tira a faca para preparar a palha de um cigarro.) Ai!... Virgem Santissima!

GARCIA.

Que dengues são esses, muchacha?

Loja Independente de Teosofistas

IGNEZ, com medo.

Meu Deus!... Que vai elle fazer?

GARCIA.

Nunca viu um homem preparar o cigarro? (Passa a palha á bocca, tira o fumo do bolço e o desfaz na palma da mão.)

IGNEZ.

Ah!... Já sei!... É essa herva fedorenta que se fuma!

GARCIA.

Herva fedorenta!... O tabaco?... Não sabe o que diz, muchacha. Uma fumaça de cigarro, uma cuia de mate, um beijo de moça, e o meu tordilho por junto, é tudo que ha de melhor neste mundo.

IGNEZ, a Daniel.

Que gentio asselvajado, senhor Deus!... Tu sabes donde vem, Daniel?

DANIEL.

Deixa-me!

IGNEZ.

Iche! Que cousa aborrecida!

GARCIA.

Bom; o tordilho tem pasto para muitos dias.

Loja Independente de Teosofistas

Tratemos cá do patricio. (Arranja no fundo á direita uma cama com a xerga e o cochonilho.) Não vai a matar.

IGNEZ.

Que faz ahi?

GARCIA.

O que vê; estou me preparando para esperar o homem. Caramba! Uma semana não se passa como um dia.

IGNEZ.

Vio-se já cousa semelhante?... Parece que está nas suas quintas... Mas olhe... o amo não tarda a chegar.

GARCIA.

Melhor!...

IGNEZ.

Portanto não precisa espalhar pela casa toda essa trapalhada!

GARCIA, deitando-se.

Preciso descançar, muchacha; ha tres noites que durmo a cavallo. (Fazendo um gesto.) Até logo.

IGNEZ.

Está direito!... Dá-se uma sem cerimonia como esta?... O amo que se entenda com este herege. (Batem na grade.) Ha de ser o padre Reitor.

Loja Independente de Teosofistas

SCENA IV

IGNEZ, DANEL, GARCIA, FREI PEDRO E JOSÉ BAZILIO

Quando Ignez abre a porta entram Fr. Pedro, e José Bazilio com uma pequena bolsa de dinheiro.

FR. PEDRO, descendo.

Chegaremos a tempo?

JOSÉ BAZILIO, idem.

Ainda não é meio-dia.

FR. PEDRO.

Estaes bem certo que o doutor Samuel fixou esta hora?

JOSÉ BAZILIO.

Repetiu duas vezes.

FR. PEDRO.

Deitai esta bolsa sobre aquelle bufete; e avisai-o de minha chegada.

IGNEZ, beijando a manga do habito.

Com licença de vossa reverendissima. O sr. doutor me recommendou que quando chegasse o reverendo padre Reitor, lhe pedisse para ter a bondade de esperar.

FR. PEDRO.

Bem, filha. (Passeia no alpendre.)

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO, baixo a Ignez.

Donde sahiu aquelle bugre?

IGNEZ, idem.

Sei lá! Appareceu aqui de repente, e foi logo tomando conta da casa.

JOSÉ BAZILIO, idem.

E o doutor já o viu?

IGNEZ, idem.

Não. (Sahe.)

SCENA V

FR. PEDRO, JOSÉ BAZILIO, GARCIA, DANIEL E ESTEVÃO.

JOSÉ BAZILIO.

Ainda estás decidido a partir?

ESTEVÃO

Não, é impossivel agora.

JOSÉ BAZILIO.

Porque?

ESTEVÃO.

Depois que te deixei houve uma revolução na minha vida.

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO

O que se passou então ?

ESTEVÃO.

É um segredo que não me pertence, José Bazilio.

JOSÉ BAZILIO.

Então, guarda-o meu amigo.

FR. PEDRO, no alpendre.

José Bazilio !

JOSÉ BAZILIO.

Padre Reitor.

FR. PEDRO.

Tornai ao convento, e previni que não se inquietem com a minha ausencia.

JOSÉ BAZILIO, a Estevão.

Está dito! Hoje não faço outra cousa sinão ir e vir. Ah! Quando Deus me dará uma vida tranquilla e a liberdade para escrever o que tenho aqui !... (levando a mão á fronte.)

ESTEVÃO.

Tu tambem sonhas com a liberdade ?

JOSÉ BAZILIO.

E quem póde viver sem ella ? Adeus.

Loja Independente de Teosofistas

SCENA VI

SAMUEL, Fr. PEDRO, DANIEL e GARCIA
dormindo.

SAMUEL.

Já viste Constança, meu filho ?

ESTEVÃO.

Agora mesmo a deixei ; ella vos ama como eu.

SAMUEL.

Bem !

ESTEVÃO.

Não dissestes que desejaveis fallar-me ?

SAMUEL.

Sim ; quero confiar-te a missão que Deus te destinou ; porém antes, deixa-me ouvir estes homens que me esperam. Sabes o que elles representam, Estevão ?

ESTEVÃO.

Como posso eu sabel-o, senhor ?

SAMUEL.

É verdade, ainda ignoras ! Estes homens são os tres instrumentos poderosos que Deus collocou em minha mão para a realisação de um grande pensamento. Eil-os... Um velho frade, um pobre cigano, um indio adormecido. Quem diria, vendo

Loja Independente de Teosofistas

estas tres creaturas aqui, reunidas neste momento pelo acaso, que ellas são as pedras angulares de um magestoso edificio, novo capitolio do alto do qual uma nação poderosa dará leis ao mundo !... Eil-os !... A religião, a miseria, a raça !... E tu, Estevão, tu serás a intelligencia que ha de dirigi-las, o espirito que as deve animar, a vontade que as governará até que chegue o momento !...

ESTEVÃO.

Entendo as vossas palavras, senhor ; mas o seu alcance escapa á minha intelligencia.

SAMUEL.

Aquelle habito, meu filho, quer dizer vinte mil jesuitas espalhados pela terra e dominando a consciencia do universo ; aquelle cigano significa um povo numeroso, proscripto, sem patria, disposto a morrer por aquelle que lhe prometter um abrigo neste mundo onde é estrangeiro ; aquelle indio simbolisa a raça indomita e selvagem da America, prompta a reconquistar a liberdade perdida. Comprehendes agora ?

ESTEVÃO.

Oh !... Comprehendo ! Mas como esse poder immenso acha-se em vossas mãos, senhor ?

SAMUEL.

Volta em meia hora ; eu t'o direi.

Loja Independente de Teosofistas

SCENA VI

SAMUEL, FR. PEDRO, DANIEL, GARCIA E IGNEZ.

Ignez entra, acorda Garcia, e fecha as janellas, Daniel chega-se apressadamente a Samuel.

DANIEL.

Vossa vida corre perigo neste momento!

SAMUEL.

Porque?

DANIEL.

Vi soldados escondidos na cerca do convento da Ajuda.

SAMUEL.

Que tem isso?

DANIEL.

O governador esta manhã rondou as vizinhanças de vossa casa.

SAMUEL.

Ah! Já tardava!... Espreita o que se passa fóra, e previne-me a tempo.

DANIEL.

Podeis ficar tranquillo. Alguns de meus irmãos velam em torno, disfarçados em mendigos; e emquanto o ultimo de nós conservar um pulso para

Loja Independente de Teosofistas

brandir o punhal, ninguem se approximará de vossa pessôa.

SAMUEL.

Bem; confio em tua dedicação. (Dirigindo-se á varanda.) Vinde padre Reitor. (A Garcia.) E vós amigo, ide continuar o somno interrompido.

GARCIA, á puridade.

Venho das Missões.

SAMUEL, idem.

Sei. Ha quanto tempo deixastes o Paraguay?

GARCIA.

Ha um mez; andei dia e noite.

SAMUEL.

Ide; careceis de repouso; depois fallaremos. (Fecha a porta.)

SCENA VIII

SAMUEL E FR. PEDRO

SAMUEL.

Recebi vossa carta, padre Reitor, e agradeço-vos a prova de confiança que me dais consultando-me em objecto tão grave.

FR. PEDRO.

Não tendes que agradecer-me, doutor Samuel.

Loja Independente de Teosofistas

Nisto cumpro uma ordem do Geral da companhia de Jesus ao Reitor da casa do Rio de Janeiro que manda-me ouvir-vos nas coisas importantes da communidade.

SAMUEL.

Já me fallastes desta ordem; mas, em todo o caso, é sempre uma deferencia de vossa parte.

FR. PEDRO.

Não; é um dever; e cumpro-o com satisfação pela amizade que vos consagro.

SAMUEL.

Tratemos do que importa. Esse aventureiro tem realmente um segredo, mas faz delle uma mercancia. Pareceo-me conveniente compral-o; e por isso vos mandei aviso.

FR. PEDRO.

E virá elle?.... Disse-me José Bazilio que esta manhã, antes de chegardes, ameaçou de ir ao Governador.

SAMUEL.

Soube d'isto; mas não era preciso. O homem que traz um segredo de importancia, é uma carta que deve ser entregue em mão propria; e que, depois de lida, inutilisa-se, quando convém. (Levanta-se.) O aventureiro está neste gabinete á vossa disposição; podeis interrogal-o quando quizerdes.

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Conseguistes retêl-o aqui tranquillo durante todo este tempo?.... Exerceis uma influencia irresistivel sobre quantos vos cercam, doutor Samuel!

SAMUEL.

Não ha homem que não tenha o seu calcanhar de Achilles. O hespanhol gosta do vinho; e sabeis, frei Pedro, quanto é facil que esse companheiro de prazer nos faça seu escravo.

FR. PEDRO.

Ah! usastes deste meio?

SAMUEL.

É tão vulgar!.... (na porta.) Capitão!....

SCENA XI

SAMUEL, FR. PEDRO E D. JUAN

D. JUAN.

Ora, finalmente!.... Vamos acabar com isto?

SAMUEL.

Frei Pedro da Luz, reitor do collegio da Companhia, está prompto a ouvir-vos.

D. JUAN.

Maldito vinho!.... Ainda sinto a cabeça andar-me ás voltas! (Samuel senta-se á mesa.)

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Sr. Capitão, impozestes como condição da revelação do segredo de que sois sabedor, a somma de mil cruzados; aqui estão sobre esta mesa, elles vos pertencem, si, como dizeis, o que tendes a communicar-me fôr em verdade importante.

D. JUAN.

Julgareis por vós mesmo. Vou contar-vos o que se passou até o momento em que ví aquillo que eu tenho por um segredo de grande alcance para vossa Ordem. Si entenderdes que vale a pena, muito bem, digo-vos a ultima palavra, já se sabe, com a mão sobre a bolsa; si não, meia volta á direita: cada um seu rumo.

FR. PEDRO.

Aceito; podeis começar. (Sentam-se. Samuel finge escrever.)

D. JUAN.

Sabeis que o galeão em que vim sahio de Lisbôa repentinamente e com um prego do proprio punho do ministro?

FR. PEDRO.

Não; ignorava esta circumstancia. (Samuel escreve.)

D. JUAN.

Pois ella deo-se. Ao mesmo tempo sahiram

Loja Independente de Teosofistas

dois outros navios que nos deixaram no terceiro dia. Foi então que soubemos que o nosso destino era o Rio de Janeiro. A bordo do *S. Martinho* só havia dois passageiros; este seu criado, que embarcou sem saber onde o levavam; e um rapazito, official mecanico na apparencia.

SAMUEL.

Porque dizeis na apparencia?

D. JUAN.

Porque realmente era um noviço da companhia de Jesus disfarçado em aprendiz.

FR. PEDRO, vivamente.

E o descobriram?

D. JUAN, sorrindo.

No fim da viagem apenas. O Sargento-mór teve denuncia de um marujo que o vio ás occultas agarrado com a sagrada escriptura.

SAMUEL, a meia voz.

Imprudente! (D. Juan volta-se.)

FR. PEDRO.

Como! Só por isso?

D. JUAN.

Achais que é pouco?.... Um aprendiz de vinte annos letrado?....

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

E o que succedeo depois d'aquella denuncia? Deveis sabêl-o.

D. JUAN.

Succedeo que o Sargento-mór em pessôa sahiu ás onze horas da noite de sua camara e veio bater á porta do beliche do rapaz, que era vizinho ao meu. Curioso de saber o que ia passar, abri com o punhal uma fresta no tabique, e olhei.

FR. PEDRO.

Então?

D. JUAN.

O rapaz mal ouviu a voz do Sargento-mor, que batia á porta, ergueu-se de um salto! Tirou do seio um relicario, rasgou-o com os dentes, e sacou uma tira de pergaminho, que approximou da candêa. Á luz que o reduzia a cinzas, vi escripto em letras de fogo....

FR. PEDRO.

Acabai!

D. JUAN.

Vi... vi... Nada; com jesuita não ha que fiar.

FR. PEDRO.

O que vistes? Dizei!

Loja Independente de Teosofistas

D. JUAN.

Cuidei que o padre Reitor tinha entendido. Chegamos ao ponto capital. O que eu vi naquelle momento é o segredo. Quereis ou não dar o preço convencionado?

FR. PEDRO.

Tomai!... tomai!... E conclui de uma vez!

D. JUAN.

Isto agora é outro cantar. Attendei. Vi no pergaminho, como vos estou vendo, o seguinte: na primeira linha tres letras iniciaes um — M —, um — T —, um — P —. Depois esta data: — *Quatorze de Novembro* — e assignado: — G. M.

SAMUEL.

Gabriel Malagrida!

D. JUAN.

Justo!

FR. PEDRO.

Quatorze de Novembro!... Que póde ser isto?... E não vistes nada mais?

D. JUAN.

Nada... Ah!... Vi ainda o Sargento-mór deitar a porta dentro e apoderar-se do rapaz.

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Que é feito d'elle? Está aqui no Rio de Janeiro?

D. JUAN.

Não sei. O mar e a noite guardam um segredo que não me pertence.

FR. PEDRO.

É incomprehensivel!

D. JUAN.

A fallar a verdade não está muito claro, mas que o negocio é importante não resta duvida! Basta ver que traças não empregaram os padres em Lisbôa para arranjarem a ordem de passagem do noviço, rubricada pelo proprio ministro. Ou me engano, ou é alguma noticia de empenho que elles vos mandavam.

FR. PEDRO.

De que serve essa noticia, si não posso entendel-a?... si não sei o qué ella significa?

D. JUAN.

Isso lá não me pertence. Disse o que vi, adivinhai o resto.

FR. PEDRO.

Como, meu Deus, como decifrar semelhante enigma?... Mas... Quem sabe?... Talvez es-

Loja Independente de Teosofistas

quecesseis alguma cousa !... Talvez houvesse no papel alguma palavra !...

D. JUAN.

Não tenho a honra de pertencer á companhia de Jesus, porém, possuo excellente vista e não sou dos mais pecos. (Tirando a espada com a bainha.) Quanto vi aqui está na bainha da minha espada, onde o risquei com a ponta do punhal naquelle mesmo instante. (Samuel ergue-se e olha por cima do hombro do hespanhol, emquanto Fr. Pedro examina a bainha da espada.)

FR. PEDRO.

Não ha duvida : M. T. P.

D. JUAN.

Tive o cuidado... Podia esquecer-me ; e eu adivinhei logo que isto bem apurado deixaria alguma coisa. (Batendo na cinta.) Cá está, e por signal que ainda não as contei. (Tira a bolsa e conta as moedas.)

FR. PEDRO.

Podeis verificar ; achareis a somma convencionada.

D. JUAN.

Está exacto. E agora creio que já não sou preciso aqui ?

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Quereis retirar-vos ?

D. JUAN.

Si me dais licença.

FR. PEDRO.

Onde poderei mandar pelo senhor capitão ?

D. JUAN.

Em toda a parte; o que quer dizer que em parte alguma.

FR. PEDRO.

Si carecer fallar-vos ?

D. JUAN.

Com a mesma condição ? (Batendo na bolsa.)

FR. PEDRO.

Certamente.

D. JUAN.

Ah ! neste caso me encontrareis sempre ás vossas ordens no jogo da bola de Bento Esteves, á rua do Alecrim. É lá que me aboletei.

FR. PEDRO.

Bem.

D. JUAN, cortejando.

Seu venerador, padre mestre !... Senhor dou-

Loja Independente de Teosofistas

tor . . . (Dirige-se á porta que depois de sua sahida é fechada por Fr. Pedro.)

SAMUEL, reflectindo.

Sim !... Gabriel Malagrida depositou n'aquelle pergaminho o seu pensamento. Ah ! si eu tivesse diante de meus olhos, em vez deste papel, as letras mysteriosas que elle traçou, talvez uma scentelha de seu espirito me illuminasse !

SCENA X

SAMUEL e FR. PEDRO.

FR. PEDRO.

Ouvistes ? (Samuel faz um signal affirmativo.) Comprehendeis o que significa isto ?

SAMUEL.

Não!... Interrogo este papel, e nada me responde. Será possivel, meu Deus ? !... Será possivel que a vontade do homem, a quem deste a força de governar o mundo, não possa arrancar destes caracteres mudos a verdade que elles occultam ? Será possivel que o pensamento, esse raio de tua luz divina, que esclarece o universo, não possa descobrir a idéa envolta nestas tres letras ? (Reflecte.)

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Oh!... é escusado! Isto excede os limites da sabedoria humana.

SAMUEL.

Não, frei Pedro! Deus fez a intelligencia omnipotente como elle, porque a intelligencia não é sinão o reflexo da sua razão suprema!... E este reflexo eu o sinto aqui!... Oh! eu o quero... Eu o saberei!

FR. PEDRO.

Não vos fatigueis, meu amigo; depois, quando estivermos mais calmos, reflectiremos.

SAMUEL.

Acaso me enganaria? A luz que me abria os vastos horizontes do pensamento extinguio-se de repente, deixando meu espirito em trevas!... Perdestes as azas com que devassavas o mundo, minha intelligencia?... (Com desanimo.) Deus punio-te em teu orgulho!...

FR. PEDRO.

Repito-vos, Samuel, é inutil.

SAMUEL.

Mas.... o meu cerebro ainda trabalha!.... Sim.... Eu ainda penso!.... O cahos fermenta.... lembro-me.... (com os olhos no papel.) Uma idéa....

Loja Independente de Teosofistas

a Biblia.... Daniel.... Babylonia!.... (Levanta-se com expressão de jubilo.) Ah!

FR. PEDRO.

O que tendes?.... O que é?....

SAMUEL.

Quatorze de Novembro! Eu leio agora neste papel como si a mão do anjo do Senhor gravasse ahi em letras de fogo a palavra do propheta; como si a voz possante do Apocalypse me bradasse ao ouvido a sentença do juizo final!.... Quatorze de Novembro! Comprehendeis, frei Pedro?

FR. PEDRO.

Não! Não posso comprehender-vos, meu amigo!

SAMUEL.

Pois não vedes alli o dia da ruina, *o dies iræ* da destruição, o dia da proscripção dos jesuitas no reino do Brazil? Nestas tres letras, não ledes o *Mané, Tecel, Pharés*, que a mão de Deus gravou sobre os muros de Babylonia, e que a vingança de um homem vai escrever nas paredes de vosso convento?

FR. PEDRO.

Que dizeis, Samuel!.... Os jesuitas expulsos do Brazil?.... Não o creio! É um delirio da vossa imaginação.

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

É a verdade! Oh! um momento o meu espirito debateo-se nas trévas; duvidei de mim! Mas Deus illuminou-me, rompeu-se o véo, e tudo me apparece agora claro. Fecho os olhos e vejo.... (como enxergando uma visão.) Eil-o! O busto severo do ministro omnipotente que medita a sua obra de destruição. Uma aureola de triumpho resplandece em sua larga fronte. Elle sorri e estende a mão! A mão poderosa que ergueu a nova Lisbôa das ruinas do terremoto, que lutou contra a Inglaterra e curvou Portugal a seus pés!.... Traça algumas linhas: é a sentença da proscripção; é a condemnação dos jesuitas. O rei assignou, só falta executal-a!....

FR. PEDRO.

Meu Deus!

SAMUEL.

Cuidais que o marquez de Pombal vae entregar essa missão a agentes subalternos, como si fosse uma lei vulgar? Não! No orgulho de seu poder esse homem tem a pretenção de imprimir a seus actos a força irresistivel, rapida e fatal que Deus deu aos elementos: quer ferir como o raio, como a peste; quer que no mesmo instante, a mil leguas de distancia, a sua vontade se realise como um decreto da Providencia.

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO, abatido.

Julgaes então que no mesmo dia....

SAMUEL.

No mesmo dia e á mesma hora! A quatorze de Novembro os jesuitas serão presos em todo o o Brazil.

FR. PEDRO.

Mas, doutor Samuel, explicai-me como tivestes semelhante idéa?

SAMUEL.

Não posso agora descrever a elaboração do meu espirito para chegar á certeza moral. Não se descreve o cahos, não se descrevem as lutas da natureza em convulsões: assim tambem não se descreve a gestação do pensamento quando suscita do nada o atomo que depois se torna uma idéa. Porém, si quereis saber o que leio nestas palavras truncadas, vou explicar-vos.

FR. PEDRO.

Sim, esclarecei-me, porque o meu espirito se perde.

SAMUEL.

Gabriel Malagrida soube o segredo da extincção dos jesuitas, e quiz prevenir-vos para que salvasseis da consfiscação o vosso thezouro.

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Que thezouro?

SAMUEL.

O que possue a Ordem na sua casa do Castello.

FR. PEDRO.

Mas eu ignoro onde se acha.

SAMUEL.

É um segredo que alguem deve saber. Não conheceis o governo do Instituto?

FR. PEDRO.

É verdade.

SAMUEL.

Antes de promulgar a lei, o ministro manda ao Brazil ordem para que a execução tenha lugar no mesmo dia. Então Gabriel obtem uma passagem e faz partir o noviço que trazia um relicario com as letras que só vós podieis comprehender. Para esclarecer o vosso espirito, mostrou a esse menino o versete de Daniel que elle devia indicar-vos quando chegasse. Finalmente, por excesso de prudencia, recommendou-lhe que, no caso de perigo, rompesse o relicario, decorasse as palavras do pergaminho, e destruisse as provas materiaes que o podiam comprometter. Eis a razão porque esse

Loja Independente de Teosofistas

menino lia a Biblia; eis a razão porque elle desappareceo; eis a razão porque partem de Lisbôa ao mesmo tempo tres navios cujos destinos se ignora. Duvidais ainda?

FR. PEDRO.

Não! Não duvido! Admiro-vos, doutor Samuel! Porém, que devo fazer? Aconselhai-nos; mais do que nunca precisamos de vossa experiencia.

SAMUEL.

Tranquillisai-vos; estamos a 29 de Outubro, temos ainda quinze dias. D'aqui até lá muitos acontecimentos podem sobrevir, que mudem a face das coisas. Voltai ao convento. Sobre tudo, nem uma palavra, nem um gesto que revele o segredo.

FR. PEDRO.

Não era preciso recommendar-me. Entrego em vossas mãos nossa causa; só vós nos podeis salvar. Quando nos veremos?

SAMUEL.

Breve. (Sahe frei Pedro.)

SCENA XI

SAMUEL E DANIEL.

SAMUEL, SÓ.

Tu ousaste, Sebastião de Carvalho?... E tives-

Loja Independente de Teosofistas

te razão! Trocadas as posições, eu ministro de Portugal, faria o mesmo, e abateria de um golpe o poder collossal que te ameaçava! Mas ainda não venceste, não! Podes rasgar o habito e matar o frade, mas o homem do futuro viverá! Oh! ainda não venceste, não!... (Daniel apparece no fundo.) Que ha?

DANIEL.

Por ora, nada; mas é bom acautelar-vos.

SAMUEL.

Não te inquietes. Que tens feito? Como vai o teu plano?

DANIEL.

Bem; n'este momento existem no paiz, pelo menos, vinte mil dos nossos irmãos; outros tantos já deixaram a Bohemia e se encaminham á Hespanha, donde contam passar ao Brazil.

SAMUEL.

E nesta cidade, quantos?

DANIEL.

Cinco mil espalhados pelos arredores, mas promptos ao menor signal.

SAMUEL.

Assim, si eu quizesse...

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Podieis contar com vinte mil homens dispostos a conquistar uma patria. Basta um anno para reunil-os no lugar que determinardes. Dizei uma palavra!

SAMUEL.

Não; ainda não é tempo; ainda não chegou o momento em que esta terra deve abrir o seio de mãe, onde vossos irmãos vagabundos descançarão da longa peregrinação que têm feito pelo mundo. Eu vos prometti uma patria. Juro que a tereis, uma bella e nobre patria. Filhos da Asia, achareis n'ella o sol do Oriente com todo o seu esplendor, a natureza em sua pompa, a vida cheia de força, de poesia e de liberdade! Mas esperai!

DANIEL.

Esperaremos. Quem tem esperado seculos, não conta alguns annos que faltam ainda...

SAMUEL.

Sois actualmente vinte mil. É pouco para este immenso territorio em que a Providencia vos concede um asylo; continuai a imigração, reuni aqui todas as tribus que vivem esparsas pela Europa, chamai todos os vossos irmãos; e quando fordes cem mil, duzentos mil, então...

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Não tardará muito esse dia. Em menos de cinco annos não haverá em toda a Europa um só filho da Bohemia. Nossa raça proscripta, dispersa, se refugiará n'este canto do mundo, que será para ella a terra da redempção. Só pedimos um solo onde plantar nossa tenda. (Entra apressadamente um mendigo que falla ao ouvido de Daniel.)

SAMUEL.

Contai comigo.

DANIEL.

O governador dirige-se para aqui. Este irmão o viu.

SAMUEL.

Deixai-o vir. Ainda não chegou o momento de nos encontrarmos face á face; elle, o poder da velha Europa; eu, a alma da joven America. (sahem.)

SCENA XII

IGNEZ E CONSTANÇA.

IGNEZ, para fóra.

Entrai, entrai; não ha ninguem.

CONSTANÇA.

Faço mal!... O doutor póde ver-me!

Loja Independente de Teosofistas

IGNEZ.

Elle está recolhido; não sahe agora.

CONSTANÇA.

Quem é este homem que me viu entrar?

IGNEZ.

É um pobre cigano, Daniel. Não vos conhece.

CONSTANÇA.

E aquelles soldados que passavam não me terão visto?

IGNEZ.

Ainda estavam tão longe!

SCENA XIII

ESTEVÃO E CONSTANÇA.

ESTEVÃO.

Constança, aqui?

CONSTANÇA.

Sim, meu amigo; corri sem saber o que fazia!... Queria dar-lhe uma alegre nova e sahi na esperança de ve-lo; Ignez obrigou-me a entrar. Fiz mal?

ESTEVÃO.

Não; aqui junto de mim póde estar tranquilla;

Loja Independente de Teosofistas

será respeitada. Que nova é essa que vinha annunciar-me? (Ignez sahe.)

CONSTANÇA.

Não vê como sou feliz?!...

ESTEVÃO.

Porque? A não ser a felicidade de poder amala, e que para mim é immensa, qual outra nos póde vir?

CONSTANÇA.

A de não nos separarmos mais nunca, Estevão! Elle consente.

ESTEVÃO, sorprezo.

Elle quem? Seu protector!

CONSTANÇA.

Sim! Eu bem lhe disse que elle era bom, que me queria. Depois que me deixou, Estevão, fiquei tão contente por saber que fôra apenas um máo sonho quanto se tinha passado!... Fiquei tão contente que chegando elle, cobrei animo e conteilhe tudo...

ESTEVÃO.

Tudo? Disse-lhe que nos amavamos? Fez mal, Constança.

Daniel entra precipitado, pára no meio da scena e passa á direita sem que o percebam.

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA, com arrufo.

Fiz muito bem!... (Sorrindo.) Elle me escutou; depois sorriu. — « Tu o amas muito? », perguntou-me. —« Como ao senhor », respondi-lhe. Então sentou-me em seus joelhos e disse-me: — « Estou certo que o teu coração não escolheria um homem que o não merecesse. Si esse homem fôr digno de ti, como supponho, confiarei delle a tua ventura. »

ESTEVÃO.

Ah!... E chama a isso felicidade, minha Constança. Como seu amor se illude! Julga-me digno de si, mas seu protector, que vê com os olhos da razão, lhe fallará outra linguagem, quando souber quem sou.

(Daniel volta e sahe.)

CONSTANÇA.

Porque não me deixa acabar? Disse-lhe que Estevão é pobre; e sabe o que elle respondeu-me?

ESTEVÃO.

Adivinho.

CONSTANÇA.

Não é o que pensa, não! Respondeu que a riqueza não vale uma alma nobre; que esta só Deus a dá e póde tirar; emquanto que a outra o homem

Loja Independente de Teosofistas

a adquire com o seu trabalho e póde perdêl-a a todo instante.

ESTEVÃO.

Respondeu-lhe isto, Constança?

CONSTANÇA.

Respondeu-me, sim. Elle quer vê-lo e conhecê-lo.

ESTEVÃO.

A mim?... Para que?...

CONSTANÇA.

Oh! não recuse!.... Eu lh'o peço. Elle prometteu-me que o protegeria, e lhe faria seguir uma bella carreira.

(O Conde de Bobadella apparece no fundo.)

ESTEVÃO.

Qual é essa carreira? Não o disse?

CONSTANÇA.

Espere! Não me interrompa. Prometteu-me tambem... são suas palavras: «Quando esse mancebo fôr um cavalheiro brioso e valente, eu mesmo lhe darei tua mão»... Olhe que não sou eu quem falla... «lhe darei tua mão como primeira recompensa de seu valor.»

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Constança!... Não faça-me crer na ventura, para soffrer depois um cruel desengano. Sua memoria a illude!

O alpendre enche-se de soldados com Miguel Correia, que entra á direita sem fazer rumor.

CONSTANÇA.

Ainda ouço suas palavras, ainda escuto a sua voz grave e doce.

(O Conde de Bobadella adianta-se.)

ESTEVÃO:

Quem sabe?... É talvez uma promessa vaga, feita unicamente para não contraria-la.

SCENA XIV

CONDE DE BOBADELLA, ESTEVÃO E CONSTANÇA

CONDE.

A promessa que fiz a esta menina, eu a renovo e confirmo.

CONSTANÇA.

Ouve?!... É elle, Estevão.

ESTEVÃO.

Elle!... O sr. governador!...

Loja Independente de Teosofistas

CONDE.

Acaso este titulo me roubará o de vosso amigo, que desejo?

ESTEVÃO.

Perdão, senhor; mas.... a admiração.... o respeito...

CONDE.

Interesso-me por seu futuro, Estevão. A razão já deve saber. (Aponta para Constança.) Os olhos que fallam á sua alma têem grande poder sobre o meu coração. Ama esta menina?

ESTEVÃO.

Como amaria minha mãe si a conhecesse. Mas receio não ser digno d'ella!

CONSTANÇA, baixo ao Conde.

Não lh'o disse? Elle é nobre e modesto.

CONDE, a Estevão.

Este sentimento o honra, mas não deve desanimar; é preciso que mereça aquella que ama.

ESTEVÃO.

É o meu mais ardente desejo, senhor!

CONDE.

É moço; leio em sua physionomia intelligencia e coragem. Si lhe falta um passado, tem diante

Loja Independente de Teosofistas

de si um longo futuro. Faça-o tão bello que elle possa reparar os erros de seus pais e encher de orgulho a mulher que Deus lhe der por companheira.

ESTEVÃO.

O que é preciso fazer para isto? Estou prompto! Apontae-me o caminho!

CONDE.

O caminho!... Não o vê diante de seus olhos? Nos sonhos da sua imaginação juvenil não brilha uma estrella que o attrahe e o fascina?

ESTEVÃO, electrisado.

Sim!... sim!... A gloria!...

CONSTANÇA, a meia voz.

Eu pensava que era o amor!

(O Conde que tem remontado para observar o interior, volta.)

CONDE, a Estevão.

É mais que a gloria, Estevão; é o dever. O homem pertence á sua patria e ao rei: uma é sua mãi o outro seu senhor na terra. Quem tem estes dois bens supremos não deve lamentar uma vil e mesquinha abastança. Siga os exemplos que lhe dão tantos cavalheiros portuguezes. Conquiste por seu valor e heroismo aquillo que a fortuna lhe ne-

Loja Independente de Teosofistas

gou. Crie um passado nobre e illustre; encha a sua existencia de feitos brilhantes. Falta-lhe um nome!... Pois bem; já que seus pais se esqueceram de escrevêl-o sobre um assento de baptismo, grave-o com a ponta de sua espada nos muros de uma praça tomada de assalto, ou n'um campo de batalha.

ESTEVÃO.

Oh!... Juro que o farei, senhor! Mas a espada!... (Com desanimo.) Não a tenho?

CONDE.

Tome esta; é uma espada leal, que nunca sahiu da bainha sinão para a defesa d'uma causa justa. Quero deposita-la em suas mãos; restituir-me-ha quando seu valor conquistar uma mais illustre.

ESTEVÃO, com effusão.

Ah! (Beija a espada.) Não sei o que se passa em mim!... Tocando a guarda desta valente espada, o meu braço se anima com um vigor invencivel.

CONSTANÇA, docemente e á puridade.

Não vá agora amal-a mais do que a mim, á sua espada!

ESTEVÃO.

Não tenha ciumes, Constança! Eu não a quero

Loja Independente de Teosofistas

sinão para um dia offerecer-lh'a como o tributo do meu amor.

CONDE.

Muito bem, mancebo. Procure-me amanhã em palacio; dir-lhe-hei então para que o destino.

ESTEVÃO.

E eu desde já affiança que saberei corresponder á confiança de v. ex. suas palavras fizeram de mim um homem; seu exemplo fará o resto.

(O governador remonta)

CONSTANÇA.

Veja que eu tinha mais confiança em nosso amor?

ESTEVÃO.

Porque é um anjo, minha Constança; um anjo a quem Deus deu o poder de inspirar nobres pensamentos.

(Entra Miguel Correia)

CONDE.

Então?

CORREIA.

Nada, snr. General.

CONDE.

Porcurastes tudo?

Loja Independente de Teosofistas

CORREIA.

Corri toda a casa e só encontrei a caseira, um indio que evadio-se, e estes mendigos.

CONDE.

Interrogai-os; elles devem saber.

(A scena enche-se de soldados.)

CONSTANÇA, voltando-se assustada.

O que se passa aqui?.. Que querem estes homens?

ESTEVÃO, sorprezo.

É verdade! Cometteo-se por ventura algum crime aqui?

CONDE

Não, Estevão, mas a causa de nosso rei exige um grande serviço neste momento; é chegada a occasião de estrear a carreira que lhe destino.

ESTEVÃO,

Fallai, senhor!

CONDE.

Sabeis onde está o doutor Samuel?

ESTEVÃO

É a elle que procuram?

CONDE

Responda-me, Estevão; responda-me a verdade.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO

Nunca menti, senhor.

CONDE.

Faço-lhe esta justiça; mas a necessidade, a afeição....

ESTEVÃO

Não ha razão que me obrigue a cometter semelhante vileza.

CONDE

Sabe onde se acha neste momento o doutor Samuel?

ESTEVÃO

Sim, senhor Conde!

CONDE

Com toda a certeza?

ESTEVÃO

Creio que sim.

CONDE

Bem! Diga-me o lugar! Guie-me. Esse homem é o maior inimigo da vossa patria e do vosso rei!

ESTEVÃO

Senhor, Conde! deste-me uma espada para que eu defendesse uma causa justa e não para que a trou-

Loja Independente de Teosofistas

xesse como o preço de uma infamia. Esse homem é meu pai ; Deus m'o deo em troca do outro que a natureza negou-me; eu o amo, respeito e admiro. Bem vedes que é impossivel o que exigis

CONDE, irado.

Rebelde !

CONSTANÇA, ao Conde.

Não se zangue com elle, eu lh'o supplico !

CONDE, a Constança.

Tranquillisa-te ! (a Estevão) A sua acção imprudente é de um mancebo de brio ; e eu não posso condemnal-a. Sómente advirto-o que a companhia d'esse homem torna-se perigosa n'este momento.

ESTEVÃO.

É justamente por isso que devo acompanhal-o e partilhar a sua sorte, qualquer que ella seja. Não me approva, Constança ?

CONSTANÇA.

Eu ?... Eu quero a sua felicidade.

CONDE, a Correia.

É uma natureza altiva e um nobre coração ! Farei deste menino alguma coisa ! (a Estevão) Vamos, senhor, acompanhe sua noiva.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Ah! será possivel?.... Julgava ter perdido a estima de v. ex.

CONDE.

Ao contrario; ganhou a minha amizade.

CONSTANÇA.

Vem, Estevão! (Sahem Estevão e Constança)

SCENA XV

CONDE, CORREIA, E SOLDADOS

CONDE.

Tenho, emfim, o meio de apoderar-me d'elle!

CORREIA

Como! Este mancebo?...

CONDE.

Sim! É o unico de quem elle confia o segredo de sua vida criminosa! (entram os soldados)

OFFICIAL.

Procuramos tudo e de balde!

CORREIA.

Teve aviso, naturalmente.

CONDE.

Oh!... ainda me escapará d'esta vez! Ha dous

Loja Independente de Teosofistas

annos que procuro este homem, e quando julgo tel-o em minha mão, se desvanece como uma sombra! (Pausa)

CORREIA.

Que ordenais, senhor General?... Quereis que se arrase esta casa?

CONDE.

Não; sei o que me resta fazer! Vinde! (Sahem todos)

SCENA XVI

SAMUEL, DANIEL, E CIGANOS

A scena fica um momento deserta; depois abre-se uma porta falsa e apparece Samuel: entram Daniel e ciganos.

DANIEL.

Estais salvo!

SAMUEL.

Sim; o corpo salvou-se; mas levaram-me a alma! Sem elle, sem essa resurreição de minha vida, o que sou eu? Uma sombra!... Meu Deus! Porque dando ao homem a intelligencia e formando-o á tua imagem, lhe deixaste um coração?..

Loja Independente de Teosofistas

ACTO TERCEIRO

Consistorio do collegio dos jesuitas. — No fundo porta larga ; á direita uma porta com grade de ferro ; á esquerda portas de communicação . — Vai escurecendo gradualmente.

SCENA I

JOSÉ BAZILIO E ESTEVÃO

JOSÉ BAZILIO, escrevendo.

É excusado; nunca serei poeta ! (amarrota o papel.)

ESTEVÃO, entrando.

José Bazilio !

JOSÉ BAZILIO

Ah ! pensei que já me tinhas esquecido. Quinze dias !... Que fizeste todo este tempo ?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Não vês em mim alguma mudança ?

JOSÉ BAZILIO.

É verdade ! Trazes farda e espada ! Estás militar ?

ESTEVÃO.

Desde hontem.

JOSÉ BAZILIO.

Assim, os teus sonhos de gloria realizaram-se !

ESTEVÃO.

Os meus sonhos de gloria e tambem os meus sonhos de amor.

JOSÉ BAZILIO.

Como foi isto ? Conta-me ; sabes que eu tenho direito, como teu amigo, á metade dessa ventura.

ESTEVÃO.

Lembras-te do dia em que tentaram prender o doutor Samuel ? Pouco depois que me deixaste, Constança veio dar-me uma alegre esperança, e eu, ainda incredulo, recusava abandonar-me á ella, quando de repente ouço a voz do conde de Bobadella, que vinha confirmar a minha felicidade.

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Mas que tinha o Conde com o teu amor?

ESTEVÃO.

Não sabes? Constança é orphã e protegida pelo governador; elle consentio que eu a amasse e deu-me esta espada para que ennobrecesse o nome, que hade pertencer á minha esposa!

JOSÉ BAZILIO.

Como deves ser feliz!

ESTEVÃO.

Feliz! Não o sou completamente, José Bazilio.

JOSÉ BAZILIO.

Porque razão?

ESTEVÃO.

Cuidas que posso ser indifferente á perseguição que se faz ao homem á quem devo tudo neste mundo? No meio de minha felicidade sinto um remorso por tel-o abandonado, a elle, que me quer como um pai! Oh! só o amor e a gloria podiam disputar-me á tão santa amizade.

JOSÉ BAZILIO

Mas tu não o abandonaste, Estevão. Algum dia tinhas de seguir uma carreira; aquella para que

Loja Independente de Teosofistas

elle te destinou não te agradava; escolheste outra tão nobre e mais bella talvez !

ESTEVÃO.

Não avalias a divida de affeição que contrahi com esse homem, José Bazilio ; sinão havias de comprehender o que sinto. Elle não me alimentou o corpo unicamente; deu-me alguma cousa do seu espirito ; e agora que talvez precisa dessa alma por elle creada para acompanhal-o na desgraça, é quando ella foge-lhe e o deixa só ! Não devo ter remorsos ?

JOSÉ BAZILIO.

Porque não lhe fallas ?... Obterás delle o consentimento ?

ESTEVÃO.

A isto vim hoje aqui ; esperava encontral-o. Quero pedir-lhe perdão, e levar a sua benção para sanctificar as minhas esperanças. Não o tens visto ?

JOSÉ BAZILIO.

Apenas uma vez depois daquelle dia.

ESTEVÃO.

Não sabes si elle costuma vir ao Collegio.

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Todas as noites, si não me engano ; mas é um segredo que sorprendi.

ESTEVÃO.

A que horas?

JOSÉ BAZILIO.

Logo que escurece. Acho bom que te dirijas ao Reitor.

ESTEVÃO.

Sim ; Frei Pedro conhece-me ; sabe como amo o doutor Samuel, e não me hade recusar ! Ainda é cedo ; tenho tempo de ir á Ajuda ; hoje não vi Constança. Mas falla-me de ti, nada me disseste !

JOSÉ BAZILIO.

Que te hei de eu dizer?... Que sou feliz da tua felicidade !

ESTEVÃO.

E não tens tambem alguma esperança que se possa realizar ?

JOSÉ BAZILIO.

Contento-me com a minha sorte, Estevão, e deixo correr o mundo como Deus quer.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Que excellente genio, o teu! Estás sempre alegre! Nada desejas, nada ambicionas.

JOSÉ BAZILIO.

Que queres, meu amigo? Quando perdi minha pobre mãi aos oito annos, fiquei ao desamparo; e estaria hoje feito tropeiro, ou tocador de porcos em Minas, si os padres de Marianna não me recolhessem. Vim depois para esta casa onde ensinaram-me o pouco que sei; aqui alimentam-me, agazalham-me e destinam-me para alguma cousa, segundo elles dizem! Que posso desejar mais?

ESTEVÃO.

Porém dize-me: ás vezes não te sentes opprimido entre estas paredes nuas; não tens necessidade de respirar o ar livre, e gozar do mundo que vês de longe através das grades de tua cella?

JOSÉ BAZILIO.

Oh! sim! Ha momentos em que este habito queima-me o corpo; em que eu daria tudo que sei pela ignorancia e liberdade do menino que brinca nas chacaras da Ajuda, embaixo do morro.

ESTEVÃO.

E que fazes então que não abandonas esta casa e não segues a tua aspiração?...

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Que faço?... Nesses momentos peço a Deus que me dê a força de supportar este duro captiveiro, e para esquecer o que soffro, tomo uma penna e escrevo.

ESTEVÃO.

Fazes versos?

JOSÉ BAZILIO.

Aprendo a fazel-os. Não sei o que me diz... Mas... Olha, Estevão; creio que algum dia escreverei alguma cousa.

ESTEVÃO, sorrindo.

Um poema?

JOSÉ BAZILIO.

Não sei.

(Entra Garcia furtivamente.)

ESTEVÃO.

É quasi noite; até logo.

JOSÉ BAZILIO.

Já vais?

ESTEVÃO.

Pouco me demoro; é só vel-a!

Loja Independente de Teosofistas

SCENA II

GARCIA E DANIEL.

(Escurece. Garcia, apenas sahe José Bazilio, vae fechar as portas.)

DANIEL, com uma lanterna.

Já está escuro.

GARCIA.

Oh! Donde sahio esta figura?

DANIEL.

Que faz nesta sala?

GARCIA.

Caramba! Sou eu que lhe pergunto o que vem fazer.

DANIEL.

Não é da sua conta.

GARCIA.

Pois vá sahindo por onde entrou; não gosto de companhia.

DANIEL.

Menos eu! Dou-lhe cinco minutos para esvasiar o becco.

GARCIA.

Cinco minutos! Passo aqui a noite!

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Tambem eu! Durmo nesta sala.

GARCIA.

Sabe que mais, hombre?... Estou quasi atirando-o pela janella.

DANIEL.

E eu tenho minhas tentações de coser-lhe a pelle com esta agulha.

GARCIA.

Pois caia, amigo.

DANIEL.

Nada; fará barulho, e virá gente.

GARCIA.

Hombre!

DANIEL, ao mesmo tempo.

Escute.

GARCIA.

Que temos?

DANIEL.

Póde fallar.

GARCIA.

Nada; comece.

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Queria propôr-lhe um negocio.

GARCIA.

Vamos a isso. (D. Juan apparece.)

DANIEL.

Ambos nós temos necessidade de estar só neste lugar; si ficarmos, é claro que seremos dois!...

GARCIA.

Sem duvida!

DANIEL.

É preciso pois que um saia!

GARCIA.

Não serei eu!

DANIEL.

Menos eu! Não ha remedio sinão recorrermos á sorte.

GARCIA.

Como?

DANIEL.

Tire a sua faca; eu tenho a minha; o que ferir primeiro fica, o outro sahe.

GARCIA.

Está dito.

Loja Independente de Teosofistas

SCENA IV

DANIEL, GARCIA E D. JUAN.

D. JUAN.

Com licença ; ha um terceiro.

GARCIA.

O que quer ?

DANIEL.

Donde vem ?

D. JUAN.

Venho de alguma parte, e quero o que os senhores querem.

DANIEL.

Ficar só nesta sala ?

D. JUAN.

Justamente ; tenho cá as minhas razões, (tirando a espada) e melhor direito.

GARCIA.

Não admitto ; foi o ultimo que chegou.

DANIEL.

Nós cá estavamos primeiro.

D. JUAN.

Pois bem ; recorro á sorte.

Loja Independente de Teosofistas

GARCIA, á Daniel.

Deixe este por minha conta, que eu o arranjo; depois dicidiremos nós.

D. JUAN.

Em guarda! (Vão atacar-se, quando apparece Samuel,)

SCENA V

DANIEL, GARCIA, D. JUAN E SAMUEL.

SAMUEL.

Loucos!

GARCIA.

O doutor Samuel!

SAMUEL.

Abaixai essas armas, que não deviam estar em vossas mãos; pois sómente servem para commetterdes um roubo barateando a vida que não vos pertence!

D. JUAN.

Que não nos pertence?...

SAMUEL.

A d'esses dois homens, elles a deram á uma causa justa e nobre; a vossa, comprei-a eu.

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Perdoai-nos; cada um de nós ignorava que os outros tivessem ordem de esperar-vos, e não queria comprometter o vosso segredo.

SAMUEL.

Quem recebe uma ordem obedece sem indagar o motivo d'ella, nem perscrutar as intenções de quem as deu; mandei-vos esperar aqui; cumpria-vos esperar, e nada mais.

D. JUAN.

Não esqueçais que preciso fallar-vos sem demora.

SAMUEL, a Garcia e Daniel.

Affastai-vos um momento; deixai-me ouvir este homem.

D. JUAN.

O sr. doutor recommendou-me ha oito dias que sollicitasse do governador, ser admittido como soldado á sua guarda.

SAMUEL.

E conseguiu, já sei.

D. JUAN.

E que apenas a guarda se preparasse para alguma expedição, o avisasse.

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Então?

D. JUAN.

Ha ordem de marcha para esta noite.

SAMUEL.

Com que fim?

D. JUAN

Ignora-se.

SAMUEL.

Muito bem!

D. JUAN.

Não precisais de mim?

SAMUEL.

Não; na sala proxima encontrareis frei Pedro; elle vos pagará este serviço.

SCENA VI

SAMUEL, DANIEL E GARCIA.

DANIEL, chegando-se.

Cumpri vossa ordem. A moça bebeu em um copo d'agua as gotas do frasco, e logo adormeceu; tomei-a nos braços e trouxe-a agora mesmo ao convento. Aqui tendes a chave da cella.

SAMUEL.

Ninguem percebeu?

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Creio que não, porque a envolvi na minha capa; além disto já estava escuro, e só encontrei vosso filho.

SAMUEL.

Estevão?...

DANIEL.

Descia a ladeira; pareceu-me que ia á sua casa.

SAMUEL.

Elle esteve aqui?

GARCIA.

Pouco antes de chegardes.

SAMUEL

Hade voltar. Podes ir, Daniel. (Sahe Daniel.)

SCENA VII

SAMUEL E GARCIA.

SAMUEL.

Garcia, tendes confiança em mim?

GARCIA.

Experimentai.

SAMUEL.

Si eu precisasse do vosso braço e da vossa cora-

Loja Independente de Teosofistas

gem; si eu vos dissesse: — « É necessaria a morte de uma pessôa » — Hesitarieis ?

GARCIA.

Ha muitos dias que desejava pedir-vos uma coisa. Sei que andais perseguido, que sois obrigado a esconder-vos. Mostrai-me o vosso inimigo, e amanhã elle não existirá.

SAMUEL.

Ha inimigos a quem é difficil chegar, porque estão mui altos.

GARCIA.

Dizei-me o seu nome, e vereis. Qualquer que elle seja.

SAMUEL.

Ainda que fosse o governador ?

GARCIA.

Ainda que fosse o rei.

SAMUEL.

Não!... Seria um crime inutil. De que serviria ferir a mão desde que não esmagasse a cabeça ?... Elle está muito longe; onde não chega o vosso braço.

GARCIA.

Aonde ?

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Em Portugal.

GARCIA.

Ordenai, e parto.

SAMUEL.

Careço da vossa coragem aqui neste momento. Não é nem contra o ministro poderoso, nem contra o governador, que deveis erguer o punhal; é contra uma menina fraca e timida.

GARCIA.

Ah! Uma mulher!

SAMUEL.

Recusais?

GARCIA.

Repugna-me matar quem não se póde defender.

SAMUEL.

E si eu vos affirmar que a vida dessa menina responde pela minha e pela salvação de nossa causa?... que só o vosso braço prompto a feril-a póde suspender a sentença que me condemna, ou vingar a minha morte?

GARCIA.

Mostrai-me essa mulher.

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Estáis decidido?

GARCIA.

Podeis contar.

SAMUEL.

A um aceno meu...

GARCIA.

Fecharei os olhos e rezarei por sua alma.

SAMUEL, abrindo a grade.

Entrai.

SCENA VIII

SAMUEL E CONSTANÇA.

(Quando Garcia vai entrar, Constança sahe, pallida, allucinada, com os cabellos desgrenhados: Garcia pára um momento, depois entra.)

CONSTANÇA.

Onde estou eu?...

SAMUEL.

Tranquillisai-vos, minha filha; estais na casa de Deus.

CONSTANÇA, com desespero.

Ah! Fostes vós que me arrancastes dos braços de minha mãi?...

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

E não fostes vós que me roubastes meu filho?

CONSTANÇA.

Estevão?

SAMUEL.

Por vossa causa não me abandonou elle no momento em que a desgraça pesava sobre mim, deixando-me só no mundo como uma velha ruina do passado?

CONSTANÇA.

Bem sabeis que não posso viver sem elle!... que o amo?

SAMUEL.

E eu não o amo tambem? Eu, para quem elle é mais que a existencia, porque deve ser a minha segunda vida, uma nova encarnação de minha alma! O que é o vosso amor comparado ao meu? Um prazer ephemero, que não se compára com esse gozo supremo do espirito, que triumpha da morte e da destruição pelo poder da intelligencia. Um sorriso basta para satisfazer o vosso amor; ao meu é preciso o futuro, e a immortalidade!

CONSTANÇA.

Conheço que sou uma pobre mulher; não tenho a vossa intelligencia; sei apenas amar com o coração...

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

E que direito tendes de amal-o ?

CONSTANÇA.

É preciso um direito para amar ?

SAMUEL.

Não sabeis ainda quem é Estevão. É um filho que Deus me enviou para consummar a obra que comecei. A maior gloria a que um homem póde aspirar neste mundo, a gloria de ter creado um povo e elevado um imperio, será a sua recompensa. Elle deve ser mais do que um rei; deve ser o libertador de sua patria. E agora interrogai o vosso coração e respondei : uma mulher, ainda a mais bella e a mais virtuosa, tem o direito de roubar essa existencia consagrada á tão nobre missão ?

CONSTANÇA.

Roubar! Não!... Partilhar!

SAMUEL.

Roubar, sim ; porque um olhar vosso lhe fará esquecer a gloria, e rojará a vossos pés como um escravo o homem que deve dominar pelo pensamento; porque elle gastará a seiva de sua vida e o melhor de sua alma em um sentimento commum que póde experimentar o ente mais miseravel da sociedade ; porque vossas preces hão de curvar

Loja Independente de Teosofistas

aquella razão forte e superior que eu consumi tantos annos a formar!

CONSTANÇA.

Oh! não comprehendeis o coração de uma mulher, senhor! Não sabeis como ella vive da vida do homem a quem ama!

SAMUEL.

Vós é que não comprehendeis o culto de uma idéa! A religião da intelligencia é como a religião de Christo: só tem um Deus! Para os homens que se dedicam a um pensamento ha uma unica esperança, uma unica ambição: a gloria. De que lhes serve pois, o amor, consolação mesquinha daquelles cuja alma não passa do coração?

CONSTANÇA.

Porém elle ama-me!

SAMUEL.

Enganai-vos; Estevão não vos ama!

CONSTANÇA.

É impossivel!

SAMUEL.

O que Estevão sente por vós é o mesmo que senteria por qualquer outra mulher que tivesse visto no momento em que sua mocidade começou a ex-

Loja Independente de Teosofistas

pandir-se ; é o mesmo que sente o homem devorado de sêde pela agua que refresca-lhe o sangue, ou o animal pelo alimento que póde matar-lhe a fome.

CONSTANÇA.

Oh ! calai-vos, senhor !

SAMUEL.

Quando os seus labios tocarem os vossos, e o primeiro beijo o arremessar como o archanjo da luz, do céo da imaginação á triste realidade, vereis o que restará disso que chamais amor. Um desgosto, o tedio, talvez o remorso !

CONSTANÇA.

Vossas palavras enchem-me de horror !... Não blasphemeis ! O amor não póde ser essa paixão egoista !... Não ! Eu o sinto aqui ! Eu o sinto em minha alma ! Elle vem de Deus, que o inspira e anima ! Elle é nobre e santo como a religião que o consagra ! Si não dá ao homem a gloria que tanto ambicionais, dá a felicidade !

SAMUEL.

Pois bem ! Correi atraz dessa felicidade ; deixai-vos amar por Estevão ; e um dia elle acordará nos vossos braços desse somno esteril, para esquecer-vos como um pesadello ! Que fareis quando a sua razão pedir-vos conta do tempo perdido,

Loja Independente de Teosofistas

quando a vossa consciencia perguntar-vos o que fizestes do apostolo de uma causa santa? Correi atraz da felicidade, e achareis no fim do caminho o desprezo do vosso esposo e a maldição do Senhor.

CONSTANÇA, com desespero.

Ah!

SAMUEL.

Então reconhecereis que não blasphemo. (Pausa.)

CONSTANÇA.

Que posso eu fazer? Inspirai-me, aconselhai-me! Eu vos obedecerei cegamente; mas não exigi de mim que deixe de amal-o, porque é inutil! Mil juramentos que eu désse, uma só palavra delle os quebraria todos! Aceito qualquer sacrificio, menos o de esquecel-o.

SAMUEL.

E tereis força de repellir o homem a quem amais?

CONSTANÇA.

Para que mentir-vos!.... Ainda que o quizesse, não o poderia!

SAMUEL.

Mas assim é preciso! Pela minha voz, Deus vol-o ordena! Salvai Estevão!

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA.

Para salval-o só ha um meio!

SAMUEL.

Qual?

CONSTANÇA.

Matai-me; elle ficará livre, e eu morrerei amando-o.

SAMUEL.

A vossa vida é necessaria n'este momento!

CONSTANÇA.

Que valor tem a vida de uma pobre mulher?

SAMUEL.

Que valor tem a scentelha que produz o incendio? Os grandes effeitos nascem de pequenas causas; sobre vossa cabeça repousam n'este instante os destinos de uma revolução. Deveis viver pelo menos algumas horas; e cumpre que esta noite Estevão recupere a sua liberdade.

CONSTANÇA.

Fazei que elle deixe de amar-me, que me repilla.

SAMUEL, com brandura.

Não; haveis de ser feliz!

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA.

Oh!... Não me deis uma esperança para roubar-m'a depois!

SAMUEL.

A gloria, o poder, a grandeza do homem amado não será a felicidade suprema da mulher que ama?

CONSTANÇA.

Sim!

SAMUEL.

Pois essa felicidade vós a tereis, Constança!

CONSTANÇA.

Como? Fallai!

SAMUEL.

A Providencia, minha filha, envia á terra de espaço a espaço alguns entes privilegiados, a quem ella communica um raio de sua luz creadora; esses homens passam pelo mundo como meteoros; não tem familia, nem amigos, nem affeições; devem caminhar só, envoltos em seu mysterio, protegidos pelo seu destino. Deus só lhes deu de humano o corpo, que em luta com a razão, ás vezes se revolta. O mundo julga que essas rebelliões da materia contra a vontade que as domina são paixões! Não passam de desejos que consomem a carne, sem tocar o espirito! Sabeis o que deve fazer a mulher que teve a desgraça de amar um desses entes privilegiados?

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA.

Não!... Si eu o soubesse!...

SAMUEL.

Sacrifica-lhe todos os prejuizos da sociedade, entrega-se, e não pede em troca nem amor, nem gratidão.

CONSTANÇA.

O que peço eu?... Não sou sua esposa?!...

SAMUEL.

Não podeis ser.

CONSTANÇA.

Porque senhor?

SAMUEL.

O genio, já vos disse, não tem familia, não tem esposa; elle colhe a belleza com vós colheis a flôr; aspira o perfume e deixa-a murchar! Si a mulher que ama tem bastante coragem para amal-o assim...

CONSTANÇA.

Mas é a deshonra que me propondes, senhor!

SAMUEL.

Chamais a isso deshonra? E que o seja! Resta-vos o orgulho e a felicidade de ter concorrido para uma grande concepção. O mundo repete o nome

Loja Independente de Teosofistas

d'aquellas que se associaram ás inspirações do genio; a historia, as artes, os monumentos recordam a sua memoria, e nenhuma dellas trocaria de certo a celebridade de sua vida e o reconhecimento da humanidade pela honra de uma esposa obscura.

CONSTANÇA.

Essa ao menos não é obrigada a corar diante dos homens!

SAMUEL.

Porque não tem a coragem necessaria para o sacrificio! Mas vós a tereis, Constança.

CONSTANÇA.

Nunca!

SAMUEL.

É assim que amais Estevão?

CONSTANÇA.

Elle não póde querer a minha vergonha!

SAMUEL.

Não é elle quem o quer; é a ordem providencial da natureza; é a sabedoria suprema, que não póde sujeitar a liberdade de um povo aos escrupulos de uma mulher. Reflecti bem; lembrai-vos que estais em meu poder; e que a innocencia se empana com um sopro. Em uma hora a menina

Loja Independente de Teosofistas

casta e pura estará perdida !... Então que fareis de vosso amor ?

CONSTANÇA.

Meu Deus, tende piedade de mim ! É horrivel !

SAMUEL.

Escolhei !... Offereço-vos a felicidade.

CONSTANÇA.

Não tendes alma, senhor ! Essa felicidade que me offereceis é um supplicio de humilhação.

SAMUEL.

É uma abnegação sublime.

CONSTANÇA.

Meu Deus !

SAMUEL.

Escolhei ! A gloria de Estevão, e a sua felicidade ; ou o desespero que o matará odiando-vos, porque elle não póde ser vosso esposo, e não o será jamais ! Que lhe respondereis quando em uma derradeira maldição, pedir-vos conta de seu futuro, de suas esperanças aniquiladas, de sua vida arrancada por esse amor fatal ?...

CONSTANÇA.

Estevão odiar-me !... A mim que só vivo para amal-o ?... Elle morto? E por mim... e amaldiçoando-me no seu ultimo suspiro ?... Oh ! não ! Tomai

Loja Independente de Teosofistas

a minha vida, a minha felicidade, tudo ; e salvai-o. Eu morrerei á seus pés... mas a vergonha...

SAMUEL, brandamente.

Fortalecei-vos na fé e tirai forças da religião, minha filha, para consumar o vosso grande e nobre sacrificio. Não temei o motejo dos homens e o desprezo do mundo. Martyr do amor como os outros martyres do christianismo, soffrereis com a fronte calma o escarneo da multidão. Mas Deus verterá em vossa alma o balsamo das grandes dôres ; fazendo a felicidade do homem a quem amastes, vos associareis á sua gloria, á gloria magestosa do fundador da patria.

CONSTANÇA.

Não me illudis, senhor ?... É Deus quem exige de mim esse tremendo sacrificio ?... Deus, em cujo santo nome ensinaram-me a virtude !

SAMUEL, persuasivo.

Quem foi, minha filha, que inspirou a Esther, á formosa filha dos Judeus, a força de ganhar o amor de Assuerus, inimigo de sua religião e de seu povo, para aliviar o exilio e a perseguição que soffriam seus irmãos? Quem levou Judith á presença de Holophernes para offerecer-lhe a sua belleza e livrar sua patria da vingança do rei de Babylonia ? Falta-vos a coragem que ellas tiveram ?

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA, exaltada.

Não; cumpra-se o meu destino. Venha o martyrio.

SAMUEL.

Jurai-o! (apresenta-lhe o crucifixo,)

CONSTANÇA.

Juro!... (approxima-se do altar e ajoelha-se,)

SCENA IX

SAMUEL, CONSTANÇA E ESTEVÃO.

SAMUEL.

Estevão! (Abre-lhe os braços.)

ESTEVÃO.

Que fizestes de Constança, senhor?

SAMUEL.

Chamei-a para junto de mim; porque reconheci que era o meio de trazer o filho esquecido aos braços do pai que elle abandonou.

ESTEVÃO.

Tendes razão! Eu sou um ingrato! Mas... ella!... Onde está?...

SAMUEL.

Olhai!

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Constança! (Corre a ella.)

CONSTANÇA, com espanto.

Meu Deus!

ESTEVÃO.

Que é isto? A minha presença te causa espanto!

CONSTANÇA.

Não!... Porém...

ESTEVÃO.

O que tens?

CONSTANÇA.

Deixe-me!... Por compaixão! Não me olhe! Fuja de mim. (Affasta-se.)

SAMUEL, á Constança, baixo.

Lembrai-vos do juramento!

ESTEVÃO.

Tu me repelles, Constança? Já não me amas? (Samuel passeia no fundo.)

CONSTANÇA.

Oh! si o amo!

ESTEVÃO.

E não me queres perto de ti?

Loja Independente de Teosofistas

CONSTANÇA.

Pudesse eu passar toda a minha vida ao seu lado, como agora.

ESTEVÃO.

Pois vem comigo; estamos em uma igreja; ajoelhemo-nos aos pés do altar; um padre abençoará a nossa união; e...

CONSTANÇA.

É impossivel!

ESTEVÃO.

Recusas?

CONSTANÇA.

Não me interrogue.

ESTEVÃO.

Então não queres ser minha esposa?

CONSTANÇA.

Serei sua esposa no céo, meu amigo! Mas neste mundo.... Não!.... Deus não consente!

ESTEVÃO.

Confesse antes que esse amor com que me illudio era uma mentira.... Que escarneceu de mim!

CONSTANÇA.

Estevão!

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

E eu que lhe sacrificáva tudo; que fizera della a minha vida, a minha gloria, a minha religião!

CONSTANÇA.

Oh! não falle assim! Que maior prova póde dar uma mulher de seu amor e de sua dedicação por um homem?

ESTEVÃO.

È partilhar a sua existencia.

CONSTANÇA.

Ha outra mais forte! Outra para a qual é preciso tanto heroismo e tanta abnegação que eu tenho medo me falte a coragem.

ESTEVÃO.

Que prova é essa, Constança?.... Responde!....

CONSTANÇA.

Não sei!

ESTEVÃO.

Comprehendo! Procura um pretexto, e não o consegue, Constança, porque ainda não sabe mentir. Adeus.

CONSTANÇA.

Quer deixar-me?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Que faço eu aqui?

CONSTANÇA.

Ouça-me, Estevão!

ESTEVÃO.

É inutil.

CONSTANÇA.

Eu lh'o supplico!.... Escute-me! Uma palavra! E repilla-me depois!

ESTEVÃO.

Que quer de mim ainda?

CONSTANÇA, hallucinada.

Não sabe porque eu não posso ser sua esposa? Tem um futuro brilhante, Estevão, tem um grande destino a cumprir! Aquella que o ama não deve roubar-lhe essa gloria! Ella tem orgulho em ser sua escrava.

ESTEVÃO.

És tu mesma que me fallas, Constança! São teus labios puros que proferiram semelhantes palavras! Não! Não creio! Dize-me! Dize-me que tudo isto é uma allucinação do teu espirito! Que deliras!.... Escondes o rosto!.... Ah!

CONSTANÇA, arrastando-se a seus pés.

Oh! não me despreze!

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Erguei-vos, senhora; eu amava uma menina pura, e contava faze-la a companheira de minha vida; não conheço a mulher que me offerece um amor indigno. (Sáe.)

CONSTANÇA.

Ah!

SAMUEL.

Estevão!

CONSTANÇA.

Eu bem vos disse que elle me desprezaria!

SAMUEL.

Voltará!.... Vinde!

SCENA X

SAMUEL E FR. PEDRO.

FR. PEDRO.

Samuel, o convento está cercado.

SAMUEL.

Em que vos admira isto? Não é hoje treze de Novembro, vespera do dia fatal?

FR. PEDRO.

Que devo eu fazer?

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Nada. Eu incumbo-me de salvar-vos. Tranquillisai-vos!

FR. PEDRO.

O perigo não me assusta, Samuel; porém ainda duvido que as vossas previsões se realizem. O marquez de Pombal, com toda a sua audacia, não se animava a offender o poder de Roma.

SAMUEL.

Não o offendeu, frei Pedro, comprou-o. Roma já foi a rainha do universo; hoje é apenas uma messalina que se vende ao ouro do estrangeiro.

FR. PEDRO.

Comtudo! O Instituto não podia ser indifferente.

SAMUEL.

O tempo em que o Instituto lutava com o Papa e os soberanos passou; os geraes Santo Ignacio de Loyola, Francisco de Borgia e Claudio Acquaviva não tiveram successor. (Ouve-se bater fóra.)

FR. PEDRO, assustado.

Batem á porta do convento!

SAMUE

Mandai abrir, e reuni a communidade para re-

Loja Independente de Teosofistas

ceber dignamente o conde de Bobadella, que vem intimar-vos a sentença de proscripção.

FR. PEDRO.

Não vos occultais? Quereis que o governador vos sorprenda?

SAMUEL.

Ficai descansado a meu respeito; não o temo.

FR. PEDRO.

Si cahirdes em seu poder, estais perdido!

SAMUEL.

Tenho um escudo no qual se embotará a sua espada! (Entra á direita e fecha a grade.)

SCENA XI

FR. PEDRO, CONDE DE BOBADELLA, MIGUEL CORREIA, JOSÉ BAZILIO, FRADES E SOLDADOS.

Apenas Samuel desapparece, vai se reunindo a communidade. Os frades acendem as velas dos lampadarios que estão sobre os bofetes. O sino dobra lentamente.

FR. PEDRO.

Quem vos deu o direito, senhor governador, de penetrar com força armada na casa de Deus?

CONDE.

O meu direito é o meu dever; cumpro uma ordem d'el-rei!

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Sua Magestade D. José I, não podia esquecer o exemplo de seus avós; para quem o templo do Senhor foi sempre um asylo sagrado.

CONDE.

Quando a hypocrisia e a falsidade se cobrem com o habito da religião e se abrigam aos pés do altar, o rei deve expulsa-las do templo onde só póde entrar a virtude.

FR. PEDRO.

Fallais dos companheiros de Jesus, senhor governador?

CONDE.

Fallo da Ordem rebelde e ambiciosa, que, trahindo o instituto do seu fundador e a santidade de sua missão, abusa da hospitalidade que lhe concederam os reis de Portugal e do poder que elles lhe conferiram em bem da religião, para conspirar contra a magestade.

FR. PEDRO.

Não sois vós, senhor governador, nem os reis da terra que nos hão de julgar. Aquelle que tudo vê e tudo sabe, conhece a nossa innocencia.

CONDE.

A sua punição vai cahir sobre vossas cabeças.

Loja Independente de Teosofistas

O convento está cercado; tenho-vos a todos em meu poder; nenhum me escapará!

FR. PEDRO.

São escusadas essas precauções; nenhum dos que vêdes aqui, ministros da religião, abandonará a casa do Senhor, onde o seu dever lhe manda que permaneça.

CONDE.

Para guardar as riquezas que tendes accumulado nos vossos cofres!...

FR. PEDRO.

A riqueza que possuimos é uma consciencia tranquilla.

CONDE.

Faltais á verdade, Reitor. Neste convento existe um thesouro avultado, que tantas lagrimas custou aos orphãos e ás viuvas de quem o estorquistes.

FR. PEDRO.

Os objectos de valor que existem nesta casa são os vasos e as sagradas imagens que servem ao culto do Senhor.

CONDE.

Dizei antes que servem para conspirar. Mas illudiram-se! A Providencia véla sobre o throno

Loja Independente de Teosofistas

de Portugal e sobre o ministro poderoso que o defende contra a vossa audacia. Ordeno-vos que me entregueis esse thesouro.

FR. PEDRO.

É um segredo, senhor, e eu o ignoro.

CONDE.

Não espereis enganar-me.

FR. PEDRO.

Juro pela salvação de minha alma.

CONDE.

Não creio em juramentos de quem ensina que é uma virtude mentir.

FR. PEDRO.

Disse a verdade, sr. conde.

CONDE.

Si vós, reitor deste convento, não sabeis o segredo, quem o sabe então? (A porta larga do fundo abre-se e apparece o dr. Samuel vestido de jesuita.)

SCENA XII

SAMUEL, CONDE, FR. PEDRO E SOLDADOS.

SAMUEL.

Sabe-o Deus no céo, e eu na terra, conde de Bo-

Loja Independente de Teosofistas

badella! (Batendo no peito) Arrancai-o daqui, si podeis.

CONDE.

Ah! emfim!... Deixastes o disfarce!

SAMUEL.

Venho reclamar o meu lugar, como chefe desta familia, que o Senhor confiou á minha guarda.

FR. PEDRO.

Quem sois, então, Samuel?

SAMUEL.

Sou o vigario-geral da Companhia de Jesus no Brazil.

FR. PEDRO.

Vós! Não é possivel!

SAMUEL.

Lêde. (Da-lhe um pergaminho).

CONDE.

Pensais illudir-me ainda com a vossa impostura?

SAMUEL.

O rei de Portugal e os princepes da christandade fallam-nos de pé e com a cabeça descoberta. Tirai o vosso chapéo, conde de Bobadella!

Loja Independente de Teosofistas

CONDE.

Hei-de humilhar a vossa arrogancia; todo o poder da ordem não vos salvará. Revelai o segredo de que sois sabedor, ou entregar-vos-hei ao braço secular, como rebelde e desobediente ás ordens regias.

SAMUEL.

Estou habituado a vêr a morte de perto! Apostolo da milicia de Christo, nos desertos desta America e entre os selvagens, só e sem armas, tambem aprendi a encarar o perigo, como vós, soldado do rei, nos campos da batalha. O martyrio não me assusta. Podeis mandar preparar o supplicio: mas ficai certo de que a mão do algôz tocando-me vai ferir-vos no coração!

CONDE.

Nunca sentirei remorsos de haver punido os inimigos da religião; não tenho coração quando se trata de cumprir um dever.

SAMUEL, (com ironia)

Exigis de mim um segredo, sr. governador; eu o revelarei, mas quando estivermos sós.

CONDE, (para os soldados)

Affastai-vos!

(Sahem os frades e os soldados.)

Loja Independente de Teosofistas

SCENA XIII.

SAMUEL E CONDE DE BOBADELLA.

CONDE.

Fallai; estamos sós.

SAMUEL.

Quando alludi ao vosso coração, senhor conde, não me referia ao fidalgo, nem ao governador; mas ao pae que não pode ser indifferente á perda de uma filha.

CONDE.

De uma filha!

SAMUEL.

Bem vedes; este unico nome vos estremece.

CONDE, (imperativo)

O segredo?

SAMUEL.

O segredo? É este. Todo o homem, ainda o mais forte, tem na sua vida um momento de fraqueza. Ha desesseis annos amastes uma donzella, sr. conde de Bobadella; por vós trahio ella, seus deveres, abandonou sua familia. Vossa indefferença depois a castigou cruelmente: o vosso despreso a matou. Ella morreu, deixando-vos uma filha que

Loja Independente de Teosofistas

adorais com a paixão vehemente e profunda do pai que é obrigado a occultar seu amor.

CONDE.

Como soubestes este segredo ?

SAMUEL.

Como ?... O poder da Companhia de Jesus repousa sobre a consciencia, onde não penetram nem as armas dos vossos soldados, nem o braço dos vossos esbirros. Aos pés do humilde confissionario, que lhe serve de throno, nenhum cortezão da realeza vem depôr a torpe lisonja ; todos se prostram, grandes e humildes ; todos lhe abrem sua alma. O que ella ouve é a vóz da verdade, o grito do coração que lhe denuncia quanto crime impune, quanta miseria dorme ás vezes no passado de homens reputados bons e virtuosos.

CONDE.

Ah ! Abusastes do segredo da confissão !.... E tendes a impudencia de o declarar ? Vós, ministro do Senhor, trahiste o seu sacramento.

SAMUEL.

Usei do poder que elle me confiou para « maior gloria de Deus. » Tendes uma ordem do marquez de Pombal que manda prender os Jesuitas e expulsal-os do Brasil no dia quatorze de Novembro. Hoje são treze ; eu vos esperava, senhor governa-

Loja Independente de Teosofistas

dor, eu vos esperava, para dizer-vos que essa ordem não se hade cumprir.

CONDE, com ironia.

Quem o obstará ? Vós ?...

SAMUEL.

A Providencia, que armou o meu braço para punir-vos, si ousardes tentar contra a companhia de Jesus.

CONDE.

Insolente !

SAMUEL, aponta para o interior.

Vede !

CONDE.

Constança ! (espanto).

SAMUEL.

É vossa filha sim, que alli está adormecida. Aquelle homem que a comtempla apertando o cabo do punhal,é um automato, instrumento cego de minha vontade.

CONDE.

É um infame assassino, como vós que lhe armastes o braço.

SAMUEL.

Prudencia ! Ao menor movimento, vossa filha,

Loja Independente de Teosofistas

deixará de existir. Não vêdes que uma barreira vos impede o passo, e que ha maior distancia entre vós e ella, do que entre o punhal e seu corpo?

CONDE, comsigo.

Que horrivel transe!

SAMUEL.

Curvai-vos á fatalidade!... Fostes vencido por Deus!

CONDE, n'um assomo de ira.

Oh! Eu a salvarei! Ainda que seja preciso matar-vos com as minhas mãos, e roubar-vos ao patibulo! (Ergue o punhal para Samuel.)

CONSTANÇA, dentro.

Ah!

CONDE, recuando.

Constança! Elle a assassina!... O miseravel!...

SAMUEL.

Porque hesitais!... Podeis martyrisar-me a carne; mas eu tenho fechada em minha mão a vossa alma. (Pausa).

CONDE.

Que pedis? A liberdade?

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Nada peço, conde de Bobadella. Exijo que não executeis a ordem de proscripção.

CONDE, com dignidade

Feriste-me no coração, sicario! Mas o coração, tu o disseste, é do pai que não está mais aqui. Esse que vêdes, jesuita, é o conde de Bobadella, governador deste Estado. Ordeno-vos que entregueis o thesouro da Companhia; e dou-vos esta noite: para cumprirdes a minha ordem.

SAMUEL.

Esta noite, dou-vos eu, conde de Bobadella, para reflectir.

CONDE, imperativo.

Ao primeiro toque d'alvorada aqui estarei.

SAMUEL, com altivez.

Eu vos espero.

Loja Independente de Teosofistas

Loja Independente de Teosofistas

ACTO QUARTO

Sacristia do Collegio dos Jesuitas, esclarecida por uma lampada. Ainda ouve-se o toque da alvorada, dado pelas cornetas.

SCENA I

FR. PEDRO E JOSÉ BAZILIO.

FR. PEDRO.

Que se passa fóra, José Bazilio?

JOSÉ BAZILIO.

Nada, padre Reitor; tudo está em silencio. O convento continúa cercado de tropa.

FR. PEDRO, indo á janella.

Aquelle vulto que alli passeia no jardim, não é o governador?

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ BAZILIO.

Assim me parece. Ha duas horas seguras que percorre o mesmo espaço.

FR. PEDRO.

Samuel terá razão? O Conde deixará de cumprir a ordem do marquez de Pombal?

JOSÉ BAZILIO.

O caso é, que depois da conferencia que tiveram, o governador retirou-se; e notei, padre Reitor, que ia demudado.

FR. PEDRO.

Parece com effeito que recuou; mas não creio nesse poder mysterioso capaz de suspender a ordem de El-rei.

JOSÉ BAZILIO.

O vigario geral da companhia de Jesus deve saber segredos importantes. Não se lembra, padre Reitor, do grito que ouvio-se?

FR. PEDRO.

De quem seria? Pareceu-me de uma mulher.

JOSÉ BAZILIO.

De uma mulher? Como podia estar no convento? Por onde entrou?

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Ha recantos nesta casa, José Bazilio, que eu mesmo ignoro, embora viva ha dez annos nella. Sabeis da tradicção que falla de uma communicação subterranea entre este convento e um outro edificio abaixo do morro?

JOSÉ BAZILIO.

Todos repetem esse boato; mas ninguem o affirma!

FR. PEDRO.

Talvez que taes segredos sejam conhecidos por esse homem incomprehensivel, que, depois de passar dezoito annos disfarçado em medico italiano, acaba de revellar-se de repente como a segunda autoridade da ordem.

JOSÉ BAZILIO.

E com todo esse poder veio esconder-se neste canto do mundo?

FR. PEDRO.

Quem sabe que planos eram os seus!

SCENA II

OS MESMOS E ESTEVÃO

JOSÉ BAZILIO.

Como estás?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Estou melhor; estou resignado!

FR. PEDRO.

Sentis alguma afflicção, Estevão?

ESTEVÃO.

Agora nada sinto; ha dores profundas que devastam o coração, e matam a alma, e fazem daquillo que foi um homem uma pouca de lama ou d'argila. Agora nada sinto! (Afasta-se.)

JOSÉ BAZILIO.

Toda a noite teve delirios horriveis; receei que enlouquecesse.

FR. PEDRO.

O que lhe succedeu?

JOSÉ BAZILIO.

Comprehendi das suas palavras soltas e sem nexo, que soffrêra uma grande decepção; amava uma menina; creio que ella o trahio.

FR. PEDRO, indo a Estevão.

Não vos deixeis succumbir, Estevão! A desgraça é uma prova que Deus nos envia para experimentar a nossa coragem. Devemos lutar e vencêl-a pela resignação.

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Não é possivel, padre Reitor; depois do que soffri não se vive.

JOSÉ BAZILIO.

Não digas isso, meu amigo.

ESTEVÃO.

Não sabes, José Bazilio, que estado é este d'alma que perdeu todas as crenças, e duvída de tudo!

FR. PEDRO.

Crêde na misericordia de Deus, filho!.... Elle vos salvará da desesperação.

ESTEVÃO.

A santidade de vossa vida, frei Pedro, não conhece esses infortunios para os quaes não ha consolo nem allivio.

FR. PEDRO.

É um engano vosso; tambem tive uma mocidade; depois que extinguio-se não ha dia em que eu não veja na consciencia dos outros os estragos que ahi deixaram as paixões.

ESTEVÃO.

Mas nunca viste o que eu senti!.... Amar uma menina pura e casta, respeital-a como a Deus, ter

Loja Independente de Teosofistas

medo de mim mesmo, quando a via tão bella !.... E no momento em que lhe supplicava que me aceitasse por seu esposo....

FR. PEDRO.

Recusou?

JOSÉ BAZILIO.

Trahio-te?.... Esqueceu o seu juramento?

ESTEVÃO.

Antes isso mil vezes !.... Antes a visse morta a meus pés, antes me repellisse ! Não soffreria como soffri, ouvindo-a propôr-me um amor infame !

JOSÉ BAZILIO.

Que dizes? Constança....

ESTEVÃO.

Recusou ser minha esposa para ser.... Adivinha ! Eu não tenho animo de dizêl-o !

FR. PEDRO.

Essa mulher não merecia vossa affeição, Estevão ; guardai-a para outra mais digna.

ESTEVÃO.

Não se ama duas vezes assim ; depois daquella tortura só me resta uma esperança : a morte que traz o repouso e o esquecimento.

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Quereis tentar contra vossa existencia?

ESTEVÃO.

Não; tive um momento essa fraqueza, mas passou.

FR. PEDRO.

Ainda bem.

ESTEVÃO.

Tenho porém uma graça que pedir-vos, padre Reitor.

FR. PEDRO.

Dizei qual, filho!

ESTEVÃO.

Aceitai em nome de Deus este sopro de vida que ainda me anima; dai-me o santo habito que vos cobre, para que eu ao menos tenha o direito de morrer como um christão.

FR. PEDRO.

Desejais professar?

JOSÉ BAZILIO.

Estevão, meu amigo!... (Entra Samuel)

ESTEVÃO.

Já não sirvo para coisa alguma neste mundo,

Loja Independente de Teosofistas

sinão para regar com meu sangue a cruz que vossos irmãos plantaram nesta terra.

FR. PEDRO.

Fazeis bem; achareis no seio da religião a paz e a tranquilidade.

SCENA III

FR. PEDRO, JOSÉ BAZILIO, ESTEVAO E SAMUEL.

SAMUEL.

Acharás a gloria e o poder!

ESTEVÃO, sorpreso.

Senhor!

FR. PEDRO.

Samuel!....

SAMUEL.

Serei eu mesmo que acceitarei os teus votos, meu filho! (Fr. Pedro e José Bazilio remontam.)

ESTEVÃO.

Nunca! De vós nada mais quero! Nem mesmo a compaixão.

SAMUEL.

Estevão!.. Não me reconheces?

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO

Reconheço-vos agora! Infelizmente é tarde! Despedaçastes a minha existencia; sacrificastes aos vossos planos insensatos a minha felicidade! Deixai-me o direito ao menos de esquecer-vos e morrer tranquillo!

SAMUEL.

Tu não morrerás, meu filho; a tua vida começa apenas; o teu destino ainda não se cumprio. Não lamentes a perda desses prazeres mesquinhos, que o homem superior não se abaixa para colher. A felicidade vem de Deus; não é no sorriso de uma mulher, flor de um dia, que tu a podes encontrar; procura-a na intelligencia, que é immortal.

ESTEVÃO.

Esqueceis que matastes-me a alma.

SAMUEL.

Eu, Estevão?

ESTEVÃO.

Vós mesmo! A principio não reflecti! Depois comprehendi tudo! Fallastes a Constança antes que eu chegasse; pervertestes o seu coração! Fizestes della, da virgem que amava-me, uma mulher perdida, um ente vil e abjecto; e de mim um

Loja Independente de Teosofistas

homem que descrê da virtude, da honra, do amôr; que duvidaria de sua mãi si a tivesse. Comtemplai a vossa obra, e escarnecei de Deus e do mundo!...

SAMUEL.

Não fui eu, humilde creatura, Estevão; foi a Providencia que illuminou essa menina, e lhe deo a coragem para o sacrificio que ella fazia á tua felicidade. Recusaste; porque não comprehendeste a sublimidade do seu amor e a virtude de sua alma!

ESTEVÃO.

A virtude?... Não profaneis esse nome.

SAMUEL

A virtude não é um habito, nem a simples abstinencia de um prazer; é a força e o heroismo necessario para o comprimento de um dever. Constança commeteria um crime, acceitando a partilha de tua existencia, e condenando-te á vida obscura da familia. Immolou sua honra á tua gloria! Cumprio um dever!

ESTEVÃO.

Ah! foi essa moral sacrilega que a perdeu!... Sacerdote da prostituição, corrompestes com as vossas palavras sua innocencia!

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Tu me accusas, meu filho!... Não sabes que o meu unico pensamento é a tua ventura, e a realisação dessa grande idéa de que serás o herdeiro! Não sabes o que eu sou?

ESTEVÃO.

Sois um louco!

SAMUEL.

Estevão!...

ESTEVÃO.

Um louco, sim! Já o confessastes, e eu quero acredital-o para não julgar-vos antes um demonio que se deleita com o soffrimento de suas victimas! Concebestes um projecto extravagante, e para realiza-lo todos os meios são bons! A desgraça de um filho a quem educastes, a deshonra de uma menina que não vos fez mal, o desespero de ambos; tudo vos parece virtude, tudo vos parece inspirado por Deus!...

SAMUEL.

Duvidas de mim, Estevão?...

ESTEVÃO.

E vós mesmo não duvidaes?... Estás bem certo

Loja Independente de Teosofistas

que a vossa razão gasta pelos annos, não delira? ... que essa grande idéa não seja apenas uma allucinação de vossa inteligencia enferma?!...

SAMUEL.

Confesso, Estevão. As vezes interrogo a minha consciencia, e pergunto-me a mim mesmo si a destruição de um obstaculo, si a morte de um homem, é um crime ou uma triste necessidade?... Mas a consciencia me responde: — «Prosegue; as idéas não se governam como os homens; ellas não páram em sua marcha; abatem os que se oppõe á sua passagem: são os rios que se precipitam para o occeano.»

ESTEVÃO

Basta! Não quero mais ouvir-vos; porque si me convencesseis que não sois um louco...

SAMUEL, com anciedade.

Me acompanharias?

ESTEVÃO.

Vos desprezaria como um assassino.

SAMUEL.

Meu filho?

ESTEVÃO.

Mas não tendes consciencia do que praticais. Só mereceis a compaixão!

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Não me condemnes, Estevão ! Ouve-me !... Não vês que eu choro, meu filho !...

ESTEVÃO.

Chorais !... Ainda bem !... Vou pedir a Deus que tenha piedade de vossa alma; e vos restitua a razão que perdestes, para um dia remirdes os erros de vossa vida. (sahe pelo fundo)

SCENA IV

SAMUEL, só.

Meu Deus !... Meu Deus !... Dirá elle a verdade ?... Esta grande obra, construida dia por dia, instante por instante, será apenas um sonho da imaginação, uma demencia do espirito ? !.. Serei eu um louco ?... Não. A luz da razão me esclarece; a mão da Providencia me guia !... Eu vejo !... A um aceno meu, um povo se ergue como um gigante e reclama o seu lugar entre as nações illustres !... A um aceno meu... Sim ! Sou apenas um homem, uma creatura fraca e mortal... Mas não foi um homem que descobrio o novo mundo ?... Elle só com a sua vontade e o seu genio ?... Não foi um homem que deu azas ao pensamento e o fez rei e senhor do universo ?... Oh ! não !... Não

Loja Independente de Teosofistas

sou um louco!... Estevão hade comprehender-me, e perdoar-me! É preciso!... Ainda que destrua metade do que tenho feito!... (cogita)

SCENA V

SAMUEL E FR. PEDRO.

FR. PEDRO, para dentro a José Bazilio.

Não o deixeis; no estado em que está póde praticar um acto de desespero, (José Bazilio recolhe-se.)

SAMUEL, erguendo a cabeça.

Que horas serão, frei Pedro.?

FR. PEDRO.

Devem ser mais de trez. (chegando-se á janella.) O oriente começa a empallidecer.

SAMUEL, sombrio.

É a aurora do dia 14 de Novembro que vem annunciar a proscripção da companhia de Jesus. O sol que vai raiar verá nossa ruina.

FR. PEDRO.

Como?... Perdestes a esperança?... Não me havieis dito que estavamos salvos?

SAMUEL.

Enganei-me, frei Pedro. Julguei que setenta e

Loja Independente de Teosofistas

cinco annos de existencia tinham reduzido a cinzas este coração, e que nada mais o podia estremecer! Enganei-me!.. Eu que sorria das paixões humanas, eu que jogava com a vida de milhares de homens, eu que vi impassivel morrerem um a um todos os que me amaram na terra, achei emfim uma lagrima!... O grito de dor d'aquelle menino despertou esta alma surda ás procellas do mundo!

FR. PEDRO.

Mas que tem isso com a salvação que nos prometestes?

SAMUEL.

Esta salvação seria comprada com a sua felicidade, e eu não quero, não posso vél-o soffrer. Amo-o como meu filho!

FR. PEDRO.

Assim, sacrificais a religião a uma affeição pessoal?

SAMUEL.

Sacrifico mais ainda!

FR. PEDRO,

Desconheço-vos neste momento, Samuel!

SAMUEL.

Eu mesmo não me reconheço! Uma força mais

Loja Independente de Teosofistas

poderosa do que minha vontade domina-me! (Pausa) O que é o homem, frei Pedro? Uma parcella de essencia divina fechada em um vaso de argilla. Que importa que o genio se eleve e plaine sobre a terra, si basta um sopro para quebrar o vaso que o encerra?... Consumir cincoenta annos de existencia a crear e realisar uma idéa; gastar toda a sua inteligencia a preparar os elementos de uma revolução, conseguir á força de perseverança dirigir a marcha dos acontecimentos; e afinal ver tudo destruido pelo olhar de uma mulher!... Depois disto crêdes que haja verdade neste mundo? A sciencia, a religião, a justiça, o que são? Uma mentira!.... Uma illusão que se desvanece com um sorriso de amor!... Homem, mixto de orgulho e de baixeza, humilha-te!... Tu és um escarneo da Providencia, que te creou para divertir-se em comtemplar a tua miseria, luta insana do espirito com a materia.

FR. PEDRO.

Acalmai-vos, meu amigo. Sem querer, soltastes uma blasphemia.

SAMUEL.

Senhor, perdoai-me!... (a frei Pedro) Tendes razão; preciso de toda calma: resta-nos uma hora apenas.

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Então decididamente estamos perdidos ?

SAMUEL.

Resignemo-nos á vontade de Deus, e preparemo-nos para morrer como martyres, si assim for preciso.

FR. PEDRO.

O governador vos respeitará.

SAMUEL.

Porque motivo ?

FR. PEDRO.

O vosso carater sagrado ! Sois o vigario geral da companhia de Jesus, que embora expulsa de Portugal, ainda pode muito na Europa ?

SAMUEL.

Isso de nada vale. O conde de Babadella sabe que a minha existencia é um obstaculo ao engrandecimento da monarchia portugueza, e hade procurar remover esse obstaculo; mas estou tranquillo; aguardo a minha sorte.

SCENA VI

FR. PEDRO, DANIEL, UM FRADE E UM HOMEM DE OLHOS VENDADOS

FR. PEDRO, ao frade.

Chamai nossos irmãos á oração; poucos mo-

Loja Independente de Teosofistas

mentos nos concede o Senhor para purificarmos a alma que talvez em uma hora tenha de comparecer ante o seu throno.

(O frade sahe)

DANIEL, a meia voz.

Quereis fazer uma obra de misericordia, padre Reitor ?

FR. PEDRO.

Não é cousa a que se recuse um servo de Deus. Que desejais ?

DANIEL.

Podeis absolver aquelle homem ? (apontando)

FR. PEDRO.

Absolvel-o ? Porque ?

DANIEL.

Porque vai morrer.

FR. PEDRO.

Como ?

DANIEL

Tenho ordem de avia-lo.

FR. PEDRO.

Quem vos deu semelhante ordem ?

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Aquelle que a podia dar.

FR. PEDRO.

O governador?

DANIEL

O governador manda nos seus soldados; não manda nesta casa.

FR. PEDRO.

Samuel?

DANIEL.

Sim.

FR. PEDRO.

Não é possivel! Que fez este homem?

DANIEL

Sabe um segredo importante.

FR. PEDRO.

Mais isso não é um crime!

DANIEL.

È uma desgraça, que é peor.

FR. PEDRO.

Não consentirei.

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL

É desnecessario o vosso consentimento.

FR. PEDRO.

Não vêdes que é um assassinato?

DANIEL

É o meu dever; o doutor Samuel ordenou, eu obedeço.

FR. PEDRO, comsigo.

Que fanatismo, meu Deus!... Como aquella intelligencia superior pôde assim dominar esta consciencia a ponto de fazer della um instrumento cego da sua vontade!

DANIEL.

Quereis absolver o homem?

FR. PEDRO.

Nunca! Não serei cumplice desse homicidio.

DANIEL.

Pois bem elle morrerá impenitente, e carregareis com as suas culpas.

FR. PEDRO.

Escuta; quero fallar a Samuel.

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Não posso esperar; a menor demora é um risco; este homem póde cahir nas mãos do governador.

FR. PEDRO.

Que mal resultaria dahi?

DANIEL.

Revellaria o segredo de que é sabedor.

FR. PEDRO.

Mas que segredo é esse?... Quem é este desgraçado?

DANIEL.

É um pedreiro.

FR. PEDRO.

Que veio fazer aqui?

DANIEL.

Veio levantar um muro.

FR. PEDRO.

Em que lugar? Nada vi!

DANIEL.

Não sei, ninguem vio; elle mesmo não o sabe.

FR. PEDRO.

Que quer dizer este enigma?

Loja Independente de Teosofistas

DANIEL.

Ha oito dias que este homem foi trazido aqui com os olhos vendados; deixei-o n'aquella cella onde ha pouco o fui encontrar. Diz que trabalhou sem descanso em uma cava onde não penetrava a luz do sol; uma lampada o esclarecia.

FR. PEDRO.

Ah! já comprehendo o mysterio. Samuel quiz prevenir uma traição.

DANIEL.

Bem vêdes que tenho razão.

FR. PEDRO.

Ainda assim, não deves matar este infeliz.

DANIEL.

Eil-o ahi; perguntai-lhe.

SCENA VII

SAMUEL, FR. PEDRO E DANIEL.

FR. PEDRO.

É verdade, meu amigo?

SAMUEL.

O que, frei Pedro?

Loja Independente de Teosofistas

FR. PEDRO.

Déstes a Daniel uma ordem severa!

SAMUEL.

Sim!... Dei-a ha uma hora. Felizmente ainda é tempo!... Começo a crer que não ha necessidade que justifique um crime. A vida da creatura é sagrada; só a póde tirar aquelle que a deu. Todo o ouro da terra não paga uma gota de sangue derramado.

FR. PEDRO, a Daniel.

Ouves?

SAMUEL.

Daniel, ha algum meio de fazer aquelle homem sahir são e salvo do convento?

DANIEL.

Nenhum; todas as portas estão guardadas.

SAMUEL.

Pois então vesti-vos ambos de irmãos leigos e esperai que amanheça: logo que tiverem presos todos os jesuitas professos, vos deixarão partir livremente. Acompanhai-o, e persuadi-o a que deixe o Brasil.

DANIEL.

Correis um perigo, senhor; não devo abandonar-vos.

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Obrigado, Daniel; ide! (Daniel sahe) Ordenai que preparem aquelle altar, frei Pedro, e mandai-me Estevão.

FR. PEDRO.

Elle não vos quer vêr, meu amigo.

SAMUEL.

Não lhe falleis, em meu nome; dizei-lhe que Constança o chama. (Entra Garcia com Constança adormecida e a deita em um confessionario).

FR. PEDRO.

Esta menina!... Aquella que elle amava?...

SAMUEL.

E que ainda ama!...

SCENA VIII

GARCIA E SAMUEL.

SAMUEL.

Garcia!

GARCIA.

Senhor!

SAMUEL.

A desgraça pesa sobre esta casa; mas espero que

Loja Independente de Teosofistas

não vos tocará. Voltai ao Paraguay; e dizei a vossos irmãos que ainda não chegou o momento de reconquistarem a sua independencia.

GARCIA.

Porque não partis comigo? Nós vos defenderemos contra os vossos inimigos.

SAMUEL.

Tenho outro dever a cumprir.

GARCIA.

Posso salvar-vos ainda!

SAMUEL.

É inutil, Garcia.

GARCIA.

Duvidais?

SAMUEL.

Não; conheço a vossa coragem; mas ella é desnecessaria.

GARCIA.

Quando devo partir?

SAMUEL.

Logo que vos deixem passar. Approveitai o pouco tempo que tendes para preparar-vos,

Loja Independente de Teosofistas

GARCIA.

Não vos verei mais ?

SAMUEL.

Talvez no céo.

SCENA IX

Samuel ficando só contempla Constança por alguns instantes, e ergue os olhos para o altar,

SAMUEL.

Só tu és grande, meu Deus !... E a tua humilde creatura só consegue elevar-se do pó em que rasteja quando contempla e admira a tua grandeza !... Sublime é o teu poder !... O raio que escala as nuvens, a tormenta que revolve o oceano, os cataclismos que mudam a face da terra, não são a mais bella expressão de tua força. É no estame delicado da flor, no grão de areia, no atomo imperceptivel, que tu oppões com uma barreira invencivel á louca vaidade do homem que eu reconheço a tua omnipotencia ! Quem diria que um velho encanecido no trabalho, que a razão exercida no estudo e reflexão, se curvaria diante dessa menina adormecida, revelação grandiosa de tua magestade ? Um minuto acaba de riscar do passado quasi um seculo ! A alma rebelde e orgulhosa que

Loja Independente de Teosofistas

ousava lêr no futuro, prostra-se a teus pés, Senhor, e adora o seu Creador. (Ajoelha aos pés do altar; ouve-se o coro dos frades acompanhado pelo som do orgão.)

SCENA X

SAMUEL, ESTEVÃO E CONSTANÇA, adormecida.

ESTEVÃO.

De joelhos!... Elle!...

SAMUEL, erguendo-se.

Meu filho!

ESTEVÃO.

Eu me retiro; não está aqui quem eu procurava. Fr. Pedro enganou-me.

SAMUEL.

Não te enganou, não, Estevão. Tua esposa te espera; ella te sorri. (Mostra-a)

ESTEVÃO.

Ah! Mas que tem ella?

SAMUEL.

Está adormecida; d'aqui a um instante acordará.

ESTEVÃO.

Antes não acordasse... Para fallar-me como me

Loja Independente de Teosofistas

fallou! Morta, eu ainda a amaria; viva... é impossivel!

SAMUEL.

Constança é pura e innocente; acceitava o amor illegitimo como um martyrio, porque eu lh'o ordenei em nome de Deus.

ESTEVÃO.

Devia ter repellido semelhante infamia.

SAMUEL.

Depois de a convencer que a sua affeição te roubava a gloria e te fazia desgraçado? Era preciso que não te amasse. Uma mulher, Estevão, sacrifica tudo, menos o seu coração. Mas esqueçe o passado, e perdoa-me.

(Constança desperta sorpresa e ajoelha-se aos pés do altar.)

ESTEVÃO.

Quem me assegura que não me illudis ainda? Que a vossa moral jesuitica não escarnece de mim? Lembrai-vos que ha quinze dias consentistes que eu a amasse; e entretanto hontem...

SAMUEL.

Hontem eu não sabia que te queria mais do que a um filho! Ignorava esta paternidade d'alma,

Loja Independente de Teosofistas

mais forte e mais violenta do que a paternidade do sangue ! A tua dor m'a revelou ! Hoje sou outro homem ; o coração dominou a razão ; o revolucionario tornou-se pai !

ESTEVÃO.

Si fosseis sincero !... Mas como acreditar-vos ?

SAMUEL.

Alli está um altar. (vendo Constança) Tua noiva ja despertou ; ei-la de joelhos ; vem ; quero abençoar a vossa união.

ESTEVÃO.

Constança !

CONSTANÇA.

Já não me foge, Estevão ?

ESTEVÃO.

Não ; tu és minha esposa, Constança.

(Ajoelham-se aos pés do altar. Samuel une as mãos de ambos e os abençóa murmurando rapidamente as palavras do ritual : *Ego conjungo vos in matrimonio. In nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti. Amen.*)

ESTEVÃO.

Meu pai ! (abraça a Samuel.)

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Meu filho! Queria dar-te a gloria, preferiste a felicidade.

ESTEVÃO.

Si eu não a amasse!

SAMUEL.

Vamos separar-nos, talvez para sempre, meu filho. Quero levar ao menos o consolo de tua affeição.

ESTEVÃO.

Ah! Eu vos amo e admiro! Esquecei um transporte de desespero!

SAMUEL.

Esquecel-o, quando foi elle que restituio-me a razão? (a Constança) Minha filha, os instantes correm; e eu não sei o que Deus em sua sabedoria terá feito de mim antes de uma hora. Ide render-lhe graças aos pés do altar, emquanto fallo a Estevão. Com pouco o restituirei á vossa ternura. Tendes uma existencia inteira para amal-o! (abraça-a.)

CONSTANÇA.

E para venerar o nome d'aquelle a quem devo o meu Estevão! (ajoelha.)

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Fui um grande peccador, Estevão ; mas quero revelar-te o misterio desta existencia que está proxima de seu termo. Vaes ler no fundo desta alma, onde até agora só penetrou o olhar de Deus.

ESTEVÃO.

Oh ! sim ; desejo conhecer a vossa historia ; ella me ensinará a amar-vos ainda mais.

SAMUEL.

Como tu, Estevão, ignoro de quem sou filho : não tive familia ; não conheci meus paes ; porém nasci-no seio desta terra virgem, que me nutrio como mãe ; o meu berço embalou-se ao sopro das brisas americanas ; os meus olhos abriram-se para contemplar este céo puro e azul. Não sei que perfume de liberdade respiram as flores destes campos ; que voz solemne tem o echo destas florestas ; que sentimento de independencia excita a grandeza deste continente e a amplidão do oceano que o cinge !... Não sei !... Mas a primeira idéa que germinou em meu espirito de quinze annos foi a emancipação de minha patria ; a primeira palavra que balbuciou a minha razão foi o nome do Brasil, que resumia para mim os nomes de pae, de mãe, de irmãos, de todos esses ternos affectos que a Providencia me negara !

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO.

Oh! eu tambem sentia a mesma cousa, quando contemplava esta natureza esplendida!

SAMUEL.

Não é verdade? Este sol brilhante illumina a intelligencia e dá vôos ao pensamento. Aquella inspiração da mocidade tornou-se uma idéa; a razão apoderou-se della; e eu, só, sem recursos, sem auxilios, concebi esse plano ousado e gigantesco, que ás vezes me fazia duvidar de mim, e que tu chamaste uma loucura!

ESTEVÃO.

Que dizeis, senhor?... Essa revolução...

SAMUEL.

Era a independencia de nossa patria!

ESTEVÃO.

Como podieis realisar semelhante projecto? Era um impossivel!

SAMUEL.

Houve tempo em que julguei não haver impossiveis para o homem. Era jesuita professo nos quatro gráos; conhecia o immenso poder dessa vasta associação que se estendia pelo universo, prendendo-o por uma têa de vinte mil apostolos,

Loja Independente de Teosofistas

como um corpo á cabeça que estava em Roma. Podia dirigil-a, si eu quizesse, e fazer della uma alavanca para abalar o mundo. Precisava porém de estar aqui. O geral Miguel Angelo Tamburini, a quem confiei a minha idéa, nomeou-me vigario da ordem, nomeação secreta que foi confirmada por seus successores. Com essa autoridade, voltei ao Brasil e continuei a trabalhar.

ESTEVÃO.

E desde então o que fizestes?

SAMUEL.

Ides ver. Esta região rica e fecunda era e ainda é hoje um deserto; para fazer della um grande imperio, como eu sonhei, era necessaria uma população. De que maneira creal-a? Os homens não pullulam como as plantas; a reproducção natural demanda seculos. Lembrei-me que havia na Europa raças vagabundas que não tinham onde assentar a sua tenda; lembrei-me tambem que no fundo das florestas ainda havia restos de povos selvagens. Offereci á aquelles uma patria; civilisei estes pela religião. Daniel, o cigano, era o élo dessa imigração que em dez annos traria ao Brasil dusentos mil bohemios; Garcia, o indio, era o representante das nações selvagens que só esperavam um signal para declararem de novo a sua inde-

Loja Independente de Teosofistas

pendencia. Mas isto ainda não bastava; os judeus, familia immensa e proscripta, corriam a abrigar-se aqui da perseguição dos christãos; Portugal e Hespanha pela intolerancia, a Inglaterra pelo protestantismo, a França pelo catholicismo, lançariam metade de sua população n'esta terra de liberdade e tolerancia, onde toda a religião poderia erguer o seu templo, onde nenhum homem seria estrangeiro.

ESTEVÃO.

Oh! Eu vos admiro!

SAMUEL.

Todos os elementos estavam dispostos; proseguia na minha obra certo de que, si me faltasse o tempo, tu a continuarias. Em menos de vinte annos o Brasil deixaria de ser uma colonia de Portugal. Eis a missão que te destinava. Deixaste-me só... e estou velho!...

ESTEVÃO.

Oh! Eu vos seguirei!

SAMUEL, apontando para Constança.

E ella?...

Frei Pedro á frente da communidade tem entrado pelo fundo e tomado posição no côro.

SCENA XI

SAMUEL, ESTEVÃO, CONDE DE BOBADELLA, CONSTANÇA, FRADES COM TOCHAS, E SOLDADOS, ETC.

(Dobram os sinos.)

Loja Independente de Teosofistas

ESTEVÃO, voltando-se.

O governador !

CONDE, a Samuel.

Bem vêdes que sou pontual.

SAMUEL.

Eu vos esperava !

CONDE

Esperastes o pai; mas quem veio foi o juiz. Podeis consumar o vosso ultimo crime; o algoz se prepara para punir-vos.

SAMUEL.

Antes de resolverdes o sacrificio do vosso amor paternal tinha eu restituido a Estevão sua esposa, como agora vos restituo vossa filha.

CONDE, vendo Constança.

Ah ! (recobra-se) Não; aqui só falla o dever.

SAMUEL.

Cumpri-o. Quem vos impede ?

CONDE.

Miguel Correia ?

Apparece o official; e a scena enche-se de soldados.

Loja Independente de Teosofistas

SAMUEL.

Adeus, conde de Bobadella.

CONDE.

Onde ides?

SAMUEL.

Vou a Roma.

CONDE.

Estais zombando!

SAMUEL.

Vou a Roma, onde não chega nem o braço de vosso rei, nem a colera de vosso ministro.

CONDE.

Esperais escapar-me, rebelde, depois de terdes ousado conspirar contra o vosso rei? Esperais que vos deixe continuar livremente a forjar nas trevas o vosso plano. Official, apoderai-vos deste homem!

Estevão quer proteger Samuel com o seu corpo quando Miguel Correia avança. Samuel porem sobe o degrau do altar.

SAMUEL.

Tranquillisai-vos, meu filho; o poder de Deus me defende! (Ao conde) Que quereis de mim?... O frade, o jesuita?... (Tira o habito e lança-lh'o aos

Loja Independente de Teosofistas

pés) Eil-o ; é um habito ? Podeis rasgal-o ; mas a idéa não morrerá, não ! Ella fica plantada no solo americano; cada homem que surgir do seio desta terra livre será um novo apostolo da independencia do Brasil !

CONDE.

Impostor !

SAMUEL.

Conde de Bobadella, governador do rei de Portugal, eu te empraso para d'aqui a um seculo. Á voz possante de um povo saudando a sua liberdade, a tua sombra se erguerá do tumulo para admirar esse imperio que a Providencia reserva a altos destinos. Não vês que o gigante se ergue e quebra as cadeias que o prendem ? Não vês que o velho tronco de reis-heróes, carcomido pela corrupção e pelos seculos, hade florecer de novo nesta terra virgem, e aos raios d'este sol creador ?... Oh ! Deus me illumina !... Eu vejo !... Alem... no futuro... Eil-o !... Brasil !... Minha patria !...

CONDE

Soldados !... Prendei-o !

CORREIA.

A quem ?

Loja Independente de Teosofistas

Quando o Conde volta as costas e vai chamar os soldados, Estevão e Constança correm a impedil-o; neste momento abre-se uma porta falsa no altar e Samuel desapparece.

CONDE.

A elle. Onde está?

FR. PEDRO

Deus o sabe!

FIM

Loja Independente de Teosofistas

NOTA

Loja Independente de Teosofistas

Loja Independente de Teosofistas

O JESUITA

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS DE JOSÉ DE ALENCAR

Quando a empreza do theatro S. Luiz annunciou a nova peça de J. de Alencar, houve quem pensasse que o eminente escriptor descia da altura em que o collocaram seus talentos para envolver-se nas questões do dia, explorando pró ou contra as animosidades do recente conflicto entre o poder civil e o ecclesiastico.

Si bem que o nome do poeta de *Iracema* por si só bastasse para desvanecer tal suspeita, a esse erro facilmente eram induzidos os animos avassallados pela preoccupação da luta religiosa e, confessamos, tivemos por algum tempo receios de que esta crença, si não fosse logo formalmente destruida, maculasse a nossa mais gloriosa reputação litteraria.

Nem todos se lembravam da noticia que desse drama deu a *Republica*, muito antes do apparecimento da questão episcopal; nem todos sabiam que elle estava escripto ha mais de treze annos, e a platéa dos nossos theatros, no habito de ser lisongeada pela maioria dos emprezarios, acreditava ter no *Jesuita* uma continuação do *Ganganelli*, *Apostolos do Mal* e quejandas especulações de scena.

Loja Independente de Teosofistas

Felizmente para nós, que zelamos os fóros das grandes intelligencias do Brasil como um dos nossos mais preciosos patrimonios, a primeira representação do drama de Alencar na noite de 18 do corrente veio pôr termo a tão levianas supposições.

Era dever nosso não faltar á festa litteraria offerecida pela companhia do S. Luiz no sabbado.

Ha muito tempo que peza sobre o theatro brasileiro o opprobrio da depravação. Nós temos assistido ás vicissitudes de um combate começado ha dez annos e cujo resultado foi a ruina da arte dramatica no Rio de Janeiro. Depois que as indecentes farças parisienses perverteram o gosto publico e uma caterva de meretrizes francezas transformou o palco em prostibulo; depois que o contagio corruptor communicou-se aos theatros nacionaes, impossibilitando-lhes a existencia, si não recorressem a magicas e operetas com o accessorio de fogos de Bengala e mulheres semi-nuas; depois que os proprios escriptores brasileiros deixaram-se arrastar pela onda da palhaçada e da immoralidade e concorreram para o vilipendio da arte e das letras, resignamo-nos ao nosso miserando estado, certos de que havia de chegar o dia da reacção contra mais esse *beneficio* que nos trouxera o europeu corrompido.

Não nos anima ainda a esperança de vêr no *Jesuita* symptomas da regeneração do nosso palco. O cancro está profundamente arraigado e não se extirpa com facilidade. Saudamos, porèm, a representação do novo drama, porque é mais uma prova brilhante da pujança da intelligencia brasileira, porque no futuro ha de salvar de um anathema geral a presente geração da nossa terra, porque proporciona aos enthusiastas do bello um instante de contentamento e alegrias puras e illumina-nos a imaginação pezarosa com o reflexo de um talento fulgurante.

Loja Independente de Teosofistas

Tivessem com effeito todos os soffrimentos consolações tão bemditas! Gloria ao espirito privilegiado que no meio do luto e do descalabro veio nos trazer o conforto de seu admiravel engenho! Máo grado a indifferença, o abandono e a dissolução do publico, a consciencia do grande escriptor hade pagar-lhe em intimo regosijo o bem que fez á parte sensata e morigerada da sociedade fluminense.

O drama de J. de Alencar é uma das concepções mais grandiosas do cerebro humano.

Não influem em nosso conceito outros estimulos além da mais sincera convicção. Quizeramos mesmo não reconhecer-lhe proporções sublimes, porque talvez o vissemos mais tempo nos cartazes.

Mas assim devia ser. Si nos fôra licito assignalar as phases do talento de J. de Alencar, diriamos que nesse drama a sua musa dramatica chegou ao pleno esplendor. Póde-se acompanhar o alargamento progressivo do seu horisonte moral: o individuo no *Verso e Reverso*, a mulher nas *Azas de um Anjo*, a sociedade no *Demonio Familiar* e o povo no *Jesuita*.

Que soberbo golpe de vista descobre a intelligencia que de gradação em gradação transpõe cada uma dessas amplificações do pensamento!

O *Jesuita* tem as tres qualidades essenciaes para, segundo a critica historica, immortalisarem uma obra dramatica: a verdade, o sentimento e a grandeza. [1] Da reunião judiciosa dessas tres condições a obra da arte fórma um conjuncto harmonioso e correcto que falla ao mesmo tempo aos olhos, ao coração e ao espirito, que excita o applauso do ente rude, a lagrima da mulher e a attenção do erudito, e confundindo em uma só idéa a moral, a poesia e a epopéa faz estremecer

1 V. Hugo — Prefacio da Maria Tudor.

Loja Independente de Teosofistas

a triplice organisação psychologica do homem — a sensivel, a intellectual e a activa.

Menos essencial, mas tão valiosa, junta-se a essas exigencias uma outra, que não se applica ao bello plastico. É o estylo, a elegancia da construcção. Póde o esculptor reproduzir um dia a athletica *Minerva* de Phidias e ninguem o censurará; mas ao poeta dramatico não é dado procurar outra fórma senão a que fôr sem difficuldade comprehendida pelo publico para quem escreve e hade sacrificar, si quizer ser estimado, as suas convicções em materia philologica, as suas sympathias pelas bellezas classicas da lingua.

A historia não nos apresenta muitos escriptores que tenham satisfeito a tão difficeis exigencias. Por que razão Eschyllo, Sophocles, Shakespeare, Corneille, Goethe, Schiller, Alfieri e Victor Hugo destacam-se entre todos os dramaturgos de seu tempo e serão lidos em todos os seculos? É porque coube-lhes o glorioso privilegio de poderem encarar na mesma obra os tres aspectos da alma humana, de fallarem á intelligencia que percebe o verdadeiro, á sensibilidade que reconhece a natureza e á razão, base da grandeza moral, que analysa o caracter e as acções e admira o heroico e o sublime.

Foi por consorciar esses elementos que o *Jesuita* nos pareceu ser um dos grandes trabalhos dramaticos destinados a eterna perduração.

Estamos no meiado do seculo XVIII. Propagam-se por todo o mundo as doutrinas reformistas dos philosophos francezes; fermenta em todos os espiritos a anciedade revolucionaria que dentro em pouco vae libertar os Estados-Unidos, convulsionar a França e martyrisar Tiradentes. Os povos tem ancia de liberdade; os thronos vacillam, os monarchas abdicam nos seus ministros.

Loja Independente de Teosofistas

Um supposto medico italiano, o dr. Samuel, cuja bolsa estava aberta aos pobres e cuja sciencia consolava aos ricos, vive por esse tempo no Rio de Janeiro. Austero e religioso, era respeitado e amado e á sua influencia obedeciam os padres da companhia de Jesus em cujo collegio tinha entrada franca e livre.

Esse homem conspirava, illudia e disfarçava-se.

Pobre engeitado, sem pai nem mãe, nascido ao calor do sol brazileiro e bafejado pelas brizas americanas, Samuel fôra agasalhado pelos jesuitas, professára e partira para a Italia. Ahi, ou fossem saudades da terra natal ou impetos do um coração mal refreado pelas regras do instituto, elle concebe, estuda, amadurece e resolve executar um projecto ousado, o de libertar a sua patria.

Mais audacioso do que Colombo, porque não tinha certeza da victoria, o ardente jesuita lança para a consolidação de sua obra os mais gigantescos alicerces.

Expõe suas vistas ao geral da ordem que as approva e conta assim com a coadjuvação de vinte mil dos mais terriveis soldados, os da sotaina, os homens capazes de tudo que se lhes ordenar, que dispõem de um poder immenso sobre as consciencias e não sabem o que sejam obices e escrupulos quando se trata de engrandecer a companhia.

Vem Samuel para o Brazil com a nomeação de vigario geral, que lhe dá faculdades extensissimas. Para a sua obra subterranea, porém, é preciso o disfarce, a prudencia, o segredo, e ninguem vê no inoffensivo medico italiano a menor apparencia de um conspirador.

Mas o Brasil está deserto. A população mal povôa certos pontos da costa e limitadissima zona do interior; os bandos aventureiros dos paulistas não offerecem garantia de fixidez; procuram o ouro, a riqueza da mina e não a fecundidade do sólo; destroem com a mesma rapidez com que edificam.

Loja Independente de Teosofistas

Comvem no entanto povoar o paiz, para apresental-o forte e robusto, modificada a indole dos habitantes da colonia; o que fazer?

Vivem na Europa perseguidos e amaldiçoados milhares de homens que erram de paiz em paiz, a procura de abrigo e de trabalho: as familias bohemias attrahidas cautelosamente serão um poderoso incremento dado á povoação.

A intolerancia religiosa dos governos europeus opprime os expatriados sectarios do judaismo; mas a terra brasileira offereceria asylo certo e duradouro á raça hebréa.

Ainda não basta. É preciso que á indole pacifica, tenaz e soffredora do bohemio e do judeu consorcie-se o genio altivo, emprehendedor e livre do americano; para isto podem ser aproveitados os destroços das tribus selvagens, vagabundas nas mais invias florestas. O braço incansavel do missionario vae buscar o rude filho do deserto e ás margens do Uruguay elevam-se as theocraticas aldeias das Missões.

Eis na religião, na miseria e na raça os elementos constitutivos da nova nacionalidade.

Ainda não é tudo. O architecto desse colossal monumento sente a idade ir-lhe alvejando os cabellos e enfraquecendo o corpo; e para que sua idéa não pereça com o seu corpo, para que outro continue o surdo trabalho interrompido pela morte, concentra em uma criança que um dia achára á porta, todas as affeições exteriores de seu espirito e todos os raios de sua intelligencia creadora.

Começa então o drama.

As reformas do marquez de Pombal abalam a segurança da companhia de Jesus; atterrorisados esperam os padres o momento em que hade fulminal-os a vontade omnipotente do ministro de D. José. Samuel, que era a alma da provincia, o oraculo mysterioso de suas resoluções, prevê, cal-

Loja Independente de Teosofistas

cula e avalia os prejuizos que a expulsão da companhia vae causar á sua obra, e não se atemorisa.

Estevão, seu filho adoptivo, alma embuida de seus preceitos, intelligencia moldada ao s u cinzel, grato, generoso e ardente, ignora o grande destino a que o consagram. Nelle consubstanciam-se as esperanças e as affeições de Samuel; é o moço que deve proseguir o plano assentado e abrigar no joven coração a idéa gigantea do craneo envelhecido. A existencia de Estevão está de ante mão votada a essa tarefa; sem o saber, o mancebo pertence á companhia de Jesus; tem 18 annos, o mundo sorri-lhe, seu coração expande-se. É tempo de inicial-o no terrivel mysterio.

Mas o velho visionario encontra nessa occasião um obstaculo natural, pequeno e nullo, uma coisa de que a sciencia zomba e os calculistas não fazem caso. Um sentimento estranho á influencia paterna interpuzera-se entre a creatura e o creador. Estevão ama, e o amor não se coadumna com o apostolado da liberdade, deusa egoista e ciosa que quer a devotação completa do individuo e absorve-lhe todas as faculdades.

Acodem de tropel á cabeça do jesuita os mais terriveis raciocinios.

Os martyres da liberdade podem ser homens, mas os seus hierophantes devem ser genios, e a força de genio está na sua impassibilidade. Quando o clarão de uma idéa illumina o cerebro predestinado, é preciso que ao culto dessa idéa sacrifiquem-se prazeres do corpo e ternuras da alma, deveres sociaes e necessidades da vida. A fronte marcada com o sello da grandeza humana não deve sentir o beijo dos labios da mulher senão como um gozo ephemero, um desenfado fugitivo. O coração que só estremece á voz de um destino providencial ha de petrificar-se ao contacto de um seio amoroso. Dae ao homem a clava herculea e apontae-lhe uma serie de emprezas sobre-humanas; mas se deixardes que um sorriso

Loja Independente de Teosofistas

apaixonado o fascine, vel-o-heis rojado aos pés da Omphalia seductora, esquecendo pela caricia voluptuosa todos os deveres de sua missão. O pensamento menos geral não póde suffocar a concepção mais lata. Quem pensa em salvar um povo, quem ambiciona beneficiar a humanidade, ha de, se não quizer renunciar aos seus projectos, desconhecer os carinhos da mulher, as meigas doçuras da familia, o consolador conchego do lar.

A infernal astucia de frade soccorre o pensador afflicto. De nada vale uma vida quando se trata de uma revolução; que importa que se despedace a alma candida de uma pobre menina e se desfolhem as illusões de um moço, si consolidada fica a regeneração social de um paiz inteiro?

O que é preciso? Desligar os dous enamorados. Para quem medita durante cincoenta annos as mais arrojadas combinações, isso não é um escolho condigno, é um brinco, um simples reparo, poucos minutos distrahidos de uma attenção mais altamente occupada...

Oh! fraqueza da intelligencia! presumpção eterna do imperfeito! não sabeis quanto vale o olhar de uma mulher!

Samuel recorre a todos os meios de sophisma, a todos os artificios da persuasão e nada consegue. Aquelle moço em cuja cabeça resumiam-se todas as seguranças da continuação de sua obra; aquella alma que elle ia, Prometheu estranho, animar com a revelação de seus intentos, rèsiste, vive para amar e pelo amor tudo olvida. Multiplica o velho jesuita os ardis e as argucias e afinal triumpha, porque não póde a innocencia da juventude resistir ás machinações de um espirito amadurecido na dessimulação.

Triumpha!... Oh! não, foi vencido...

Quando esmagára o coração dos dous entes puros, roubára do seio de um as ternas illusões do amor e enchêra o do outro de amargura, de vergonha e desespero; quando, al-

Loja Independente de Teosofistas

goz implacavel, offerecia esse horroroso sacrificio em holocausto á liberdade, e contava desafiar as iras do Bobadella, encarregado de executar as ordens de Pombal, Samuel, o proprio fanatico que se ria das paixões humanas, o homem em cujo organismo parecia terem-se amortecido sentimentos e sensações, o espirito superior que julgava só ter coração para a patria, não póde resistir ás exprobações do filho de sua intelligencia, planta regada com a chuva fecundante de sua sciencia, cerebro que seria a resurreição de sua idéa. Elle, o calculista frio e severo, o martyr voluntario de uma utopia grandiosa, elle que devia dedicar todas as forças physicas e moraes á religião da liberdade, sente-se tambem subjugado pelo clamor do coração angustiado, reconhece que tem entranhas, e todo o seu ser estremece quando a boca de Estevão o amaldiçôa em nome de seu amor espedaçado.

É o ponto culminante do drama. Ao brado da natureza, o homem nullifica-se ; o coração prostra-o vencido e supplicante. Não gyrava o mesmo sangue nas veias dos dous corpos, mas o velho bafejara o desabrochar da alma do moço e consagrava-lhe sem o saber a maior idolatria paterna. Abatido em rapido momento da altura inaccessivel de seus vastos planos, elle vê que um pae não póde causar a desgraça de um filho ; todos os recursos de que dispunha para lutar até vencer esvaecem-se, e delle se apodera uma unica idéa, a felicidade do ente amado.

Eis em pallido esboço o assumpto do *Jesuita*.

Como se vê, os tres principios do bello dramatico unem-se nessa obra de um modo magnifico. O que a razão pode conceber de mais nobre e elevado, a liberdade, está alli posto em luta com o eterno movel da alma, o amor, e sobre o alquebramento das forças do raciocinio eleva-se a victoria da natureza sensivel. O sublime, o sentimental e o verdadeiro formam do *Jesuita* uma ficção artistica que produz

Loja Independente de Teosofistas

tres emoções diversas: a admiração, o condoimento e o interesse.

Tudo alli é grande; o heroismo e a dor, a rigidez varonil do caracter e a explosão impetuosa do sentimento, os soliloquios vehementes do cidadão patriota e o gemido agonisante da mocidade espesinhada.

É o fim a que se propõem todos os dramaturgos superiores. O theatro não deve servir apenas para divertir a massa; a sua missão tambem é elevar o individuo aos seus proprios olhos.

Collocae diante do espectador, dizem os philosophos, não a reproducção servil dos actos da vida domestica, mas alguma cousa mais; offerecei-lhe o espectaculo da grandeza e não o da miseria humana; mostrae-lhe antes o heroe commettendo um erro do que um criminoso arrependido e perdoado; sahi do circulo da familia para a congregação civil, passae d'ahi á humanidade e subireis, autor e publico, nas azas do genio e da inspiração, os degráos que medeiam entre a areia do deserto e o pinaculo do Sinae.

É a supremacia do heroico sobre o comico.

O drama de J. de Alencar é da familia shakspeariana, commove pelo grandioso, pelo pathetico e pelo natural. O furor insano do Othelo que assassina a esposa, assusta, opprime, offusca o espirito o mais calmo; ninguem no entanto desconhece n'aquelle movimento desordenado a tendencia das paixões humanas, a cegueira de um desvario que nivella o homem ao bruto.

Este embate da idéa com o sentimento foi magistralmente desenvolvido por J. de Alencar. Tivesse sua intelligencia uma pequena vacilação e a obra sahiria monstruosa, absurda, tocando as raias do sobre humano. Elle mostra-nos o homem no seu mais soberbo aspecto, o de martyr de uma religião, trabalhador incansavel da emancipação da patria;

Loja Independente de Teosofistas

não encobre que para conseguir o fim almejado, todos os meios parecem licitos a quem foi educado entre as prescripções fanaticas de Loyola; apresenta-nos o lado odioso dessa physionomia mysteriosa que tanto resplandece com a aureola do pensador, como se ennuvia com os sombrios calculos do fatalismo; desvenda aos nossos olhos ao mesmo tempo a fervor de um apostolado e a contingencia da natureza humana, e, mais que tudo, prova como, chame-se Bruto ou Phelippe II, jamais pode o homem suffocar a voz do coração e ao imperio de sua vontade tornar impotentes as fibras da sensibilidade.

Evitando assim uma exageração perigosa, J. de Alencar collocou o seu protagonista nos limites do verdadeiro, sem reduzir-lhe as proporções heroicas. É evidente que Samuel está acima, porem não longe de nós. É o homem ideal que pintava Sophocles — «mais bello, mais nobre do que na realidade o é, mas que se approxima do real, porque não está isento nem das fraquezas, nem dos erros, nem da infortunio.»

O titulo da peça indica o arrojo do autor. Todos sabem a profunda aversão que desperta o nome de jesuita. Pois classificae entre os membros d'essa familia infamada um sonhador enthusiasta, e não vos admireis si como á *Lucrecia Borgia* de V. Hugo um sentimento bom fizer esquecer tudo que houver de horroroso, de disforme no individuo.

Mas era impossivel admittir-se duas faces no mesmo homem, e não seria respeitada a mais elementar condição da arte, si o heróe fosse apresentado sob dous aspectos; o jesuita, assim como a mulher corrupta do poeta francez, vem sómente personificar a idéa do drama.

Procuram quasi sempre os dramaturgos de segunda ordem produzir sobre o publico ou a impressão poetica que tolhe a analyse ou a impressão dolorosa que enfraquece o

Loja Independente de Teosofistas

juizo. O *Jesuita* funde n'um mesmo cadinho essas duas consequencias estheticas; mas como contribuem para a obra a poesia do amor e a ruina de uma illusão, sem que o elemento lyrico sobrepuje a magestade epica, como nada pode haver de mais dramatico do que o supplicio de um cidadão obrigado pela natureza a apostatar a causa da liberdade e a perder o fructo de longas e incessantes reflexões, para salvar a vida de um filho, o vestigio que em synthese na alma do espectador deixa o drama é o mesmo produzido só pela hypothese de vermos o Christo sentindo-se subitamente homem e desamparando a cruz no caminho do Golgotha.

O desenlace do drama, promovido pela resistencia que oppõe Estevão á realisação dos projectos de Samuel, quando predispuzera este a alma do moço para herdar um dia a idéa revolucionaria, é de um effeito magnifico, e tão natural e perfeitamente o preparou o dramaturgo, que o espirito o acceita como resultado logico do jogo das paixões e da tendencia dos caracteres que intervem na peça.

Dizer-se que a linguagem é sempre eloquente, brilhante, harmoniosa, opulenta é repetir o que sabem todos para quem as producções de J. Alencar, são um modelo de estylo. A acção corre viva, animada e natural e vae crescendo gradualmente desde o dialogo de José Bazilio, o folgazão noviço, com a criada Ignez até a grandiloqua prophecia da penultima scena, em que o jesuita descortina a aurora da redempção da patria e a orchestra em surdina, como si respondesse em nome do futuro á visão beatifica do allucinado, vibra os longinquos accordes do hymno da independencia.

A scena do 2º acto, bem propriamente denominada a fermentação do cahos, é um esforço energico de concentração meditativa que não encontra muitos iguaes no *Fausto* ou no *D. Carlos*.

O dialogo entre Samuel e Constança no 3º acto basta

Loja Independente de Teosofistas

para accentuar, em traços profundos, o caracter do protagonista. A argucia do raciocinio, a vehemencia da phrase, a obstinação cega do fanatico estão alli servindo de armas de acção ao pensamento patriotico, esmagando em circulos de ferro a innocencia que se debate nas garras do implacavel tentador, e preparando o tremendo castigo que hade fulminar o craneo de marmore, obcecado por uma idéa fixa.

O typo de Samuel é imponente, é uma dessas creações de genio que não encontram iguaes na litteratura. Alencar esculpturou aquelle vulto frio, grave e austero, mixto de Pozza e de Conrado Wallenrode, homem de acção e de vigilia, para quem o impossivel não existe nos dominios da intelligencia humana, crente e enthusiasta, reflectido e taciturno. Mas dera-lhe alento a terra da America, e entenebrecera-lhe o espirito a hypocrisia jesuitica. Dahi não vem o dualismo de caracter; percebe-se, porem, atravez da aureola que circumda aquella fronte, o signal nella impresso pela iniciação monastica.

E verdade que essas creações não estão ao alcance de todas as platéas; mas o escriptor uma vez lançado no vortice da inspiração, não póde volver atraz, nem amesquinhar a estatura de seus heróes.

Estevão é um typo sympathico, generoso e nobre. E a personificação da joven America; não conhece quem lhe deu o ser, criou-o a naturesa esplendida deste sólo, arrebatam-n'o os impulsos de uma imaginação fogosa.

Constança é a *lex vitæ* que vem impôr sua vontade com uma lagrima e uma agonia; é o alvo floco de nuvens contra o qual esbarram os impetos do genio, é a mão tremula que enverga a cabeça sobranceira do velho revolucionario; é a mulher que ama até o sacrificio, até renunciar ao seu amor para salvar o homem adorado.

O conde de Bobadella representa idéa opposta á de Sa-

Loja Independente de Teosofistas

muel. Aqui J. de Alencar deu mais uma prova de seu profundo tino artistico. Si se deixasse conduzir pelo estulto desejo de tornar monstruoso o seu drama, elle nos apresentaria um vulto de tyranno, a ameaçar céos e terra, com o algoz atraz de si, a fallar em forca, fogueiras e calabouços. J. de Alencar possue em alto dom a propriedade de romantisar a historia sem disfigurar a verdade. O conde de Bobadella no drama é um governador leal, bondadoso, cumpridor de seus deveres, cavalheiro da antiga tempera e até associado á parte sentimental da peça, como pae de Constança, cujo amor protege.

Em roda desses personagens movem-se outros de importancia secundaria. O prior do collegio dos jesuitas, servo humilde de Samuel, por cujos olhos e por cujo pensamento vê e reflecte; José Bazilio da Gama, o futuro cantor do *Uruguay*, alma anciosa de espaço e enclausurada n'aquelle escuro carcere; D. Juan de Alcalá, o fanfarrão hespanhol; Garcia, indio das Missões, e Daniel, o cigano, representantes dos elementos com que contava o padre para a realisação de seus planos assombrosos.

A lingua portugueza não conhece drama historico que hombreie com o *Jesuita*. Nem o *Frei Luiz de Souza*, nem o *Fronteiro d'Africa*, o *Calabar*, o *Alfageme de Santarem*, a *Phelippa de Vilhena* ou o *Gonzaga*, assentam em uma concepção tão vasta; nenhum delles offerece tanto interesse dramatico e a acção mais ou menos vulgar dessas composições não tem o cunho vigoroso e original com que J. de Alencar assignala seus trabalhos litterarios.

Ha nas obras do genio assim como nos productos da natureza indicios da opulencia do solo em que se avigoram. Compare-se os sonhos de liberdade de jesuita americano, as bases da prosperidade que elle meditava para sua terra, onde a consciencia seria livre, onde nenhum homem seria estran-

Loja Independente de Teosofistas

geiro, com os epilogos de *Viva el-rei !* dos dramas portuguezes, e comprehender-se-ha a razão por que a litteratura brasileira encerra germens de uma irradiação deslumbrante.

O talento de J. de Alencar adapta-se de uma maneira miraculosa aos diversos generos de seus escriptos. Ninguem descobriria no autor do *Jesuita* o poeta ameno e elegante do *Ubirajara* ou o romancista observador da *Senhora*. Ao passo que notamos nas obras dos mais eminentes escriptores certos pontos de contacto entre os differentes protagonistas, admiramos em Samuel um typo inteiramente novo, antipoda perfeito do Pery, caracter que não parece ter sido delineado pelo mesmo cerebro que concebeu Manoel Canho.

Qual o fim do *Jesuita?* quiz o autor rehabilitar a memoria da companhia de Jesus? São perguntas ociosas e que nenhum homem de senso dirige a um escriptor dramatico. Nós escrevemos debaixo da impressão da primeira recita da peça e em nós mesmos sentimos um dos grandes intentos do dramaturgo : fazer estremecer a fibra patriotica do povo, rasgar aos olhos do paiz uma das perspectivas do seu passado e, quem sabe, mostrar que, assim como Antonio Vieira um seculo antes aconselhava a trasladação da monarchia luzitana para a America, era possivel pelo simples progesso do tempo que, na época da agitação de todos os espiritos illustrados, na solidão dos claustros brasileiros echoassem muitos anhelos pela emancipação da colonia.

A antipathia que em geral excita hoje a roupeta póde no conceito do vulgo prejudicar a aceitação do drama. Mas a nobre altivez de uma intelligencia esclarecida, desdenha semelhante contrariedade. Tirae de Samuel a origem fradesca e a acção do drama perderá metade do seu interesse.

Em synthese, o *Jesuita* quer dizer a independencia da patria. Outros escrevem uma ode ou um canto, pintam um quadro ou cinselam uma estatua. J. de Alencar veio trazer

Loja Independente de Teosofistas

á liberdade de sua terra esta saudação da musa patriotica. Quando um drama é consagrado a esse fim, o theatro converte-se em tribuna, no alto da qual flutua a bandeira de um povo. Pensar-se-ha que é vago, incerto e mysterioso o drama destinado a despertar o enthusiasmo civico de uma platéa?

Samuel coagido a abandonar a luta, a perder annos de trabalhos e meditações, empraza o conde de Bobadella a vir da região da morte contemplar dentro de um seculo a victoria do povo americano, e quando os soldados precipitam-se para o rebelde que affronta a presença do governador, nada encontram; o terrivel propheta desapparecêra, e ninguem o vira sumir-se; não puderam agrilhoar o corpo, porque elle representava uma idéa e a idéa ficou esvoaçando serena e fulgida sobre o continente do Colombo.

Este final unico no seu genero, sem rival até agora, é a expressiva conclusão do mystico enredo do drama; e si não fôra o fetichismo europeu dos nossos criticos, elle só teria confronto nas tragedias allegoricas dos poetas gregos.

O drama de J. de Alencar não é feito para esta quadra de corrupção. Quando a indifferença do publico pelas artes e letras é o reflexo da sua indifferença politica, não se póde esperar que o *Jesuita* tenha o acolhimento que merece. O povo não troca com tanta facilidade as adulações de seus vicios por uma lição de civismo e não hão de ir estrangeiros, a quem escapa a intenção patriotica do assumpto, encher a sala do S. Luiz. Para santificar uma região não basta o calor dos raios do sol; é preciso seccar-se o pantanal que a rodeia.

Cessem, porém, as representações; tolde-se de novo o brilho do palco brasileiro; continue o insulto á moral e a postergação dos principios da arte. Josè de Alencar prestou um grande serviço, descobrindo mais uma riqueza do thesouro intellectual do Brasil. Damos parabens á patria.

Luiz Leitão.

Loja Independente de Teosofistas

O THEATRO BRASILEIRO

A proposito do Jesuita

I

Meu illustrado collega.

Venho pedir-lhe espaço, em alguma das mais modestas columnas de seu interessante jornal, para uma questão litteraria.

Corresponder ás manifestações da imprensa diaria ácerca do *Jesuita* é para o autor, não sómente uma cortesia, mas um dever de honra.

Si á critica, e portanto á imprensa que a representa, corre a obrigação de occupar-se das novas producções do espirito; tem ella por sua vez direito á consideração do autor e á defesa da obra censurada.

Nenhum escriptor conscienciosо se recusará jamais a dar razão de si e satisfação de seus intuitos litterarios, á uma imprensa leal, ainda quando ella se resinta de preoccupações por demais severas.

Não é, porém, esse dever de autor o unico motivo que me suscita o espirito para idéas de que andava elle muito arredio.

Loja Independente de Teosofistas

A representação do *Jesuita* entre apreciações mui sensatas e verdadeiras ácerca do estado do nosso theatro, foi occasião de se exhibirem theorias dramaticas, inteiramente avessas aos principios da arte moderna.

Eis o perigo, e a causa do mal. Uma obra que não sobrevive, é nada, ou muito pouco no catalogo de uma nação joven e rica de talentos. Mas uma litteratura que se eiva e corrompe, póde trazer a decadencia moral ao paiz, e arriscar o futuro, si a pequena phalange dos crentes não oppuzer barreira á invasão do materialismo, que nos vai assoberbando.

Li ácerca do drama os *folhetins* do —Globo—, da —Reforma—, da — Gazeta de Noticias—, a *Revista theatral* da primeira dessas folhas, a *Gazetilha* do —Jornal do Commercio— e alguns artigos particulares. Si mais houve, ignoro.

É a critica benevola ou desaffecta, resultado de todas essas opiniões, que me proponho a discutir sem nenhum resaibo de amor proprio. Si o *Jesuita* não me trouxe a satisfação de certos enthusiasmos que nunca solicitei, nem pretendo requestar jamais nas lettras, como na politica ; por outro lado a flor da imprensa illustrada recebeu-o com honras a que não estou habituado.

Houve quem me levasse a mal ter dado ao lume da scena um drama escripto em 1861, respeitando a sua fórma primitiva e não o corrigindo severamente para que não destoasse da experiencia do autor, e de sua reputação.

Este zelador de alheios creditos litterarios devia começar por inquerir si o publico actual dos theatros merece ao autor as attenções e deferencias do publico de ha vinte annos, que applaudio o *Demonio Familiar*; e si o escriptor de agora desgostoso e esquecido vale em estudo da scena, em enthusiasmo e inspiração, o autor daquelles outros tempos, já tão remotos, menos pelo lapso, do que pelo desdem.

Loja Independente de Teosofistas

Á primeira questão lhe responderia a indifferença desse publico hybrido, que desertou da representação de um drama nacional, inspirado no sentimento patriotico, para affluir aos espectaculos estrangeiros.

Não havia alli o sainete do escandalo; não insultava-se a religião; não abundavam os equivocos indecentes; não se incensava essa puerilidade de homens barbados, chamada maçonaria.

O publico teve noticia disso; e não quiz ver o *Jesuita*. Dou-lhe toda a razão; nunca elle foi tão logico e discreto.

Uma obra escripta por um brasileiro, que não é maçon, nem caróla; um drama cujo pensamento foi a glorificação da intelligencia e a incarnação das primeiras aspirações da independencia desta patria repudiada; semelhante producção era em verdade um escarneo atirado á face da platea fluminense.

Ella não podia proceder com maior sobranceria. Não se dignou, nem mesmo dar á peça as honras de comparecer em sua augusta presença para ser pateada; voltou-lhe as costas cem frio desdem.

Si o autor em vez de situar a sua scena no Rio de Janeiro, a collocasse em Lisboa; si o dr. Samuel, ideal do precursor brasileiro, que em 1759, quando a independencia do Brasil era um impossivel, sonhava a realisação dessa chimera; ao contrario representasse no drama um restaurador portuguez, concebendo o plano ousado de arrancar sua patria ao jugo tyrannico do poderoso Philippe II; é provavel que os estimulos patrioticos da colonia luzitana levassem ao theatro uma pressurosa multidão, disposta a applaudir, ou pelo menos a animar o tentamen do escriptor.

Mas os brasileiros da côrte não se commovem com essas futilidades patrioticas; são positivos e sobretudo cosmopolitas, gostam do estrangeiro; do francez, do italiano, do hes-

Loja Independente de Teosofistas

panhol, do arabe, de tudo, menos do que é nacional. Isso apenas serve para eleição.

No meio da chusma que se diverte e enche os espectaculos, ha uma creme; valerá ella mais do que o coalho? A sociedade fina é uma selecção; mas uma selecção de Darwin, e muito proxima do typo primitivo, está ainda muito simia. Na alta roda vive-se á moda de Pariz; e como em Pariz não se representam dramas nem comedias brazileiras, elles, *ces messieurs*, não sabem que significa theatro nacional.

Isto não é uma carapuça; nem mesmo o barrete de algodão cantado por Beranger; é a fórma da cabeça de todos nós.

Tem por tal modo expellido a patria deste solo americano, que vem a idéa de ir procural-a além-mar; talvez de longe o coração brasileiro se expanda contemplando o grande vulto do imperio americano, dessassombrado dos pygmeos, que a distancia não deixa lobrigar.

Apezar do naufragio ou antes do banimento da peça, o autor deve estar satisfeito. A sala erma de saias, de calças, de pernas que dansavam por ahi algures, ou de estomagos que se afiavam para a ceia; foi segundo consta povoada pelas lettras brasileiras, representadas em um pequeno grupo de poetas e escriptores.

A segunda questão, creio que só a podia resolver o proprio escriptor. Não tendo composto nos ultimos dez annos nenhuma obra dramatica, não tem a critica termo de comparação para aferir da capacidade actual do autor do *Jesuita*, nesse ramo de litteratura.

Falla-se muito da reputação litteraria do autor do *Guarany* e outras obras; todos os jornalistas que se occuparam do *Jesuita*, referiram-se a essa cousa; uns para justificar a sua severidade, outros para estranhar que o annuncio da representação de um drama desse escriptor não chamasse ao theatro grande concurrencia.

Loja Independente de Teosofistas

Uma reflexão logo acode ao espirito. Tal reputação não existe ou é bem fragil; pois ainda ajudada da curiosidade não produzio o seu mais natural effeito, de attrahir o publico á exhibição de uma obra, desde muito reclamada pela imprensa.

Confesso que para mim semelhante reputação litteraria é um mytho, como todas as reputações que eu tenho conhecido neste paiz; de qualquer genero que sejam.

Não consistem, no fundo, affastado o apparato, sinão em uma popularidade artificial.

Cada talento que se manifesta e progride acaba por adquirir no paiz um numero maior ou menor de proselitos e devotos, que o apreciam e exaltam. Como, porém, a instrucção ainda não está bem diffundida pela população; esse partido ou seita de apologistas, que não passa de uma fracção minima do povo, acha-se disseminado pela vasta superficie do imperio.

Quando o individuo sabe requestar semelhantes adhesões; quando tem amigos habeis que as congregam e estimulam; consegue-se com o exemplo dellas galvanizar os indifferentes, arrastar a chusma um instante, e preparar uma ovação, um triumpho, uma enchente do theatro, a offerta de um banquete, e até mesmo uma coroação.

Aquelles, porém, que não tem arte para insinuar nos outros esse enthusiasmo de si; nem gosto para figurar em taes apotheoses; esses chegam ao termo de uma vida ardua e laboriosa, não tendo colhido em seu caminho erriçado de abrolhos outra flor além de uns elogios banaes, que soam como guisos; nem outro conforto sinão um aperto de mão amiga.

E disso, de umas palavras oucas, de uns adjectivos sediços, de uns cumprimentos postiços e já feitos como roupa de algibebe; dessa poeira luminosa como a cauda dos cometas;

Loja Independente de Teosofistas

forma-se o que se chama entre nós uma bonita reputação. Eis como um autor póde ser dos mais lidos no Brasil; e todavia não encontrar reunido em uma cidade, ainda mesmo na côrte com suas tresentas mil cabeças, um grupo de leitores sufficiente para formar-lhe publico, ao menos decente.

Esse facto devia produzir-se especialmente em relação a mim. Deste muito reconheci que o meu publico é mais brasileiro, e até mais estrangeiro do que carioca. Nas provincias, o sentimento nacional não está diluido no turbilhão: aprecia-se mais o que é nosso. Tenho disso prova cabal.

Ha quatro annos experimentei uma dessas intimas satisfações que valem mais do que o futil rumor de estrondosas manifestações. A Bibliotheca de Goyaz, fundada por distinctos cidadãos daquella capital, julgou-se obrigada para justificar seu titulo, a possuir as obras completas do dr. J. M. de Macedo e de J. de Alencar: nesse intuito enviou ao sr. Garnier, a lista daquellas obras que já havia adquirido dos dous escriptores, ordenando a compra das que faltassem.

Nisto procedia a Bibliotheca de Goyaz ao avesso de outras; ella entendia e muito bem a meu vêr, que o fim generoso dessas uteis instituições não seria realisado em sua plenitude, si tratando de diffundir a instrucção, não começasse por animar os primeiros operarios da seara civilisadora.

Lembro-me que na lista enviada de Goyaz figuravam a ultima obra de meu collega, e os primeiros volumes do *Til*, que ainda se estava publicando nesta côrte e já era lido na mais interior de nossas provincias, a qual assim protestava nobremente pelo seu amor ás letras contra o isolamento a que a condemnam sua posição geographica e nosso atrazo.

Não tiveram razão portanto os distinctos jornalistas quando sorprenderam-se com a indifferença do publico em rela-

Loja Independente de Teosofistas

ção ao *Jesuita*; e notaram que o nome do autor fosse um appello vão á curiosidade.

Os leitores do *Guarany*, das *Minas de prata*, do *Gaucho* e outros livros não se encontram, salvo poucas excepções, nos corredores e platéas do theatro.

Acredito mesmo que muita gente fina que vio a opera e drama do *Guarany*, ignora absolutamente a existencia do romance, e está na profunda crença de que isso é alguma historia africana plagiada para o nosso theatro.

Estas causas por mim assignaladas bastavam para explicar a deserção do publico em qualquer circumstancia, no theatro, como em outro lugar, para um drama como para um discurso. Não se rufaram os tambores; não se atacaram os foguetes; como esperar que se fizesse a cauda?

Em relação ao *Jesuita*, porém, houve mais alguma cousa; si não me engano, andou ahi uma caballa.

A intolerancia e o fanatismo maçonico não podiam levar a bem que se puzesse em scena um frade, com intuitos generosos, e credor de alguma admiração nas mesmas explosões de seu terrivel fatalismo.

Por outro lado a intolerancia e o fanatismo ultramontano incommodaram-se com a idéa de ver desenhado um vulto de *Jesuita* ao molde de Malagrida, embora encaminhando a uma idéa generosa e patriotica os recursos da politica veneziana, ensinada no limiar da idade moderna por Machiavel, o grande mestre dos papas e dos reis. O que restava?

O pequeno grupo daquelles que não carecem do *hysope* para serem catholicos, nem do *avental* para servirem a causa da liberdade e da civilisação.

Loja Independente de Teosofistas

II

Algum dia, no prologo de qualquer livro, contarei como fui autor dramatico.

Ha muito curioso que aprecia esses pormenores bibliographicos, talvez a parte mais interessante da vida dos escriptores. Reservo-lhes o regalo para mais tarde; agora não vem ao caso a anecdota.

Já tinham passado as velleidades theatraes que produziram *Verso e reverso*, *Demonio familiar*, *Credito*, *Azas de um anjo*, *Mãi*, *Expiação*; e já me havia de sobra convencido que a platéa fluminense estava em anachronismo de um seculo com as idéas do escriptor; quando João Caetano mostrou-me desejos de representar um drama brazileiro, para solemnisar a grande festa nacional no dia 7 de Setembro de 1861.

A empresa do theatro de S. Pedro de Alcantara recebia uma subvenção do Estado, como auxilio ao desenvolvimento da arte dramatica; e era obrigada por um contrato a montar peças brazileiras de preferencia á estrangeiras, determinadamente nos dias de gala. Dessa obrigação eximia-se ella com a razão da falta de obras originaes dignas da scena.

É certo que não appareciam os dramas originaes; mas por culpa do governo. Mais por diante, quando occupar-me do misero estado de nosso theatro, direi o modo, aliás muito simples, de termos excellentes autores dramaticos. Está entendido que não fallo de mim; é possivel que ainda escreva alguma obra desse genero; mas para os theatros das provincias; ou para o theatro de papel onde ainda hoje vemos as tragedias antigas e os dramas romanticos; para o theatro da roça, desta roça cortezã, é que de certo não escreveria nem a comedia de Aristophanes: seria grego.

A honra de fornecer ao grande actor brazileiro a estructura para uma de suas admiraveis creações, excitou-me a

Loja Independente de Teosofistas

arrostar temerariamente a ardua empreza. Creio bem que nunca cederia á essa tentação litteraria, se outros se houvessem anticipado.

A primeira difficuldade era o assumpto. Destinado a solemnisar a grande festa patriotica do Brazil, devia o drama inspirar-se nos enthusiasmos do povo pela gloria de sua terra natal. Na impossibilidade de commemorar o proprio facto da independencia, que por sua data recente, escapa á musa epica; era preciso escolher em nossa historia colonial algum episodio que se prestasse ao intuito.

Qual seria esse episodio?

A abnegação de Bartholomeu Bueno da Ribeira, alem de já aproveitada por um distincto escriptor paulista, não contem os elementos de uma acção dramatica. A recusa do titulo de rei offerecido por uma sedição, não chega para encher a scena no correr de tres ou quatro actos; seria preciso crear um poema de imaginação e adaptar-lhe aquelle desenlace. Para mim essa escola que falsea a historia, que adultera a verdade dos factos, e faz dos homens do passado manequins de fantasia, deve ser banida.

O dominio da arte na historia è a penumbra em que esta deixou os acontececimentos, e da qual a imaginação esurge por uma admiravel intuição, por uma como exhumação do preterito, a imagem da sociedade extincta. Só ahi é que a arte póde crear; e que o poeta tem direito de inventar; mas o facto authentico, não se altera sem mentir á historia.

Por ultimo confessarei que naquella occasião essa corôa paulista, inventada por uns avantureiros hespanhóes da familia de Bueno, e destinada a reger uma colonia despovoada, sem exercito, sem armada, sem instituições; pareceu-me joia pouco invejavel para um homem de algum senso e prudencia. A fidelidade pois, de nosso Mazaniello não tem o cunho de grandeza, que lhe empresta a vaga tradição;

Loja Independente de Teosofistas

seria até desazado arrancal-a desse molde proverbial com que vive na memoria publica. Voltei-me para a guerra hollandeza. Nessa luta heroica esperava encontrar um thema apropriado não sómente ao anniversario de nossa independencia, como ás condições de uma scena viva e animada.

Logo, porém, achei-me tolhido na inspiração. O heróe acceito e officialmente consagrado da restauração de Pernambuco é João Fernandes Vieira, ao qual em nome da patria nascente, em honra dos primeiros assomos de nossa nacionalidade, devemos destituir dessa gloria exclusiva, para a repartir pelos heroes brasileiros e pelo povo pernambucano.

Vieira foi um filho querido da fortuna. Seu destino o encaminhou a Pernambuco. No dominio hollandez, quando a melhor nobreza e povo da capitania, abandonando suas casas e engenhos, reduzidos á miseria emigravam para subtrahirem-se ao jugo estrangeiro, elle enriquecia no Recife associado a um inimigo de sua patria e de sua religião.

Declinando o dominio da Hollanda, as sublevações do patriotismo se fizeram sentir no proprio seio da conquista flamenga. Vieira teve o tino de conhecer donde soprava o bom vento. Era rico e poderoso; era tambem portuguez do reino; os conjurados sentiram a vantagem de attrahil-o á causa da revolta, e elegel-o seu cabo de guerra.

Um dos actos de heroismo, que a lisonja historica memora, é o da queima dos canaviaes. Cumpre porém não esquecer que esses canaviaes, eram apenas insignificante parte da riqueza que o Castrioto Luzitano havia adquirido á custa da ruina dos pernambucanos, e que elle tivera o cuidado de resguardar.

Compare-se essa abnegação de um incendio, que era inevitavel, com a dos ricos senhores de engenho de Pernambuco expatriando-se como vagabundos e mendigos, para não curvarem a altiva fronte ao jugo estrangeiro e não

Loja Independente de Teosofistas

serem testemunhas do desacato aos templos catholicos profanados pelos hereges.

Veio afinal o decreto, que era então no governo absoluto, o que ainda é hoje no regimen constitucional, a unica sancção publica e solemne dos factos; o mago que muitas vezes faz da mentira verdade. João Fernandes Vieira foi cumulado de honras e mercês e acclamado restaurador de Pernambuco.

Restava a tradição que devia mais tarde reagir contra essa injustiça. Mas Vieira logrou alliciar a chronica. Dous frades, Fr. Manoel Callado, e Fr. Raphael de Jesus, lhe arranjaram uma posteridade convencional, que abafou ao menos para o vulgo a verdade historica.

O drama da restauração de Pernambuco devia, para ser nosso, para ser nacional, vingar por uma reparação posthuma a gloria do heroismo brasileiro. A par de João Fernandes Vieira, que obedecia ás ordens da côrte portugueza, e servia sobretudo á sua ambição e vaidade; era indispensavel que figurasse André Vidal de Negreiros, o illustre parahybano, movido só mente pelo patriotismo e pela fé, sublime de abnegação, sujeitando-se a quem lhe era inferior para não sacrificar a grande causa; e representando as energias desse povo generoso, que esquecia a oppressão colonial para só lembrar-se da honra.

A platéa do theatro de S. Pedro, então como hoje, não supportaria semelhante reivindicação historica. Dou-lhe toda a razão; é portugueza na maxima parte; e tanto deve comprazer-se na commemoração de suas glorias nacionaes, como aborrecer-se dos confrontos desfavoraveis.

É porém triste e deploravel que nesta cidade de trezentas mil almas, capital do imperio brasileiro, haja um publico enthusiasta para applaudir as glorias alheias; e não appareça nem a sombra delle quando se trata de nossa historia,

Loja Independente de Teosofistas

de nossas tradições, de nossos costumes, do que é a nossa alma de povo.

Chego a crer que si algum bombastico escriptor portuguez se lembrasse de aproveitar o Pinto Madeira ou o Fidié para cantar em prosa e verso uma louca tentativa de restauração de D. Pedro I com o pensamento de restituir a Portugal suas possessões de além mar; esse dramalhão ou cousa que o valha obteria um triumpho esplendido no Rio de Janeiro.

Seria longo dar conta da excursão que fiz pela historia patria a busca de um assumpto; basta dizer que não achei então um facto que me inspirasse o drama nacional, como eu o cogitava. Resolvi portanto creal-o de imaginação, filiando-o á historia e á tradição, mas de modo que não as deturpasse.

Tracei então o *Jesuita*, cujo plano vou expôr, defendendo-o das censuras que soffreu, quer em relação ao pensamento, quer acerca da execução.

Li nas columnas de uma folha muito illustrada que havia na obra designios reconditos, talvez allegorias, que muito conviriam ser explicadas em um prologo á maneira do que Victor Hugo escreveu para o Ruy-Blas.

Sabe-se que nesse drama o poeta dos monstros litterarios metteu em scena uma enormidade social; o amor de uma rainha por um lacaio. Sentindo a repulsão, não sómente da dignidade como do bom gosto, lembrou-se de symbolisar naquelle amor degenerado o consorcio do povo com a realeza. Com ironia notou Gustave Planche que essa explicação tinha um merito, qual o de prestar ao drama um sentido.

Embora não tivesse bem viva a memoria da peça, guardada desde muitos annos, lembrava-me ser tão claro o seu intuito, que sem detida leitura e unicamente pela exhibição

Loja Independente de Teosofistas

em scena, o publico e muito mais a imprensa comprehenderiam a idéa e a acção.

E não me enganei. Os elegantes folhetinistas da *Reforma* e do *Globo* descreveram o caracter do dr. Samuel, de maneira que o proprio autor não o faria melhor. Ambos attingiram sem esforço que o protogonista não era um personagem historico, mas a personificação de um povo e de uma raça, que surgia no solo americano.

Si eu pudesse capacitar-me da necessidade de prologos á maneira do antigo theatro enviaria á rampa um vestido de momo, e lhe daria uma falla por este dizer:

« Eu sou o prologo deste drama. È provavel que muita gente viesse aqui illudida pela especie e pelo titulo. Por isso vou fazer algumas advertencias. Isto não é polemica de jornal e nem sermão de igreja. Não se trata aqui de maçon, nem de ultramontano. Não se toca marimba, nem se falla algaravia. Não ha zabumbas, nem gaitas. A scena não corre a galope; vai ao impulso da paixão que a modera ou anima. O autor que tem dous sestros, o enthusiasmo da intelligencia e o culto da patria, enxertou estas exquisitices na peça. Portanto, quem não gostar desta insipidez, acertará retirando-se. »

Ao concluir esta segunda carta, agradeço-lhe, meu illustrado collega, a honrosa distincção que deu á primeira. Sua folha, porém, é que não me deve nada absolutamente, nem essa preferencia a que allude.

Si entre varios jornaes eu escolhesse o seu, que tamanha parte tomou na questão dramatica por mim discutida, não faria sinão render homenagem ao seu empenho pelo desenvolvimento do paiz. Mas não havia escolha a fazer; pois, onde encontraria eu o mesmo gracioso acolhimento?

Loja Independente de Teosofistas

III

Si a corda do enthusiasmo patriotico vibrasse no seio das nossas platéas, bastariam para encher um drama e animal-o, os anhelos do brazileiro pela independencia de sua terra natal, um seculo antes da consummação desse acontecimento.

O heroe, collocado entre o amor e o civismo, reproduziria a luta de dous sentimentos igualmente poderosos: e renovaria a situação muito dramatica do antagonismo do homem com o cidadão no mesmo individuo.

O publico porém não se pagaria desta acção já muita vista; e por outro lado o genio de João Caetano, não cabia em um desses papeis escriptos para serem recitados como peça oratoria. Nesse dia em que se commemora a grande festa nacional, era um dever para elle, solemnisando os fastos brazileiros, associar á gloria da liberdade essa outra gloria da arte, igualmente esplendida.

O papel do grande actor tinha de ser apenas o esboço da estatua, que elle, o sublime esculptor das paixões, moldaria em scena, ao fogo da inspiração. Cumpria que nelle, e exclusivamente nelle, nos recessos de sua alma, se agitasse o drama vehemente de que a scena não apresentaria sinão a repercussão.

Vejamos si o dr. Samuel respondia á esta aspiração.

Educado pela Companhia, que o recolheu orphão e engeitado; filiado ao Instituto, onde conseguira alcançar um gráo elevado que deu-lhe a direcção suprema da provincia do Brazil; o dr. Samuel era um politico da escola veneziana, que Machiavel popularisou, e que delle recebeu o nome de florentina.

Dessa escola tambem foram Richelieu, Mazarini, Pombal, todos os estadistas do absolutismo; e infelizmente para os

Loja Independente de Teosofistas

povos ainda são os ministros constitucionaes, que a todo o instante invocam o pretexto da necessidade publica e do bem geral para calcar a lei, a justiça, a moral. Outr'ora derramava-se mais sangue; nos tempos modernos corre mais o dinheiro; no fundo a tactica é a mesma.

Concebendo o plano ousado de preparar a revolução da independencia que devia consummar-se em um dia ainda remoto, o dr. Samuel, que não affagaria semelhante idéa si não fosse jesuita, devia applicar á grande obra os recursos da politica do Instituto, e constituir-se o inflexivel instrumento de uma idéa.

Mas esse homem não é fanatico, nem perverso. Não é Ravaillac, nem Torquemada. A allucinação não o cega; o sangue não o deleita. Como o general que defende uma causa, elle não hesitará, si fôr preciso, em arrasar uma praça, dizimar o inimigo e aniquilar o obstaculo.

Mas terá consciencia de seu acto. Sua razão lhe advertirá que perpetra um crime, e seu coração nobre e generoso padecerá com a implacavel necessidade. Sacrificar-se-ha elle primeiro. Appellará da lei para o destino; dos homens para Deus; e seguirá sua marcha providencial, como os grandes criminosos da historia, que se chamam heroes e conquistadores.

Nesta religião de uma idéa, ante a qual se curvam uma razão vigorosa em coração pujante; nesta sublime idolatria da patria, apenas sonhada, e ante a qual já emmudecem todas as virtudes, como todas as paixões; não ha um drama bello, energico e magestoso?

As maiores forças do homem; a sua consciencia, o seu coração, e a sua intelligencia, em antithese. E notai que a consciencia, era a do ministro da religião, o coração, o de um pai, e a intelligencia, a de um genio. Tres almas em

Loja Independente de Teosofistas

um só corpo; e que almas? Cada uma dellas um archanjo revoltado, que o Omnipotente encadeára nessa fragil argila.

Esse vulto sombrio, velado em seu mysterio, mas tocado a espaços pelo fulgor do pensamento, como o oceano pelo fogo do céo, não é um homem; é quasi a humanidade. Na scena elle deve ser simultaneamente o padre, apostolo da igreja, o sabio, apostolo da idéa, e o patriota, apostolo da liberdade.

Mas succedem-se tão rapidamente as revoluções desse grande espirito, reclamado pelos acontecimentos, que não podereis dizer contemplando-o o que é elle, ou por qual face apresenta-se a sua poderosa individualidade. Só quando o exalta a esperança de realisar o magno pensamento, é que se destaca e illumina a sua magestosa estatura, e mostra o precursor do Brasil, o genio capaz de suscitar da barbarie este imperio americano, e dar no novo mundo uma patria á liberdade foragida.

O que mais realça, o que agiganta o vulto de Samuel é precisamente o centro obscuro em que elle surge, e a ausencia desses meios de força material, necessaria para levar ao cabo uma empreza politica daquella ordem, especialmente em 1759 quando no Brasil a imprensa era desconhecida e a liberdade mal balbuciava.

Um exercito como o que pozeram em campo os jesuitas das missões, uma revolta como a dessa theocracia das margens do Paraguay; não passou de mesquinhos arremessos, dos quaes zombou o poder das duas corôas alliadas, a portugueza e a hespanhola.

O dr. Samuel não é um conspirador; não trama sedições. É um revolucionario; obreiro infatigavel do futuro elle prepara os elementos da grande concepção.

Sua terra natal, esta terra que elle admira e estremece, ainda está deserta. É necessario crear-lhe um povo, sem o

Loja Independente de Teosofistas

qual nunca ella poderá ser livre e respeitada. Nesse designio, sobranceiro aos preconceitos de seu tempo, concebe o audaz projecto de chamar as raças perseguidas da velha Europa, e offerecer-lhes uma patria onde se regenerem. Por outro lado conta com a cathequese para attrahir os selvagens, e dar-lhes em vez da vida nomade a liberdade e a civilisação.

Esse homem, esse inventor de um povo americano, tem setenta e cinco annos. Ha cincoenta que trabalha incessamente na sua obra: mas desde muito reconheceu que sua vida não bastava ainda quando Deus a prolongasse além do termo ordinario. Carece de um successor; de outro homem, ainda moço e robusto, a quem elle transmitta o seu segredo, o seu poder e sobretudo a sua fé, o enthusiasmo dessa patria por elle evocada das profundezas de seu espirito.

A Providencia lhe enviára esse continuador, em um menino enjeitado que educára, e a quem amava como pai. Acima porém do amor estava o violento egoismo do pensador a reviver-se nessa alma joven, a absorvel-a em si para melhor infundir-se nella; e assim formarem uma só idéa na qual elle contava atravessar os seculos.

Eis como delineei a figura de Samuel. Percorrendo rapidamente as scenas, pretendo mostrar como a realisei: e então se verá si é frouxa a acção que me propuz escrever.

O typo por mim esboçado está bem longe da copia do Rodin de Eugenio Sue, ou do padre Ventura, de Rabello da Silva; não tem com elles nenhuma semelhança, além da que resulta de serem todos jesuitas.

Rodin é repulsivo, o padre Ventura insinuante; o primeiro, rabula de sacristia, presta-se a todas as baixesas e indignidades para chegar a seus fins; o segundo, diplomata italiano, ausente da casa geral da Ordem em Roma, gasta seu tempo em banquetes e frioleiras.

Loja Independente de Teosofistas

Samuel é severo; si ás vezes quando falla ao filho sua palavra rigida commove-se, nunca despe a gravidade propria do homem, cuja existencia é umá incessante meditação. Nas suas menores acções revela-se a preoccupação desse grande espirito, que só vive para uma idéa.

Os traços do jesuita e suas praticas, especialmente as subtilezas e reservas, não pertencem a nenhum autor, mas á historia da Ordem, que imitou o seu instituto secreto da velha maçonaria e dos francos-juizes da Allemanha.

É balda entre nós desmerecer nas poucas producções nacionaes taxando-as de transumpto do estrangeiro. Parece que afflige a certos espiritos éticos a originalidade de um autor brasileiro e andam a esmerilhar plagios. Si já houve quem dissesse que o *Guarany* era inspirado pelos romances de Cooper, com o qual se parece tanto como um cearense com um yankee!...

Si eu quizesse um modelo para o dr. Samuel, tinha-o na figura historica de Gabriel Malagrida, esse illuminado jesuita, que forneceu ao Marquez de Pombal o pretexto para expulsão da Ordem. Não era preciso reccorrer a cópias infieis, quando tinha o original.

Abre-se a scena do drama no campo que então ficava entre o convento da Ajuda, ainda não acabado, e o morro de S. Sebastião, onde havia umas casas da Ordem, com as quaes resa a tradição, que o collegio se communicava por uma passagem secreta.

Pelas primeiras scenas sabe-se que o dr. Samuel é um medico italiano; respeitado pelo saber, estimado pela caridade; amparo da pobreza. O governador, porém, suspeita delle, e dispõe-se a prendel-o.

Apparece o velho e vem sorprender as juras trocadas entre Estevão e Constança. Imagine-se a dôr desse homem vendo escapar-lhe o filho que elle educára para seu conti-

Loja Independente de Teosofistas

nuador, a alma que elle creara da sua. O amor dessa menina subtrahia-lhe esse outro eu, sem o qual não passaria do aleijão de uma grande idéa.

Este prologo do drama deve pintar-se na physionomia do velho quando elle profere as primeiras palavras.

— « Tua vida, meu filho, já não te pertence. »

Na scena entre os tres, o velho, que falla á Constança com bondade, arranca-lhe toda a esperança declarando-lhe que Estevão é frade. O mancebo revolta-se e o desmente.

No fim da scena, quando a menina resignada affasta-se, Samuel diz: « Meu Deus! Si o que acabo de fazer è uma desgraça perdoai-me; si é um crime puni-me! » Aqui nesta phrase está todo o caracter que o drama vai desenvolver.

Segue-se a scena em que Samuel revela a Estevão como o filiou á Companhia; e a grande missão que lhe destina, sem comtudo precisar o objecto. O mancebo indignado ameaça abandonal-o; e o velho depois de rude combate cede.

Ficando só, o pensamento volta á idéa tenaz, e elle profere as palavras seguintes que fecham o acto. Insiro as rubricas, desnecessarias para João Caetano.

« Samuel (*absorto e como quem interroga os arcanos d'alma*) — Brasil, minha patria!... Quantos annos ainda serão precisos para inscrever teu nome hoje obscuro no mappa das grandes nações?... Quanto tempo ainda serás uma colonia entregue á cobiça de aventureiros e destinada á alimentar o fausto e a pompa de thronos vacillantes?...

(*Pausa de desalento; resurge arrebatado pela inspiração.*)

« Antigas e decrepitas monarchias da velha Europa! Um dia comprehendereis, que Deus quando semeou com profusão nas entranhas desta terra o ouro e o diamante, foi porque destinou este solo para ser calcado por um povo livre e intelligente! »

Não houve, é preciso repetil-o, nesta côrte, um publico

Loja Independente de Teosofistas

para siquer ouvir as palavras do escriptor nacional. Isto quando a representação de um drama brasileiro é acontecimento que só de annos em annos se reproduz; e quando a commemoração de nossa historia no theatro tem ares de phenomeno.

Para solemnisar a restauração de 1640 escreveu Garrett o drama, ou como elle a qualificou, a comedia historica, *Philipa de Vilhena*, com uma acção tão simples que os nossos criticos não lhe chamariam de *frouxa* e sim de nulla; com uns caracteres apenas esboçados. Mas fallava-se de reminiscencias portuguezas, havia o sabor nativo; e tanto bastou para tornar o livro popular.

Portugal porém, era o velho a remoçar. Nós somos o moço que se avelhenta.

IV

Si eu tivesse lido a apreciação do *Jesuita* que fez no ultimo numero do *Brasil Americano* um dos mais bellos talentos da nova geração, abster-me-hia da tarefa que emprehendi nestes artigos de esboçar o drama.

Desisto, pois, do meu intento. Aquelles que desejam conhecer o trabalho repellido do theatro pelo publico fluminense, devem ler aquelle estudo, em que se revella o pleno conhecimento da esthetica dramatica. Feito o desconto das expansões de enthusiasmo que ao joven escriptor inspira o nome do autor, ahi se acha exposto com a maior lucidez o pensamento da concepção, e esculpidos os principaes caracteres do *Jesuita*.

Limitar-me-hei pois a desvanecer algumas censuras que viéram ao lume da imprensa illustrada.

Quem assistio á representação do drama, ou conhece o seu entrecho, póde aquilatar da inexactidão com que se af-

Loja Independente de Teosofistas

firmou ser o amor de Estevão e Constança um enxerto completamente estranho á acção principal e com elle mal travado. Sem esse affecto tornava-se impossivel o drama. Basta recordar que o ponto culminante da acção, a crise, resulta desse amor; a indignação de Estevão por causa da cruel abnegação que Samuel inspirou á Constança de sacrificar honra e castidade, é que subverte a alma sobrehumana do jesuita, e o abate aos pés do altar.

A grande scena em que o semi-deus volta a ser homem, e confessa-se impotente, não existiria desde que se mutilasse a acção tirando-se o seu mais importante nexo.

Do mesmo quilate é a inculcada inutilidade de alguns personagens.

Os iniciados na arte dramatica sabem que ha dois methodos de exposição scenica, entre os quaes não se póde estabelecer anteriormente a preferencia, pois esta depende geralmente da natureza do assumpto. Um methodo é o da concentração; resume-se a acção nos personagens estrictamente necessarios; essa simplicidade classica lembra a escola grega, onde aliás o chôro dispensava as figuras intermedias. O outro methodo, o shakspeareano, longe de isolar a acção, ao contrario a prende ao movimento geral da sociedade pelo estudo dos caracteres; nas composições deste genero ha personagens alheias ao drama, e que representam a época, o paiz, o centro emfim, do facto posto em scena.

Essas figuras fazem o effeito dos baixos-relevos no soco das estatuas; as scenas em que entram, semelhantes aos escuros da pintura servem para realçar o drama. São pontos de repouso que preparam o espectador para as commoções.

Ora o *Jesuita* sahio tão felizmente urdido no seu contexto que as mesmas figuras secundarias são indispensaveis; cada uma tem em si um fio da acção. Sem D. Juan de Alcalá a noticia da expulsão da Companhia, o facto capital, não

Loja Independente de Teosofistas

chegaria ao Rio de Janeiro ; e sem José Bazilio, que retem o hespanhol, essa noticia em vez de ficar com o dr. Samuel, iria ter ao Conde de Bobadella. Daniel, o cigano, alem de representar um dos elementos da obra revolucionaria do precursor, é quem rapta Constança e a leva ao convento. Garcia, o paraguayo, symbolo da raça indigena, outro elemento da revolução, é a mão implacavel de Samuel que ameaça a vida da innocente donzella, e suspende a catastrophe. Fr. Pedro, o reitor, explica a influencia do medico italiano sobre o Collegio dos Padres; é por elle que o segredo do hespanhol se transmitte ao protogonista.

Resta Ignez, a criada de Samuel, que si não é essencial á acção dramatica, não podia ser dispensada pela verdade artistica. Collocada a scena na habitação do medico italiano, como prescindir de uma caseira ou criado, para receber na ausencia do amo as pessoas que o buscavam? Pretenderão fazer-nos voltar á simplicidade da scena de praça publica, ainda usada por Molière?

Outra pieguice da critica é o horror das scenas á dois. Percorrendo-se os modelos da arte, nota-se que os maiores movimentos dramaticos da escola classica e da romantica se produzem nos dialogos e até nos monologos. Ha excepções, porém raras; ainda quando a scena enche-se, o drama se resume nos protogonistas. Uma das admiraveis creações da musa grega, o Prometheu, não é no juizo competente de G. Planche mais do que um *magestoso monologo*; e entretanto o illustrado critico não hesita em affirmar que o pensamento dominante da obra satisfaz as supremas condições da poesia dramatica.

Minha regra foi e será esta: Sempre que possa, e que a acção o permitta, deve o autor respeitando a verosimilhança, quebrar a monotonia do dialogo, com uma scena mais viva

Loja Independente de Teosofistas

e mais cheia ; isso concorrerá muito para esse contraste de sentimentos e impressões, que abala o espectador, e augmenta a commoção dos lances.

Consistir nisso, porém, o drama, e sacrifical-o aos effeitos de apparato, é o que jamais fará um autor consciencioso, que zela sua reputação litteraria. O theatro não é uma illuminação, uma phantasmagoria, ou uma destas festas venezianas de fogos de artificio e sorprezas deslumbrantes. Ahi os principaes espectadores são o espirito e o coração; e não os olhos e os ouvidos.

É sobretudo esta falsa escola que gradua o drama pelo rumor, pelo painel, pelos effeitos de optica, que a imprensa illustrada deve porfiar em combater, para educar o publico.

Não se lê muito entre nós ; mas a opinião do jornalismo é acatada.

Uma propaganda neste sentido produziria effeitos benefícos. Longe disso, os primeiros orgãos da publicidade sempre benevolos para as peças de espalhatato, guardam sua rebarbativa severidade para as obras litterarias.

Não é exacto, porém, que o *Jesuita* corra sómente, nem geralmente em dialogos.

Ha muitas scenas de tres e quatro personagens ; ha scenas duplas ; e não faltam para encher o palco scenas, como os finaes do 2º, 3º, e 4º actos, que se representam no meio do apparato de soldados e frades. A ultima scena especialmente, concertada como exige a peça, deve ser de grande effeito. A religião em toda sua pompa e solemnidade affrontando o poder das armas.

Perguntou-se em que o casamento de Estevão serviria de obstaculos aos designios de Samuel. O simples amor do mancebo era para o jesuita a alienação desse espirito que elle filiara ao seu e que seria dominado por uma mulher. O casamento importava a impossibilidade da profissão solemne

Loja Independente de Teosofistas

que ligaria o mancebo ao Instituto, e o habilitaria a succeder ao velho no cargo que este occupava, e quem sabe? na suprema direcção da Companhia, como seu geral.

Uma opinião que tem para mim grande peso, já pelo superior talento, já pelo apurado gosto litterario, meu amigo o sr. J. Serra, não me levou a bem a inclusão de José Bazilio no drama, e remetteu-me á critica por mim feita ao sr. Magalhães, Barão de Araguaya, a proposito da Confederação dos Tamoyos.

Não me parece que haja analogia no caso. Anchieta e Estacio de Sá erão figuras principaes do facto cantado no poema. O poeta ou devia prescindir delles, nomeando-os apenas, ou apresental-os em sua magestade historica. Elles não podiam ser baixos relevos ; cumpria talhal-os em estatua.

Outro tanto não se dá com José Bazilio da Gama. Em 1759 não tinha elle sinão 18 annos e era simples noviço; sua individualidade não se tinha formado, e estava bem longe do poeta que veio a ser muitos annos depois. È nestas condições que elle figura no drama; e ninguem dirá que seu papel esteja em contradicção com o caracter historico.

Na biqgraphia do poeta, em seus escriptos e especialmente nas notas ao Uruguay, se encontram os elementos que serviram para o esboço do noviço folgasão e espirituoso, que disfarçava com o motejo e o riso a repugnancia do claustro, e sonhando a liberdade ensaiava nos adejos timidos de sua vocação poetica os vôos epicos.

Ainda penso, que seria indesculpavel ao autor do *Jesuita* si, pondo em scena o *Collegio* do Rio de Janeiro onde vivia José Bazilio, occultasse entre os comparsas o mancebo noviço, e deixasse de aproveitar esse subsidio historico. Shakspeare fez passar mui rapidamente pela scena do seu Henrique VI, o personagem do moço Conde de Richmont, que mais tarde devia ser Henrique VII.

Loja Independente de Teosofistas

Ninguem mais do que eu respeita a memoria do cantor do « Uruguay ». Foi elle dos primeiros que presentiu a poesia brasileira, e influiu-se dessa aura americana, que apezar da nossa origem europea e de nossa admiração pelos grandes modelos, ha de ser a nossa verdadeira musa, o genio indigena, unico fecundo e creador.

Não seria eu pois quem evocasse do passado essa individualidade para abatel-a. Mostrei-a no descuido da juventude; mas já sentindo as azas a despontarem-lhe. Si não me engano, ha certo encanto em ver a obscuridade daquelles a quem o futuro reserva a gloria; é como o esboço de uma estatua que ha de ser.

A figura de Samuel resente-se de exageração? É outro ponto sobre que desejaria ser convencido. Tratando-se de um estudo de costumes, ou de um personagem rigorosamente historico, o reparo seria da maior justeza, embora se podesse invocar o exemplo de Shakspeare. Mas Samuel é um typo; é o ideal de um desses politicos ignotos que do fundo de sua cella agitavam e revolviam o mundo: é a Companhia personificada.

A comica apparencia do conde de Bobadella foi devida á má interpretação do personagem. Governador de animo varonil, energico em suas resoluções, mas de maneiras affaveis, verdadeiro fidalgo, susceptivel de rasgos cavalheirescos, não ha uma scena em que elle não seja grave e circumspecto, ainda mesmo quando cede á ternura paterna.

Quanto á verosimilhança historica do drama, limitar-me-hei a lembrar que a separação das colonias da America, foi um dos sonhos da Companhia, quando sentia que a Europa escapava-lhe.

Por outro lado os assomos de independencia já eram por esse tempo mais vehementes do que geralmente suppõe .Os revoltados de Pernambuco em 1710 pagaram duramente nos

Loja Independente de Teosofistas

carceres do Limoeiro, que para muitos foi sepultura, o grito imprudente do desespero que haviam soltado, quando se viram humilhados pela influencia dos *Mascates*.

Basta. Já demasiei-me acerca de um assumpto de que ninguem mais se occupa.

Li estes dias um convite feito aos autores brasileiros para enviarem suas obras á Exposição do Chile, que projecta a creação de uma bjblotheca internacional. Tive tentações de enviar-lhe um exemplar do *Jesuita* com esta legenda:

« Depois de tres annos de completa mudez do theatro brasileiro, annunciou-se a representação deste drama na imperial côrte do Rio de Janeiro, onde não houve CEM individuos curiosos de conhecerem a producção do escriptor nacional. Isto aconteceu no quinquagesimo terceiro anno de nossa independencia, imperando o sr. D. Pedro II, augusto protector das lettras, e justamente quando se faziam grandes despendios com preparativos para a Exposição de Philadelphia, onde o Brasil vai mostrar o seu PROGRESSO E CIVILISAÇÃO. »

Como, porém, eu estou convencido de que a commissão não enviaria o meu exemplar; e além disso não tenho nenhuma dóze de Coriolano, não realisei meu intento. Aproveitarei todavia a occasião para responder aos illustres membros da commissão pelo mesmo canal do convite, a imprensa.

Que empenho tenho eu brasileiro, que escrevo principalmente para minha patria, e que em cerca de quarenta volumes de minha lavra ainda não produzi uma pagina inspirada por outra musa que não seja o amor e admiração deste nosso Brasil; que empenho tenho eu de ser conhecido pelos habitantes do Chile, si na capital do meu paiz uma reputação (?) ganha com vinte cinco annos de trabalho não presta para dar a um meu drama nem ao menos um publico de curiosidade?

Irei eu brasileiro sollicitar do estrangeiro um apreço que

Loja Independente de Teosofistas

reverteria em condemnação desse ostracismo litterario? Irei eu pedir aos que fallam a lingua hespanhola uma attenção que me negaram ouvidos nacionaes para o nosso fallar portuguez.

Não!

Quando comecei estes artigos era minha intenção suscitar algumas idéas acerca da regeneração do nosso theatro ou antes de sua creação, pois nunca o tivemos; nem alguns esforços individuaes constituem uma litteratura dramatica.

Pensei melhor, porém. As magicas e espalhafatos que se dão na scena fluminense, em todo caso são um esboço de theatro brasileiro, de que sem elles não existiria nem vestigios. Em vez de desacredital-os, devemos animal-os; e fique á boa sociedade o vexame de seu atrazo.

O povo tem um theatro brasileiro; a alta classe frequenta os estrangeiros.

FIM

Loja Independente de Teosofistas

Loja Independente de Teosofistas

ADVERTENCIA

Na primeira representação da *Hecyra*, o publico romano, distrahido por um espectaculo de funambulos, não concorreu ao theatro.

Pondo novamente em scena a sua comedia, Terencio referiu a circumstancia em um prologo e com esta severidade:

Ita populus studio stupidus in funambulo.
Animum occuparat.

O autor do *Jesuita* não tomará estas palavras por epigraphe; recorda-as porém como uma licção para aquelles que taxaram de inaudito o seu procedimento.

A esses talvez applicasse Terencio o epitheto que dirigiu ao povo-rei. O escriptor brasileiro não se julga com tal direito.

Da mesma sorte que a comedia do illustre poeta romano, o *Jesuita*, não foi ouvido, nem julgado: *neque spectari, neque conosci*. O publico fluminense teve para distrahil-o, não um, porém diversos funambulos.

Dando á estampa o drama, julgou o autor indispensavel acompanhal-o dos artigos que suscitou-lhe o eclypse do publico. Antes desses artigos porém transcreveu o juizo critico de um jovem escriptor de grande talento, o sr. Luiz Leitão, que desenvolveu cabalmente o pensamento do *Jesuita*.

Assim fica o leitor habilitado para sentenciar este pleito

Loja Independente de Teosofistas

dramatico; e julgar imparcialmente entre o autor, o publico e os criticos.

O designio dos artigos escriptos pelo autor, foi mostrar o atraso da nossa platéa e o abandono em que as classes mais illustradas vão deixando o theatro, dominado exclusivamente pela chusma.

Não se propoz o autor a exaltar sua obra e apresental-a como digna de applausos e ovações. Quando elle consentio que o *Jesuita* fosse levado a scena, bem sabia que o entregava á indifferença publica.

Si o drama já de si era improprio para nossa platéa habitual, a maneira porque foi representado, a precipitação em exhibil-o sem approvação do autor que não vio um só ensaio; a má distribuição dos papeis; tudo isto justificaria um revez; mas não explica a deserção.

Esta só tem uma razão.

É que o publico fluminense ainda não sabe ser publico, e deixa que um grupo de ardelios usurpe-lhe o nome e os fóros.

Si algum dia o historiador de nossa ainda nascente litteratura, assignalando a decadencia do theatro brasileiro, lembrar-se de attribuil-a aos autores dramaticos, este livro protestará contra a accusação.

A representação do *Jesuita* é a nossa plena justificação. Ella veio provar que o afastamento dos autores dramaticos, não é um egoismo, mas um banimento.

O charlatanismo expulsou a arte do templo.

Dezembro de 1875.

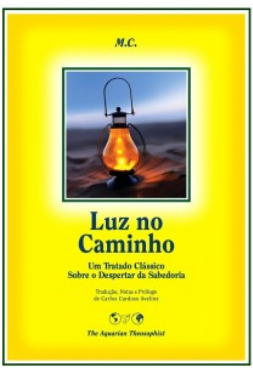
M/665

000

Em 14 de setembro de 2016, depois de uma análise da situação do movimento esotérico internacional, um grupo de estudantes decidiu criar a **Loja Independente de Teosofistas**. Duas das prioridades da **LIT** são tirar lições práticas do passado e construir um futuro saudável.

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de "**Luz no Caminho**", de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por "**The Aquarian Theosophist**".

000